

Coleção
Documentos

85

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHÓ NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS II E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS
PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS*
NOS ii E ANTÔNIO MARIA (1890-
1894)





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA* (1890- 1894)



- 85 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2024



Ficha Técnica

Título: Presenças do Zé Povinho nas páginas dos periódicos *Pontos nos ii* e *Antônio Maria* (1890-1894)

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 85

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: *Pontos nos ii*, 2 jan. 1890 e *Antônio Maria*, 8 jan. 1892.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2024

ISBN – 978-65-89557-99-9

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

ÍNDICE

O Zé: uma representação do povo português / 11

O Zé Povinho e o conturbado primeiro lustro dos anos 1890 (*Pontos nos ii e Antônio Maria*) / 25

Um dia virá talvez em que ele mude de figura e mude também de nome para, em vez de se chamar *Zé Povinho*, se chamar simplesmente *Povo*. Mas muitos impostos novos, novos empréstimos, novos tratados e novos discursos correrão na ampulheta constitucional do tempo antes que chegue esse dia tempestuoso.

Álbum das glórias, v. 1, n. 32, set. 1882.

O ZÉ: UMA REPRESENTAÇÃO DO POVO PORTUGUÊS

Ao final do século XIX, Portugal passava por profundas dificuldades no campo político-ideológico, socioeconômico e financeiro. Um dos fatores que mais agravou a crise portuguesa na década de noventa foi o ultimato britânico estabelecido em janeiro de 1890. O projeto imperialista da Grã-Bretanha de dominar a África de norte a sul não levou em conta as velhas alianças com Portugal, cujos supostos direitos sobre terras localizadas em suas possessões entre Angola e Moçambique, foram desconsiderados, sendo os lusitanos obrigados a abandonar tais pretensões. O ato de ceder à pressão inglesa teria um altíssimo custo político em relação às autoridades públicas portuguesas, gerando o ferrenho espocar da contestação, acirrando-se os espíritos de reivindicação, inclusive tendo estourado uma revolta republicana na cidade do Porto. Perante o ultimato, “se desenharam na opinião portuguesa duas correntes opostas”, ou seja, os “receosos das consequências” que “queriam pactuar desde a primeira hora” e aqueles que entenderam pelo “dever da resistência”, de modo que os britânicos só venceriam pela força”, mas sem a “legitimidade do esbulho”, que impusera aos lusos. Com a revelação do acordo britânico-lusitano, houve “a explosão de uma indignação patriótica exaltada e fremente” e, “na imprensa e nas ruas manifestou-se um sentimento de unanimidade de protesto e de ódio à Inglaterra, que, dentro em breve, atingia a monarquia e o rei”. Estabelecia-se, desse modo, o agravamento da crise, com insistentes trocas de ministérios na constante busca por soluções¹.

¹ GUEDES, Marques. Os últimos tempos da monarquia: 1890 a 1910. In: PERES, Damião (dir.). *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. v. 7. p. 414, 417, 419 e 427-429.

Nesse contexto, “a intimação britânica lançou o país num estado de emotividade próximo da insurreição”, no qual “sucederam-se, com grande espontaneidade, os comícios, as conferências sobre as causas do conflito, os gestos simbólicos de desagravo e as iradas imputações de responsabilidades”, vindo a ser “o ano de 1890 todo de um crescendo de motivos revolucionários”². Assim, o ultimato “desencadeou um movimento de protesto que veio a estar na base da intentona republicana de 31 de janeiro de 1891”, no Porto. No bojo das motivações de tal movimento estiveram também os “condicionantes de média duração”, como a “agudização dos conflitos interimperialistas”, a “grande depressão internacional”, a “crise financeira e política” caracterizada em Portugal “na contestação do livre-cambismo e do rotativismo constitucional e na defesa do chamado trabalho nacional”. Entretanto, “a causa imediata” da insurreição foi “o choque da opinião pública perante a intimação do imperialismo britânico”³.

Desse modo, a partir do ultimato britânico, “republicanos e monárquicos convergiram num protesto veemente” que trazia em si “a válvula de escape de todos os descontentamentos contra a política que se tinha e a sociedade em que se vivia”. Nessa época, não só os republicanos foram às ruas protestar, sendo acompanhados pelos regeneradores que faziam oposição ao gabinete progressista, levando à sua derrubada e a um acirramento ainda mais veemente

² HOMEM, Amadeu Carvalho. *A propaganda republicana (1870-1910)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1990. p. 41 e 43.

³ CATROGA, Fernando. *O republicanismo em Portugal da formação ao 5 de outubro de 1910*. 2.ed. Lisboa: Editorial Notícias, 2000. p. 114-115.

das disputas entre os dois partidos monárquicos. Mas foi no seio do republicanismo que se desencadeou a maior agitação, uma vez que “o desprestígio da monarquia e dos seus governantes convenceu muitos republicanos de que chegara o momento de lhe por fim”. Mas, na perspectiva da insurreição de 1891, o partido republicano português “concluiu que não existiam condições para uma revolução imediata com perspectivas de triunfo e que não bastava a agitação das ruas para garantir a proclamação de uma república”. Assim, “foi sobretudo um grupo de sargentos do Porto, com poucos oficiais e alguns civis que alimentou a ideia da revolta”, mas, “mal planeado o movimento só triunfaría por um bambúrrio da sorte, que não aconteceu” e, em seguida, “a repressão não se fez esperar”⁴.

Nessa conjuntura, naquele início da década de 1890, “a crise da monarquia atingira o ponto mais alto”. O país “sofría os efeitos do traumatismo causado pelo ultimato, que desgastavam o sistema político”, vendo-se envolvido “numa onda de pessimismo que traduzia um grande sofrimento moral”. Nessa linha, “no choque ideológico que se produziu, não eram apenas duas concepções liberais que se defrontavam”, pois, “beneficiado da maior participação popular”, um outro “partido surgia a reclamar a mudança das instituições para a ventura prometida”. Dessa maneira, o republicanismo “defendia o ultramar como parte integrante da nação” e “a monarquia era posta em causa por não ter sabido

⁴ OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. A conjuntura. In: SERRÃO, Joel. & OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. (dir.). *Nova história de Portugal – Portugal e a Regeneração (1851-1900)*. Lisboa: Editorial Presença, 2004. v. 10. p. 508 e 510-511.

defender essas parcelas do corpo nacional", permitindo que os britânicos avançassem em suas práticas imperialistas sobre a África portuguesa⁵.

Diversos dos representantes da imprensa periódica portuguesa tiveram um papel essencial na propagação do espírito de insatisfação e indignação que tomou conta da opinião pública lusa. Dentre esses periódicos estiveram os satírico-humorísticos e ilustrados *O Antônio Maria* e o *Pontos nos ii*. Voltado à caricatura e editado em Lisboa, circulou entre 12 de junho de 1879 e 16 de dezembro de 1899⁶, com uma interrupção nos anos oitenta e noventa, um dos mais importantes jornais caricatos portugueses, *O Antônio Maria*, que de acordo com suas práticas crítico-humorísticas, esteve entre os mais combativos ao *status quo* reinante em Portugal⁷. Seu título era comnicamente alusivo a um político regenerador, Antônio Maria Fontes Pereira de Melo. Em suas páginas ganhou vida o "imortal Zé Povinho", figura representativa do povo lusitano. Tal periódico fez "para o advento da república" mais "do que os outros jornalistas do partido", através de "desenhos flagrantes, ousados e elucidativos", que "eram como catapultas contra o regime"⁸. Nesse sentido, exerceu "vasta influência no espírito público" e, "com a sua pena cáustica, caricaturava a monarquia

⁵ SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal – o terceiro liberalismo (1851-1890)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1986. v. 9. p. 90.

⁶ RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001. v. 1. p. 59-60.

⁷ FRANÇA, José Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976.

⁸ MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1941. p. 101.

agonizante"⁹ e sua ação representou um “novo renascimento da caricatura política em Portugal, marcando a história desta arte, e da política nacional até ao final do século”¹⁰.

Em um jocoso e irônico programa, o semanário caricato pretendia ser uma “síntese do bom senso nacional tocado por um raio alegre do bom sol peninsular” que iluminava a todos. Dizia que a ele não restava “outro remédio, na maioria dos casos, senão ser oposição declarada e franca aos governos, e oposição aberta e sistemática às oposições”, o que não o impossibilitaria “de ser amável uns dias por outros, e cheio de cortesia em todos os números”. Explicava que não vinha “possuído do extremo desejo de derribar as instituições vigentes” logo em seguida, esperando que elas ao menos o assinassem primeiro. Revelando a amplitude de seu público, afirmava que abria “os braços a todos os confrades” que soubessem ler e escrever, ou que tivessem “a ciência de assinar de cruz, pedindo-lhes a honra de o fazerem depositário dos segredos do seu espírito”. Enfim, propunha-se a fazer “em prosa e verso, à pena e a carvão, a silhueta da sociedade portuguesa no último quartel do século dezenove”¹¹.

Por pouco mais de um lustro, a redação de *O Antônio Maria* teria de suspender a sua publicação, época em que foi substituído pelo hebdomadário *Pontos nos ii*, em um título alusivo à expressão cujo significado era o de analisar

⁹ TENGARRINHA, José M. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. p. 239

¹⁰ SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal (na monarquia, 1847/1910)*. Lisboa: Edição Humorgrafe/SECS, 1998. v. 1. p. 202.

¹¹ O ANTONIO MARIA. Lisboa, 12 jun. 1879.

e esclarecer dada circunstância com argúcia. A folha manteria as mesmas características e linha editorial do semanário que substituía e circulou em Lisboa entre 7 de maio de 1885 e 5 de fevereiro de 1891¹². Em sua apresentação, o hebdomadário mostrava uma historieta de Maria que, viúva havia três meses de Antônio, em uma referência à publicação anterior, resolvera tocar a folha sozinha. Dizia que sua meta era a de fazer “rir sem descanso, de boca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos” que fervilhavam pelo país, “como formigas num açucareiro” e, com tais “galhofeiras disposições” vinha à “presença do público ilustrado” pedir “vênia para patentear – em doses o mais homeopáticas possíveis – todos os patuscos acontecimentos” de que tomara “nota no canhenho do seu Antônio, desde o dia em que ele fora chamado abaixo”¹³. Ao retornar, em 1891, *O Antônio Maria* reapresentava-se ao público em uma divertida conversa entre “Antônio, o moderado, e Maria, a irascível”, a qual, até então, estaria a orientar o *Pontos nos ii* e retomava alguns dos elementos programáticos estabelecidos à época da sua gênese¹⁴.

Tanto à época do *Antônio Maria* quanto do *Pontos nos ii*, assim como em outros periódicos que editou, Rafael Bordalo Pinheiro deu amplo espaço ao personagem que criou para representar o povo luso. O Zé Povinho surgiu a partir da inspiração de Bordalo Pinheiro, um dos mais importantes caricaturistas de Portugal, cuja obra influenciou sobremaneira a manifestação artística

¹² RAFAEL, Gina Guedes & SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portugueses do século XIX*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002. v. 2. p. 179.

¹³ PONTOS NOS ii. Lisboa, 7 maio 1885.

¹⁴ O ANTONIO MARIA. Lisboa, 5 mar. 1891.

caricatural não só em seu país, mas igualmente no Brasil, lugar no qual ele também exerceu sua profissão¹⁵. Em 1875, a artista luso desenhou “um personagem com aspecto saloio, a ser ludibriado pelos políticos”, nascendo em tal ano “o principal herói da caricatura portuguesa, um ícone que marcará toda a existência satírica” lusa¹⁶. O caricaturista português, “como obra prima e companheiro de sua saga crítica”, promoveu a criação da “síntese do povo português, o homem desconfiado, mas ingênuo, o revoltado, mas indiferente, o alegre, mas saudoso – o Zé Povinho”¹⁷. Nesse sentido, o Zé surge como um indivíduo “espertalhaço, rebelde, mas resignado, apático muitas vezes, quase covarde”, tornando-se “a vítima ideal dos malefícios dos políticos, mas também crítico mordaz, capaz de perceber, denunciar e de dar a volta a situações”¹⁸.

¹⁵ Sobre Rafael Bordalo Pinheiro, o criador do Zé Povinho, além das referências citadas, ver também: PINTO, Manoel de Sousa. *Bordallo e a caricatura*. In: *Raphael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1915. p. VII-LXXXVII.; BRITO, J. J. Gomes de. *Rafael Bordalo Pinheiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920.; NEVES, Álvaro. *Rafael Bordalo Pinheiro – achegas para a sua biografia artística*. Lisboa: Tip. da Empresa *Diário de Notícias*, 1922.; FERRÃO, Julieta. *Rafael Bordalo Pinheiro e a crítica*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.; LIMA, Sebastião de Magalhães. *Rafael Bordalo Pinheiro: moralizador político e social*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.; FERRÃO, Julieta. *Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1945)*. Lisboa: Editora Litoral, 1946.; FRANÇA, José-Augusto. *O essencial sobre Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.; PROENÇA, Maria Cândida & MANIQUE, Antônio Pedro (orgs.). *O Antônio Maria, a Paródia, Rafael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Publicações Alfa, 1990.; e MASCARENHAS, João Mário. *Rafael Bordalo Pinheiro: o cidadão e o artista: cronologia do inventor do humor português*. Lisboa: Câmara Municipal, 2005.

¹⁶ SOUSA, 1998. v. 1. p. 172.

¹⁷ SOUSA, Osvaldo de. *A caricatura política em Portugal*. Lisboa: Salão Nacional de Caricatura, 1991. p. 35.

¹⁸ PIMENTEL, Rui. *O Zé Povinho e outras caricaturas*. Lisboa: Câmara Municipal, 2004. p. 5.

Esse Zé, além de aparecer “como *ser imaginário*”, não deixa de ser “por isso menos real e realista, no qual se pode descortinar, para além da sua especial função satírica ou lúdica, um intuito evidentemente bem conseguido de personificar tradicionalmente” o povo¹⁹. Ele constitui “uma sinopse da própria mentalidade do povo que o engendrou e nele, através de um (duplo) diminutivo tão revelador, se tornou” um “símbolo totêmico”, como um “rosto bronco de um pascácio rural” e um “campônio mal vestido, de barba rala, colete e chapéu preto braguês, de rústico, calças de fazenda ruim, mãos nos bolsos, riso alvar, espécie de resignado Sancho Pança sem D. Quixote”²⁰. Como uma “figura cultural e psíquica coletiva”, o Zé Povo torna-se “mito e imaginário”, mexendo com “imaginação e afetividade”, vindo a constituir “modelo nacional e figura historicamente situada”, além de “tradução profunda de sonhos, obsessões, anseios, tropismos, fobias, medos, aspirações, paixões, rotinas”, entre outros. Ele aparece como “homem crédulo e incrédulo, submisso e revoltado, humilde e orgulhoso, abúlico e voluntarioso, indiferente e compassivo, egoísta e duvidoso, azedo e bonacheirão”, vindo a operar “diversas coincidências de opostos que nem sempre têm a sua realização dialética”²¹.

¹⁹ MEDINA, João de. O Zé Povinho, caricatura do “*homo lusitanus*”: estudo de história das mentalidades. In: *Estudos em homenagem a Jorge Borges de Macedo*. Lisboa: INIC, 1992. p. 448.

²⁰ MEDINA, João. No 130º aniversário do Zé Povinho: Rafael Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho, autocaricatura do português. In: *Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa, n. 4, 2005, p. 355.

²¹ MEDINA, 1992. p. 449-450.

Tal figura representou um “símbolo popular, meio rústico meio urbano”, assim como uma “vítima da sociedade constituída tanto como objeto demagógico dela própria e sua possibilidade”²². O Zé Povo é “menos uma projeção do que um reflexo”, de modo que, “menos do que encarnar desejos ou necessidades, ele reflete os acidentes do dia a dia”, referindo-se “ao experimentado” e “a uma *práxis* sofrida”. O personagem tornou-se “símbolo da submissão e da paciência” e “também de uma proteção confortável” para suportar “as cangalhas numerosas” que lhes são impostas²³. Transpassado de Portugal para o Brasil, o Zé Povinho transformou-se “num emblema de um povo e do seu modo de estar, sentir e ser”, desprovido “de espírito crítico”, bem como “indolente, ignaro, suportando com paciência inerte todos os desmandos”, daqueles que detinham o poder. Ele aparece “como um simplório passivo que segue, entre divertido e irritado”, o cenário político nacional. A criação de Bordalo Pinheiro expandiu-se, “com espantosa celeridade” e “o boneco pegou na caricatura”, com a aceitação dentre os caricaturistas de sua “função estereotípica do emblema como símbolo” popular, “sem que para tal fosse preciso uma mínima explicação didática, chegando a constituir um “protótipo nacional”²⁴.

²² FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: caricaturista político*. Lisboa: Terra Livre, 1976. p. 21.

²³ FRANÇA, José-Augusto. *Rafael Bordalo Pinheiro: o português tal e qual*. 3.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2007. p. 282-283.

²⁴ MEDINA, João. *Caricatura em Portugal: Rafael Bordalo Pinheiro – pai do Zé Povinho*. Lisboa: Edições Colibri, 2008. p. 48 e 86.

O próprio Bordalo Pinheiro, em seu *Álbum das glórias*, edição que apresentou vários personagens da vida pública ao final do século XIX, colocando entre eles a imagem do próprio Zé Povinho, identificado ironicamente como “o soberano”, o qual foi, em tal publicação²⁵, assim definido por *João Ribaixo* – pseudônimo do escritor português José Duarte Ramalho Ortigão –:

Brinca brincando esta criança tem hoje perto de cinquenta anos de idade!

Não consta que jamais as graças da infância se houvessem conservado por tão longo tempo num homem como fenomenalmente se conservam no sujeito que hoje biografamos.

Nele concorrem em feliz conjunto todas as partes que nos enlevam e encantam no *bom menino*: – Casta inocência, temor de Deus, obediência a seus mestres, humildade, nariz por assoar, dor de barriga às segundas-feiras, e santíssima ignorância.

Aos carinhosos desvelos de sua extremosa mãe, a Carta, e de seu galhofeiro pai, o Parlamentarismo, se deve o estado miraculoso de infantilidade que tão vantajosamente recomenda este vulto à simpatia e ao espanto de todo o mundo.

Eis em resumo a instrutiva história de portento tão admirável e prodigioso:

Zé Povinho começava apenas a ter-se nas pernas, cambadas pelos esforços feitos para se pôr em pé antes de tempo, quando os poderes seus pais, pondo-o à porta das instituições na franca direção do olho da rua, lhe fizeram este memorável discurso:

“Zezinho, vai passear.

Nós teus pais, depois de havermos cogitado com diurna e noturna aplicação sobre o que mais convém à tua felicidade, resolvemos de comum acordo que o melhor dote que se te podia dar era a liberdade, pois que a

²⁵ PINHEIRO, Rafael Bordalo. *Álbum das glórias*, v. 1, n. 32, set. 1882.

liberdade é, como bem dizem os filósofos, o maior dos bens, superior ao próprio ouro.

Sê pois livre, e capacita-te de que vais muito mais bem convidado com a licença que para isso te conferimos do que com três ou quatro pintos que te metêssemos no bolso!

Escola não a tens, porque te poderia fazer mal o puxar muito pela cabeça nos estudos, e lá diz o ditado que antes burro vivo, como tu estás, do que doutor morto, como tão frequentemente se tem visto.

Tenhas tu a graça de Deus Nossa Senhor, que é o que se pretende! e essa divina graça, lá está o reverendo pároco da tua freguesia, encarregado de te dar, se lhe pagares a côngrua e te chegares a ele pelas festas com o competente folar, ou seja, em bebida engarrafada, em lombo animal suíno, em pão de ló coberto, ou em outro qualquer mimo comestível e de estimação.

Para manter o teu direito e defender a tua justiça encontrarás também os tribunais competentes, com advogados idôneos para discursarem a teu respeito pela gratificação de seis moedas, vestindo-se a túnica alva e luminosa da inocência ou amarrando-te à perna a grilheta do forçado, segundo sejas tu que dês as seis moedas, ou seja a parte contrária que as dê.

Para guardar tua pessoa e bens, concedemos-te o exército, a armada e a polícia civil.

Por meio do exército terás uma ou duas paradas por ano, se o tempo permitir essa recreação honesta sem perigo de se deteriorarem com a chuva ou ventres dos maiores.

Por meio da armada terás as salvas reais por ocasião dos aniversários patrióticos, e tiros no Tejo de quarto em quarto de hora sempre que morra príncipe, para o fim de lembrar aos viventes que não foi esse mesmo príncipe que em vida inventou a pólvora que se lhe consagra em morto.

Por meio da polícia, enfim, te será mantido o direito sagrado de receber como um dom dos céus toda a bordoadas que te apliquem e que ninguém mais ousará retirar-te do corpo, levando-se a delicadeza contigo nestas questões até o ponto de não somente se te não exigir que retribuas com o menor tabefe todas as tundas que te deem, mas até de se sepultarem no fundo de uma masmorra caso insistas indelicadamente em qualquer ideia de troco a dar aos cascudos com que liberal e desinteressadamente te mimoseiem.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)*

Enquanto ao governo incumbido de assegurar a manutenção e a persistência de toda esta caranguejola tão engenhosamente concebida para tua satisfação e recreio, serás tu mesmo que por tua mão o elegerás, metendo escrito num papel o nome daquele que destinares para poder executivo dentro de uma caixa, que para esse fim tomará por vinte e quatro horas a designação de *urna* a fim de que tu possas dizer que *vais à urna*; pois se dissesse que *ias à caixa*, o ato eleitoral perderia de sua gravidade e tornar-se-ia jocoso em demasia. Para o fim de te dar o papel com o nome do sujeito que hás de meter à urna e que nós nos encarregamos de te confeccionar, lá está um funcionário especial intitulado o Regedor.

Para continuares a gozar o sumo bem da liberdade que te outorgamos, tu não tens que ter senão o pequeno incômodo de pagar tudo o que isto custa, e de dar os vivas do estilo, sempre que a ocasião se ofereça, ao príncipe, à real família e às instituições que vigem à tua custa.

Finalmente sempre que precisares do que quer que seja, trata de o ganhar, porque ninguém te dá nada. Adeus, Zezinho! vai-te com Nossa Senhora."

Crescido, Zé Povinho correspondeu perfeitamente às esperanças que nele se depositaram os solícitos poderes do reino. Como desenvolvimentos de cabeça a ele está pouco mais ou menos como se o tivessem desmamado ontem.

De músculos, porém, de epiderme e de coiro, engrossou, endureceu e calejou como se quer, e, cumprindo com brio a missão, que lhe cabe, ele paga e sua satisfatoriamente.

De resto, dorme, reza e dá os vivas que são precisos.

Um dia virá talvez em que ele mude de figura e mude também de nome para, em vez de se chamar *Zé Povinho*, se chamar simplesmente *Povo*. Mas muitos impostos novos, novos empréstimos, novos tratados e novos discursos correrão na ampulheta constitucional do tempo antes que chegue esse dia tempestuoso.

Por tudo pois, ao resumirmos nestes leves traços, a interessante história do Zé Povinho, o nosso parabém cordial a seus sábios e carinhosos pais os Públicos Poderes.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O ZÉ POVINHO E O CONTURBADO
PRIMEIRO LUSTRO DOS ANOS 1890
(*PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA*)

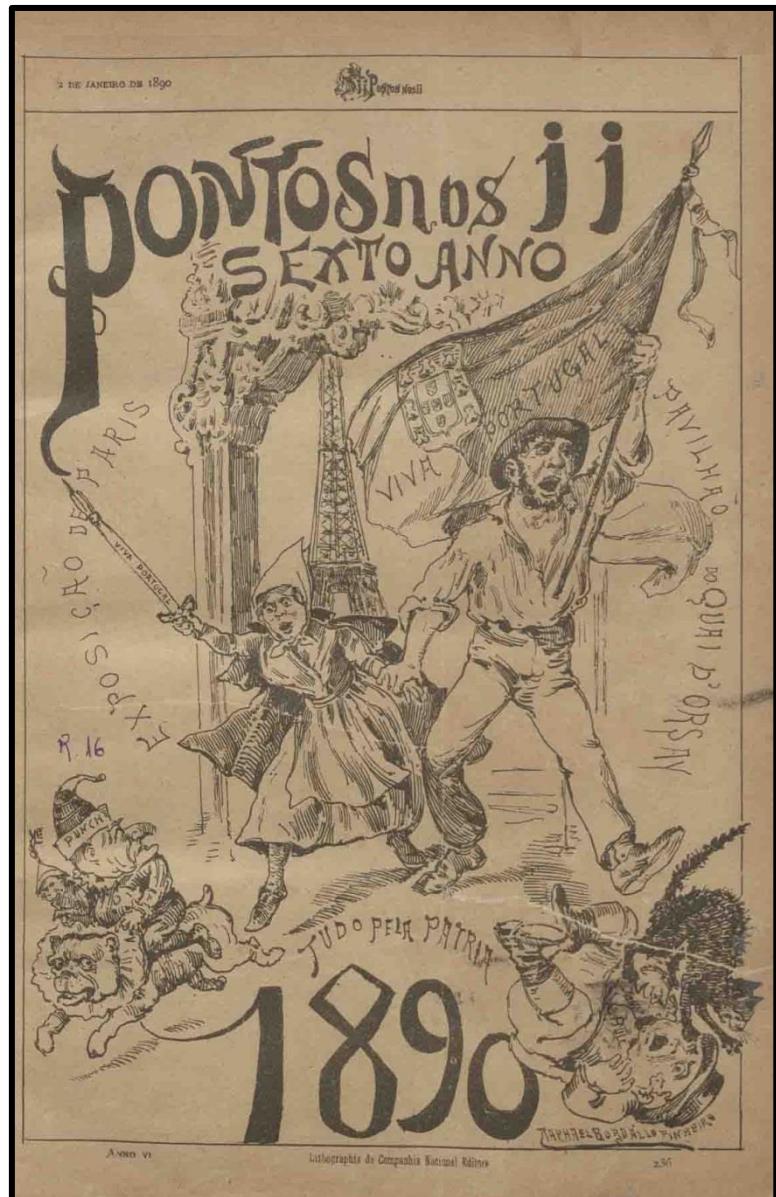
Nos anos que compuseram o primeiro lustro que se seguiu ao ultimato britânico, no *Pontos nos ii* e no *Antônio Maria*, Bordalo Pinheiro lançou mão por diversas vezes de seu personagem caricatural, constituindo a atitude inglesa e suas consequências, oportunidades para que o Zé Povinho manifestasse as suas características as mais marcantes. Tal personalidade surgia como um ferrenho crítico do imperialismo britânico, mas também como implacável algoz do governo luso e suas tergiversações perante a prevalência da diplomacia da força praticada pela Grã-Bretanha para com Portugal. O espírito antimonárquico manifesto por Bordalo Pinheiro nos tantos periódicos que editou aflorava em essência naquele momento histórico, dando vez e voz à indignação que tomava conta das ruas, tendo em vista a passividade governamental frente à pressão da “terrível Albion”, que não tinha nenhum escrúpulo para massacrar os interesses de seu “secular aliado”, menosprezando e desprestigiando a nação portuguesa. Além disso, o personagem popular aparecia em suas características intrínsecas para sofrer com as ações governativas, bem como julgá-las, apontando para as mazelas e os malfeitos que afigiam o povo português. A recorrente presença do Zé Povinho nas várias edições dos dois periódicos ilustrados e humorísticos lisbonenses, referentes ao período de um lustro, entre 1890 e 1894, bem demonstram esse sentido de repulsa e insatisfação que marcou boa parte da opinião pública lusa em tal contexto.

Antes mesmo do ato que demarcou o ultimato britânico, na edição de abertura do sexto ano do hebdomadário, a 2 de janeiro de 1890, o Zé Povinho figurava de mãos dadas com outra figura simbólica, a Maria, unindo forças em

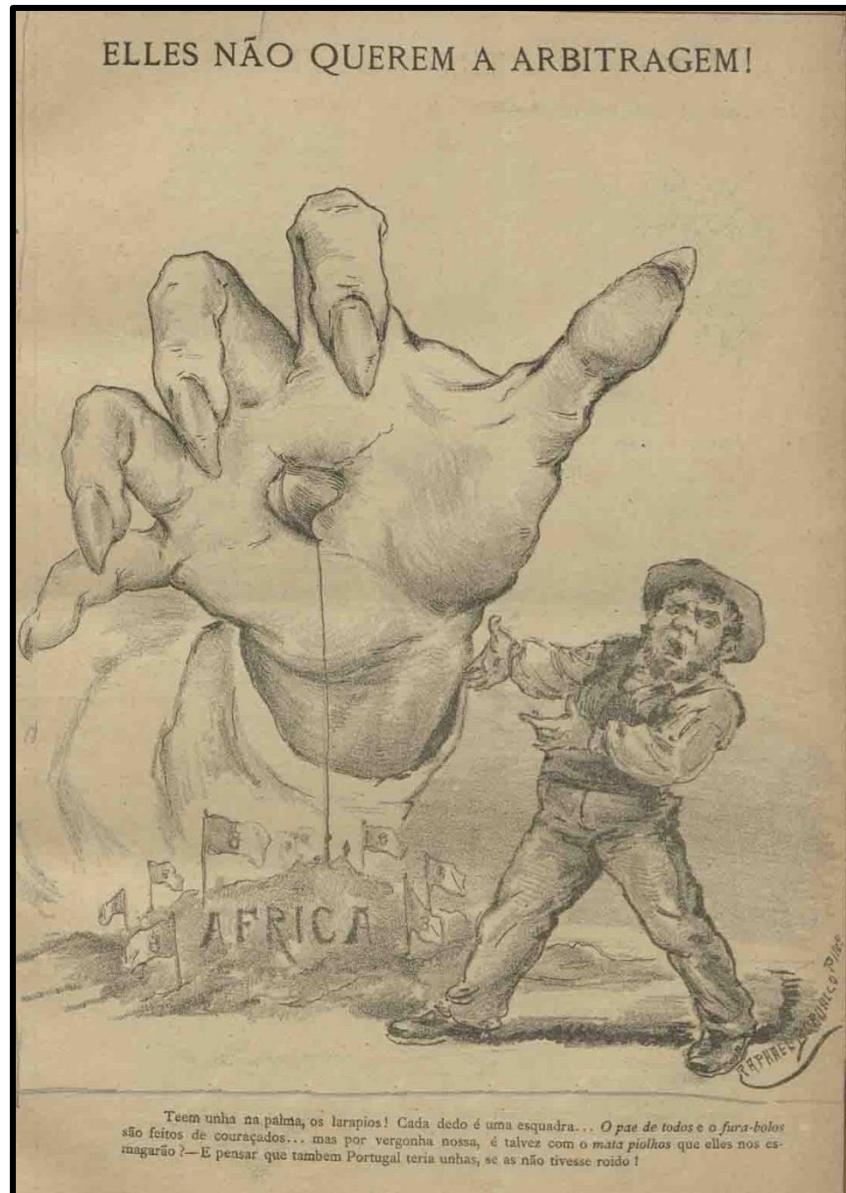
nome da pátria, ele sustentando o pavilhão nacional e ela a espada que homenageava Portugal, enquanto, com seu entusiasmo, espantavam a representação da revista britânica *Punch* e deitavam por terra John Bull, a personificação da Grã-Bretanha e de suas práticas imperialistas²⁶. Na edição seguinte, o Zé demonstrava toda a sua indignação com uma manopla britânica que avançava sobre os territórios lusitanos na África, acusando as injustiças da diplomacia da canhoneira empregada em larga escala pelos ingleses, comparando a força bélica e naval dos mesmos a unhas e os perigos que elas representavam, vindo com saudosismo a lamentar que Portugal já tivera unhas, mas as havia roído, em alusão aos desmandos governamentais que ao longo do tempo levara ao enfraquecimento do reino luso. Em outra caricatura, o periódico comparava as atitudes britânicas a um ato de pirataria, e buscava demonstrar a passividade governamental portuguesa com a presença do rei luso simplesmente entregando quinhões da posse colonial africana à rainha da Grã-Bretanha, enquanto calcavam aos pés um Zé Povinho desfalecido e caído no chão. O diálogo entre os monarcas revelava a longa trajetória histórica do predomínio inglês, a fraqueza da realeza lusitana e o olhar preconceituoso sobre o povo português. A esperança em uma reação popular no futuro se manifestou por meio do Zé Povo, de chicote à mão, em ato enfurecido, expulsando várias representações do John Bull, ao passo que o periódico chegava a concitar que estalasse uma “guerra de Portugal à Inglaterra”²⁷.

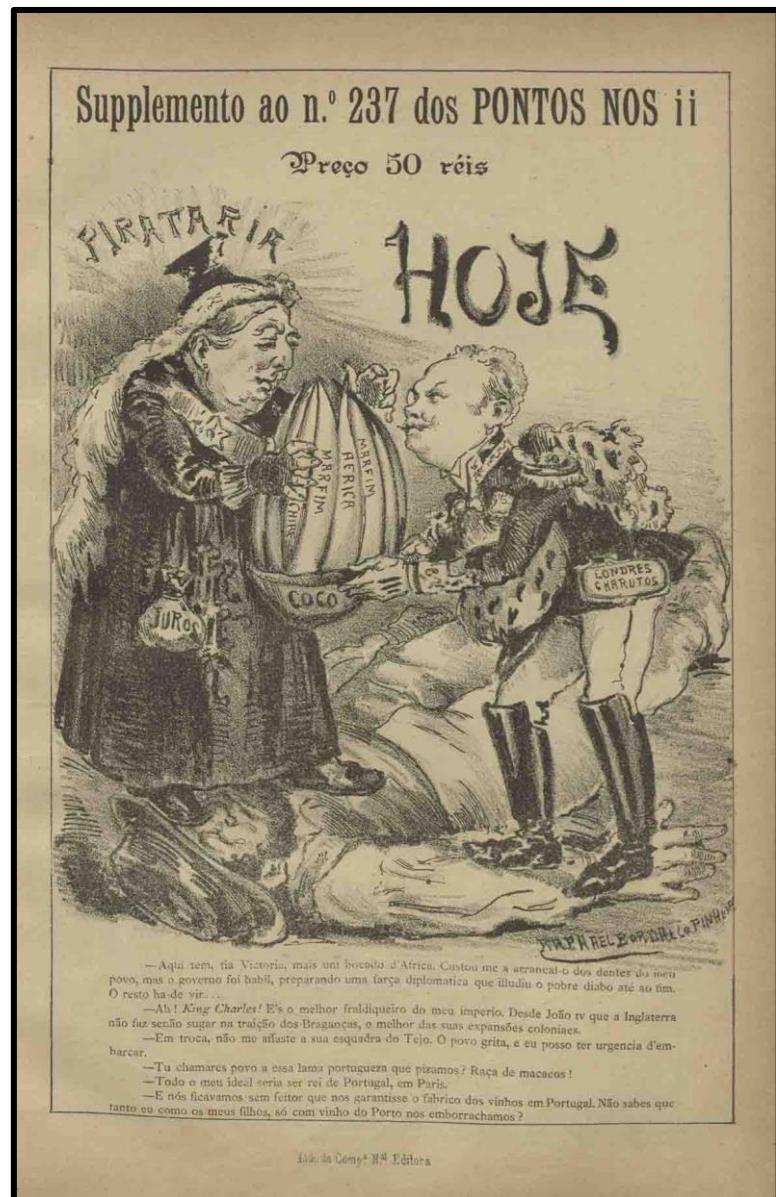
²⁶ PONTOS NOS ii. Lisboa, 2 jan. 1890.

²⁷ PONTOS NOS ii. Lisboa, 9 jan. 1890.

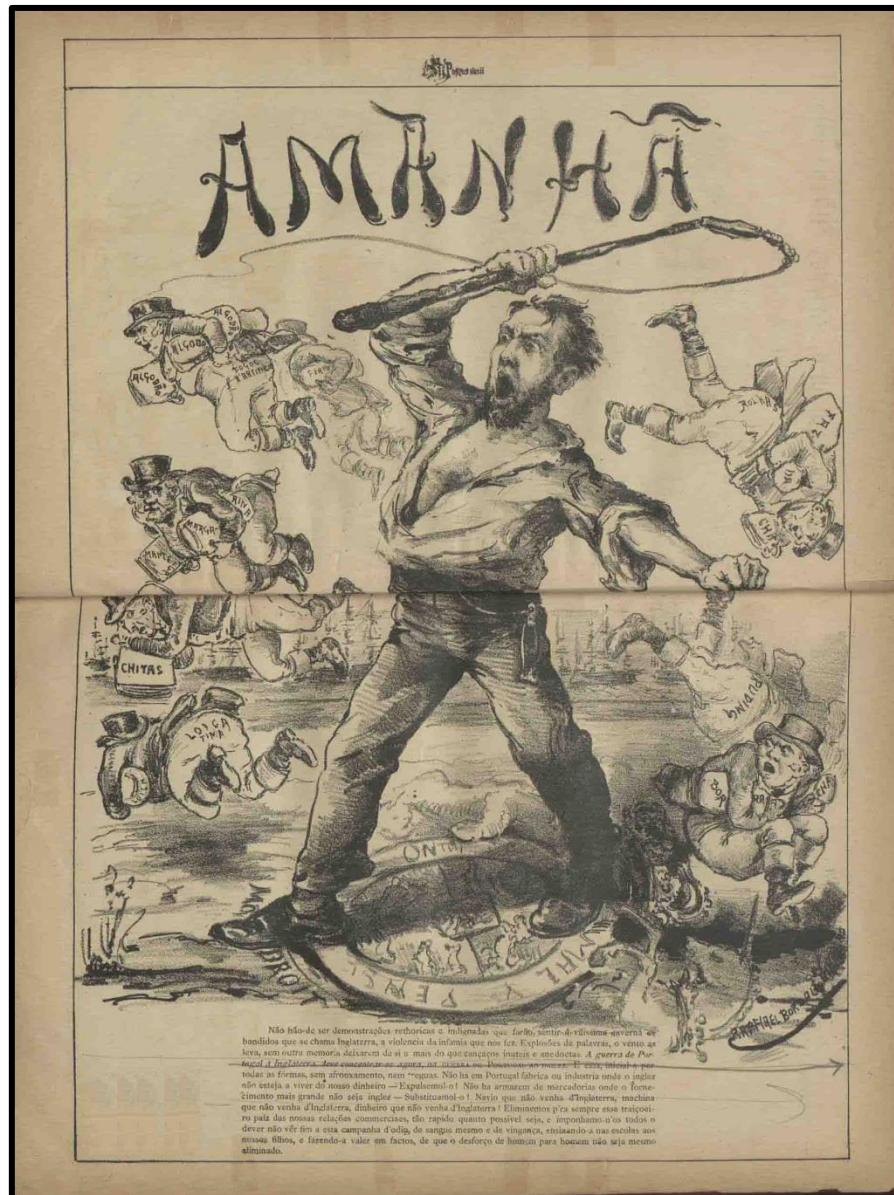


PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)

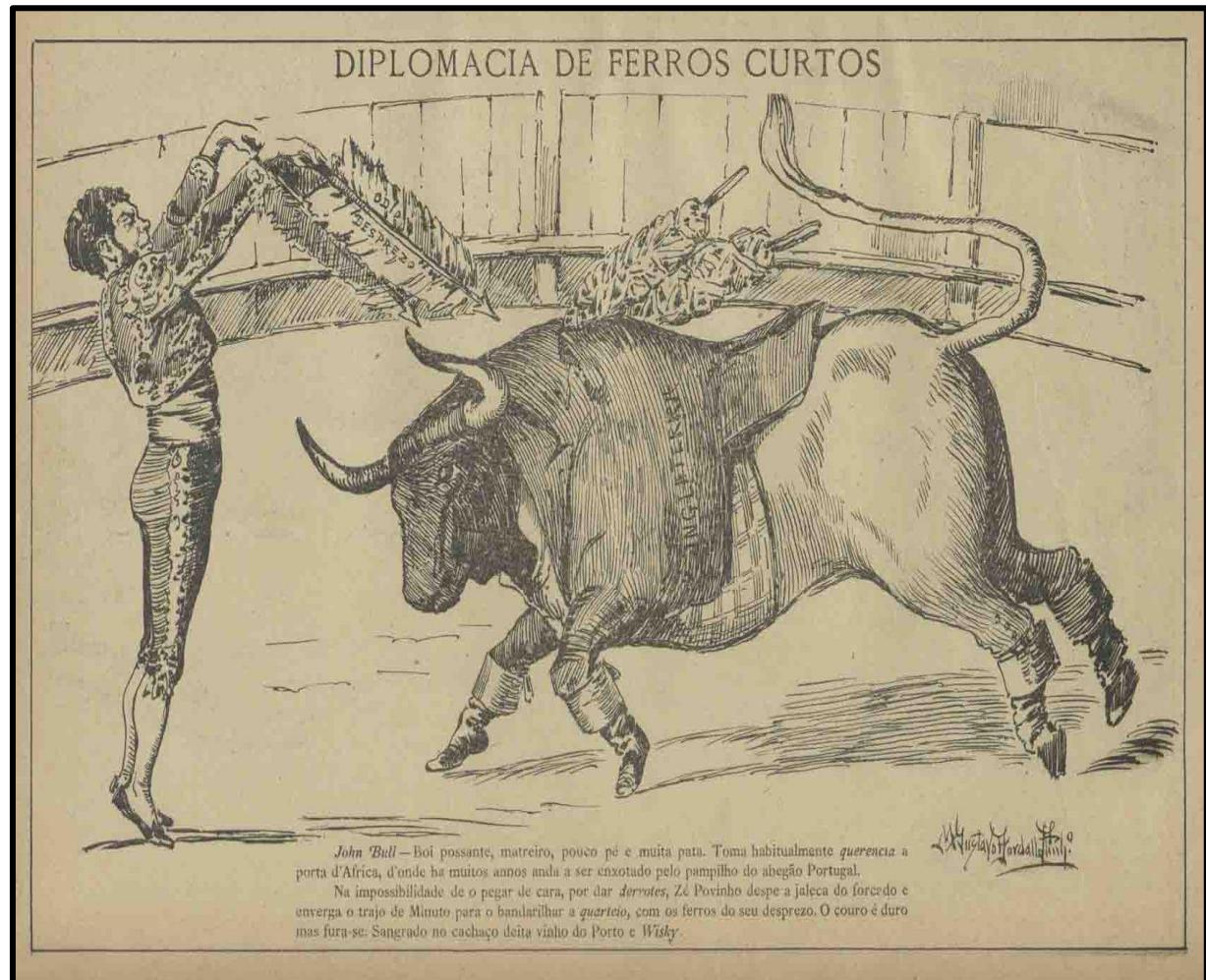


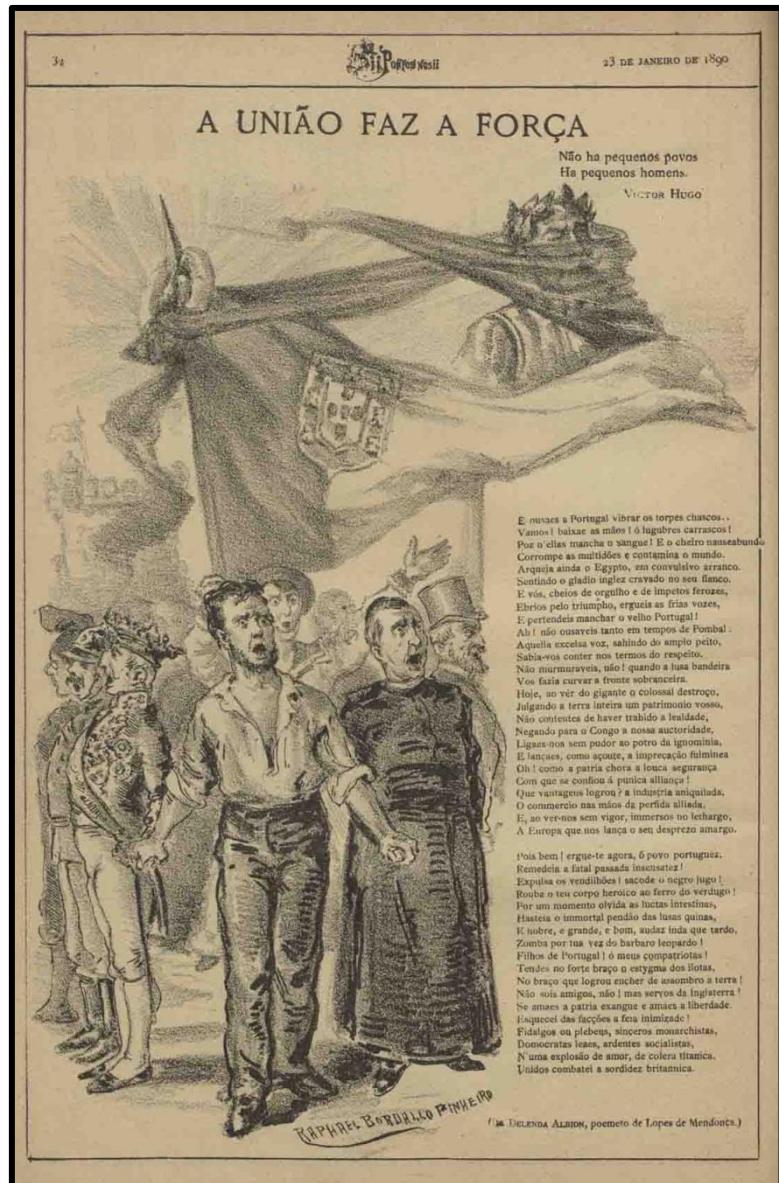
A perspectiva de uma vitória sobre os britânicos era também representada em caricatura intitulada “Diplomacia de ferros curtos” que tratava de uma atração bastante popular em Portugal – a tourada – na qual John Bull era metamorfoseado em um touro, conservando as vestes e as botas, ao passo que Zé Povinho trajava-se de toureiro e punha-se a enfrentar a figura táurea, espetando-lhe os ferros do “ódio” e do “desprezo”, fazendo-o sangrar, em atitude de reação à agressão inglesa²⁸. O periódico conclamava à união de todos os portugueses para resistirem à ação britânica, por meio da publicação de poemas, acompanhado de desenho em que o pavilhão nacional predominava, junto de um crepe, em sinal de luto, que cobria o busto de Camões, enquanto, no solo, Zé Povinho liderava um grupo composto por vários segmentos da sociedade lusa, como clero, militares, aristocratas e burgueses, que, como uma só voz, mobilizavam-se na cruzada anti-britânica²⁹. A respeito da mobilização em torno da reação contrária à Albion, o Zé surgia travestido de personagem shakespeariano, reclamando que as reuniões com tal fim não chegavam a qualquer atitude prática, restringindo-se apenas a discussões vazias de ação. Associando as monarquias ibéricas ao imobilismo perante o imperialismo inglês, o *Pontos nos ii* mostrava os possíveis destinos escatológicos para tais reinados, apresentando a simbologia da morte e da república, ao passo que o prato principal devorado pelos personagens majestáticos era o próprio Zé Povinho³⁰.

²⁸ PONTOS NOS ii. Lisboa, 16 jan. 1890.

²⁹ PONTOS NOS ii. Lisboa, 23 jan. 1890.

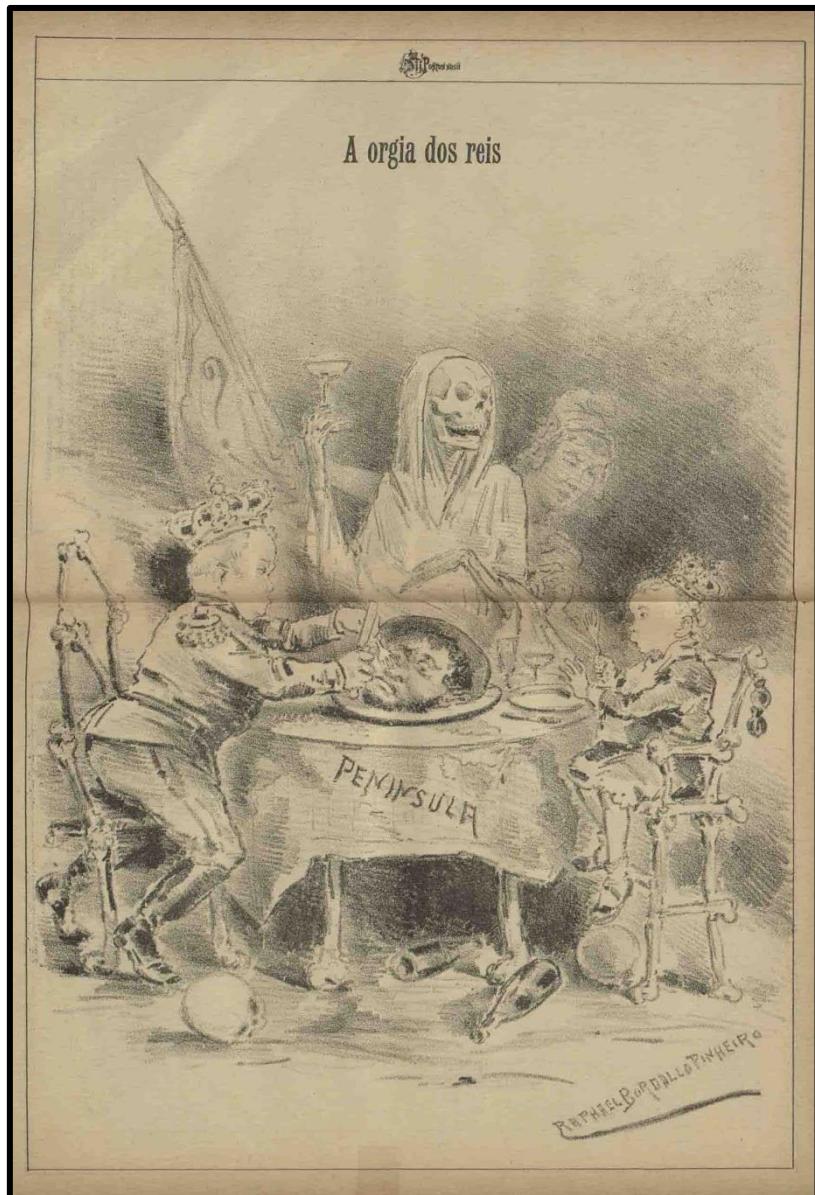
³⁰ PONTOS NOS ii. Lisboa, 30 jan. 1890.





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)



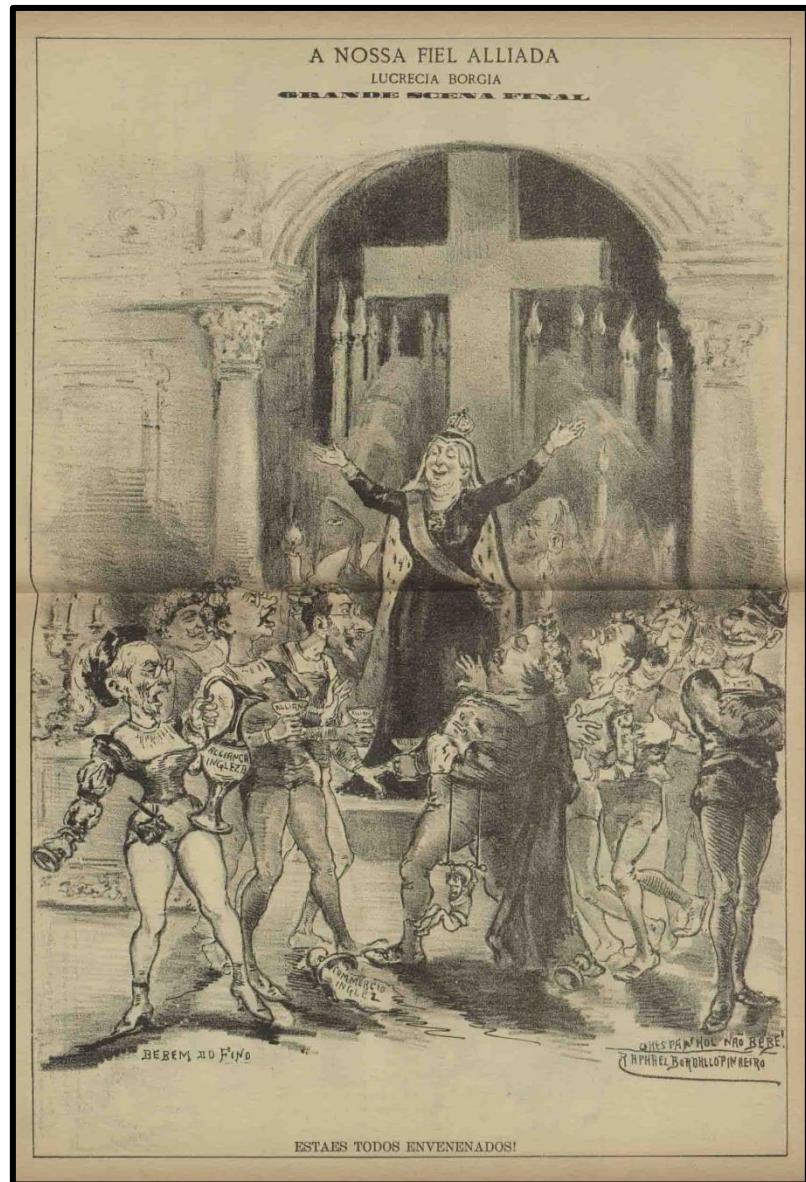


Em caricatura carregada de ironia, a Grã-Bretanha era identificada como a “fiel aliada” dos lusos, apresentando a rainha da potência como sinônimo de traição, sendo servida a vários homens públicos lusitanos uma bebida denominada “aliança inglesa”, terminando por revelar que, em verdade tratava-se de veneno. Nesse quadro, o Zé Povinho aparecia como uma figura minúscula, transformada em marionete por parte dos políticos. O Zé viria também a reclamar da perfídia de alguns portugueses na mobilização anti-britânica, como no caso de um comerciante que garantira não comprar produto inglês, mas que falhara em tal promessa, para proveito de John Bull que sorria ao tirar a máscara da tal falsificação³¹. Diante da “grande manifestação” por realizar em oposição à Grã-Bretanha, o periódico lançava mão de uma “cantiga antiga”, de cunho popular, tentando buscar identificar em tal movimento “o que faz Zé Povinho”, apresentando-lhe em toda a sua indignação, mas que, diante da preeminência britânica sobre o governo luso e da repressão governamental promovida contra possíveis manifestações, o personagem que representava o povo luso, acabava por restringir-se à inação³². Em outra gravura a repressão era mais uma vez representada com um militar ameaçando o Zé Povinho, mas com ambos tomados por tremedeira diante das possíveis reações do adversário. Os atos repressivos e o desencadear do processo eleitoral foram designados por meio da conversa entre o Zé e a Maria, os dois personagens que traziam em si a simbologia da população portuguesa e do próprio periódico³³.

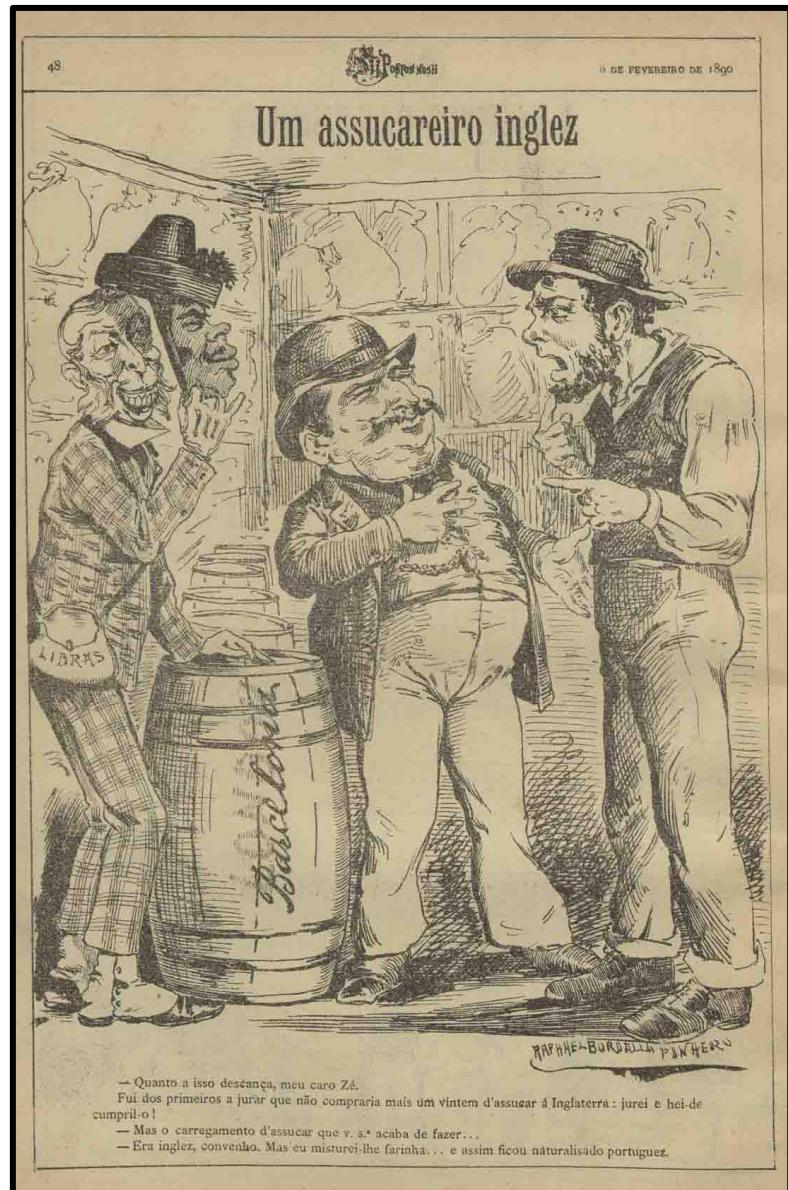
³¹ PONTOS NOS ii. Lisboa, 6 fev. 1890.

³² PONTOS NOS ii. Lisboa, 13 fev. 1890.

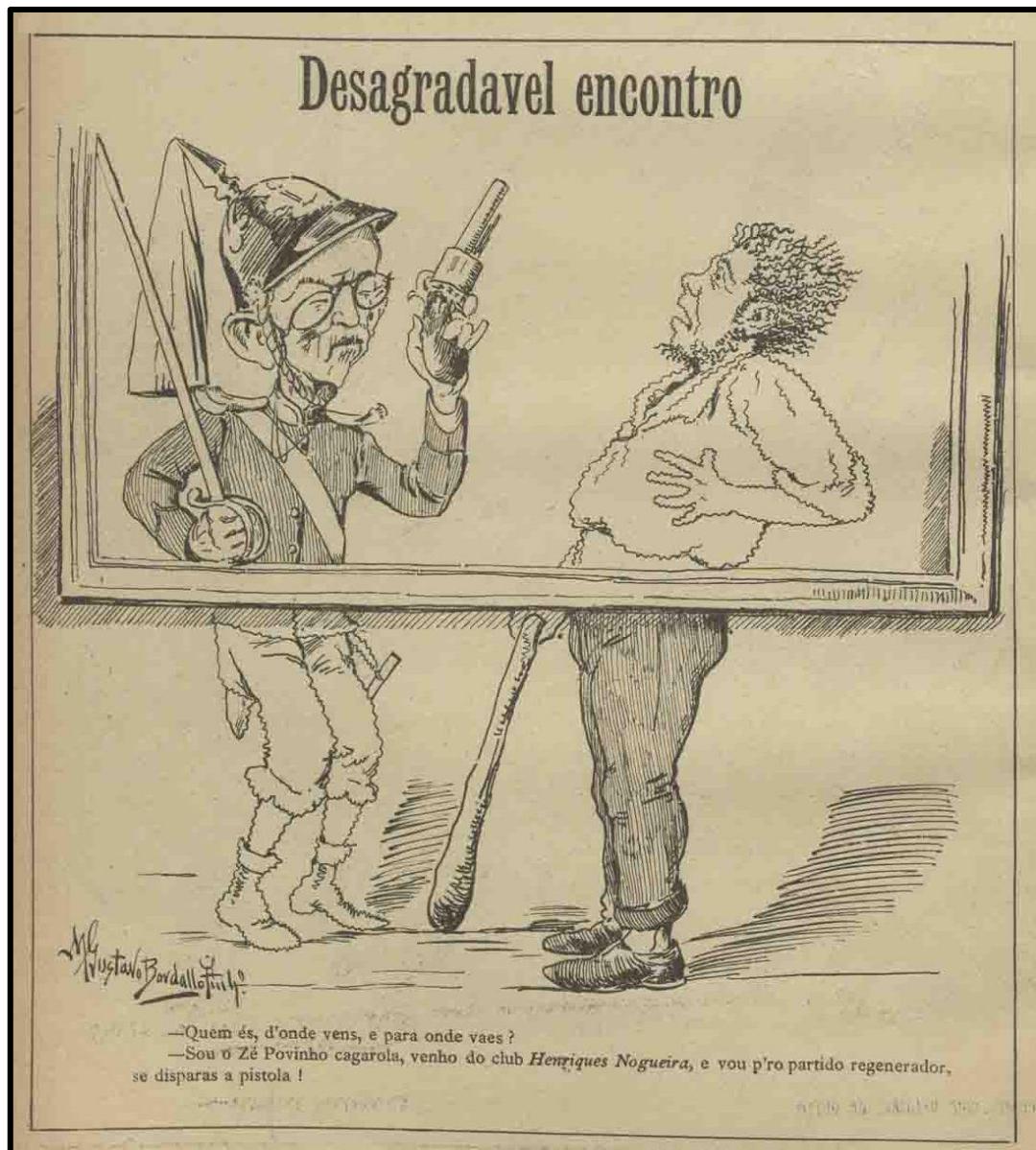
³³ PONTOS NOS ii. Lisboa, 22 fev. 1890.

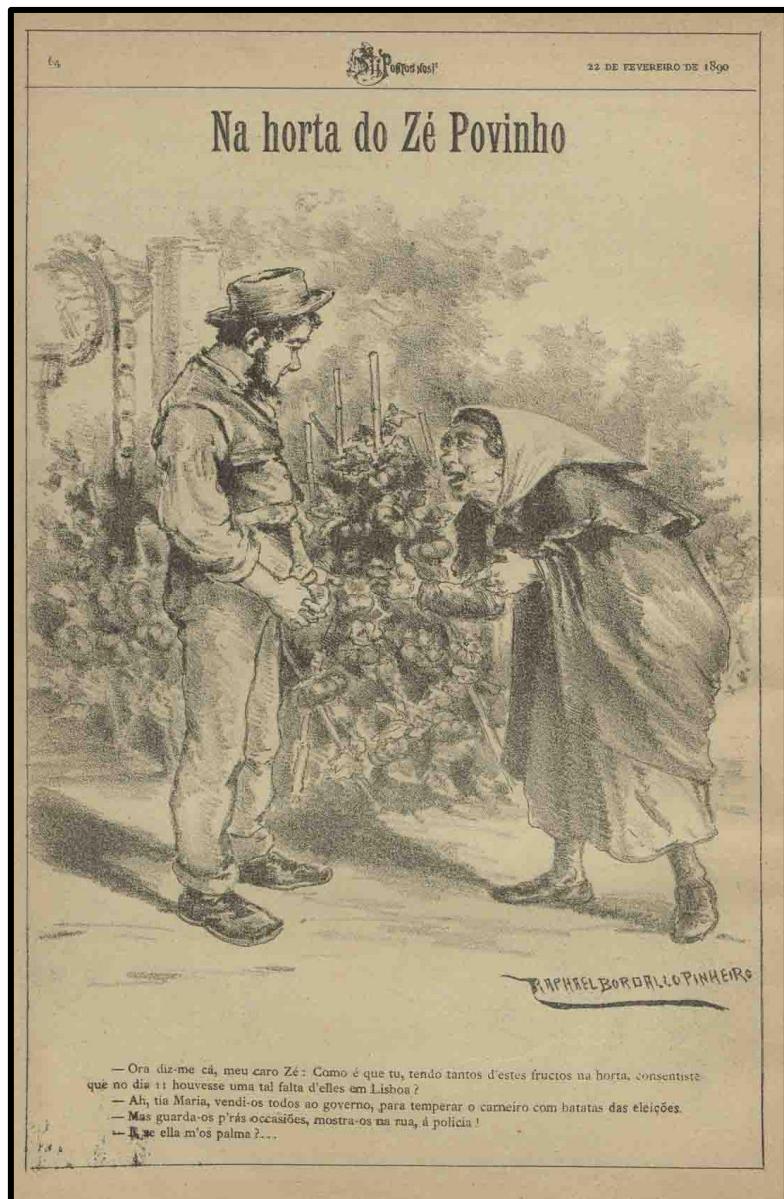


PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)









Sob o título “Três atitudes diferentes”, o semanário lisbonense voltava a se referir à repressão governamental, buscando demonstrar que a ação do governo contra o povo fora despótica, acorrentando os manifestantes entre eles o Zé Povinho, ao passo que as autoridades públicas lusas tiveram uma atuação servilíssima perante a Inglaterra, com os homens públicos se colocando em posição de submissão diante da rainha britânica. Ao centro aparecia a terceira atitude, idealizada pelo periódico, na qual o Zé carregava a bandeira nacional e ostentava o peito aberto com a inscrição “pró-pátria”, pronto para enfrentar o inimigo³⁴. O Zé Povinho aparecia também no formato de um brinquedo, que era encerrado em uma caixa pelos governantes, denominados de tiranos, que, além de aprisioná-lo, arrolhavam-no, no sentido de evitar a expansão de uma voz revolucionária. Os políticos cobriam a caixa e a cercavam de soldados de chumbo, julgando o Zé aprisionado, por “toda a força do seu despotismo”. Ao final, prevalecia a esperança do hebdomadário pelo espocar da revolta popular, com o brinquedo-Zé saltando da caixa, em plena indignação, derrubando para longe seus repressores³⁵. Por outro lado, o Zé Povinho era representado como uma figura “impotente”, amarrado e agrilhoado junto ao pavilhão nacional, sem poder dar vasão à sua raiva perante a ação efetiva dos ingleses nas possessões lusas na África, que contrastava com a atuação pífia da diplomacia portuguesa em Londres, infrutífera em obter resultados favoráveis aos interesses lusitanos³⁶.

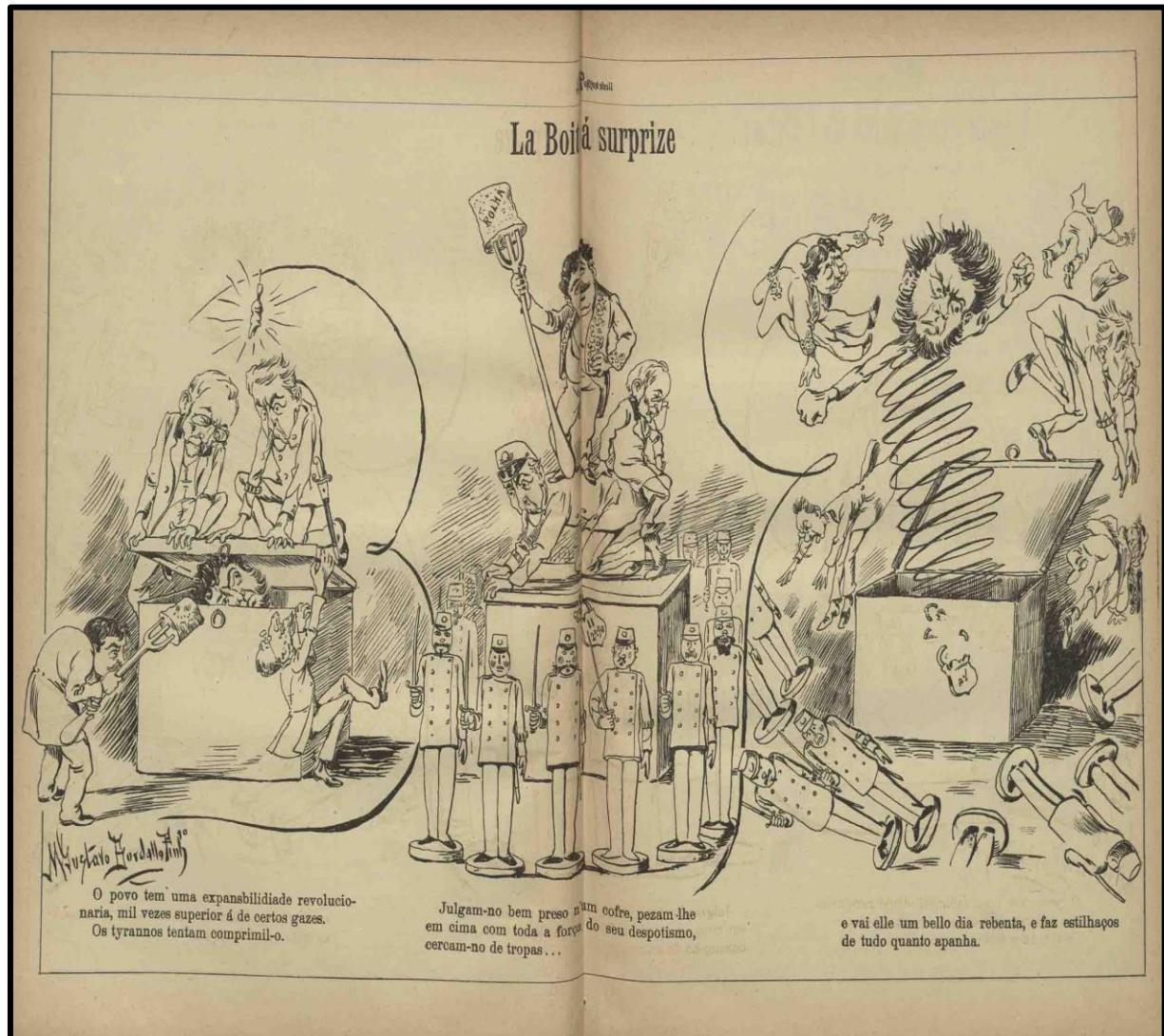
³⁴ PONTOS NOS ii. Lisboa, 27 fev. 1890.

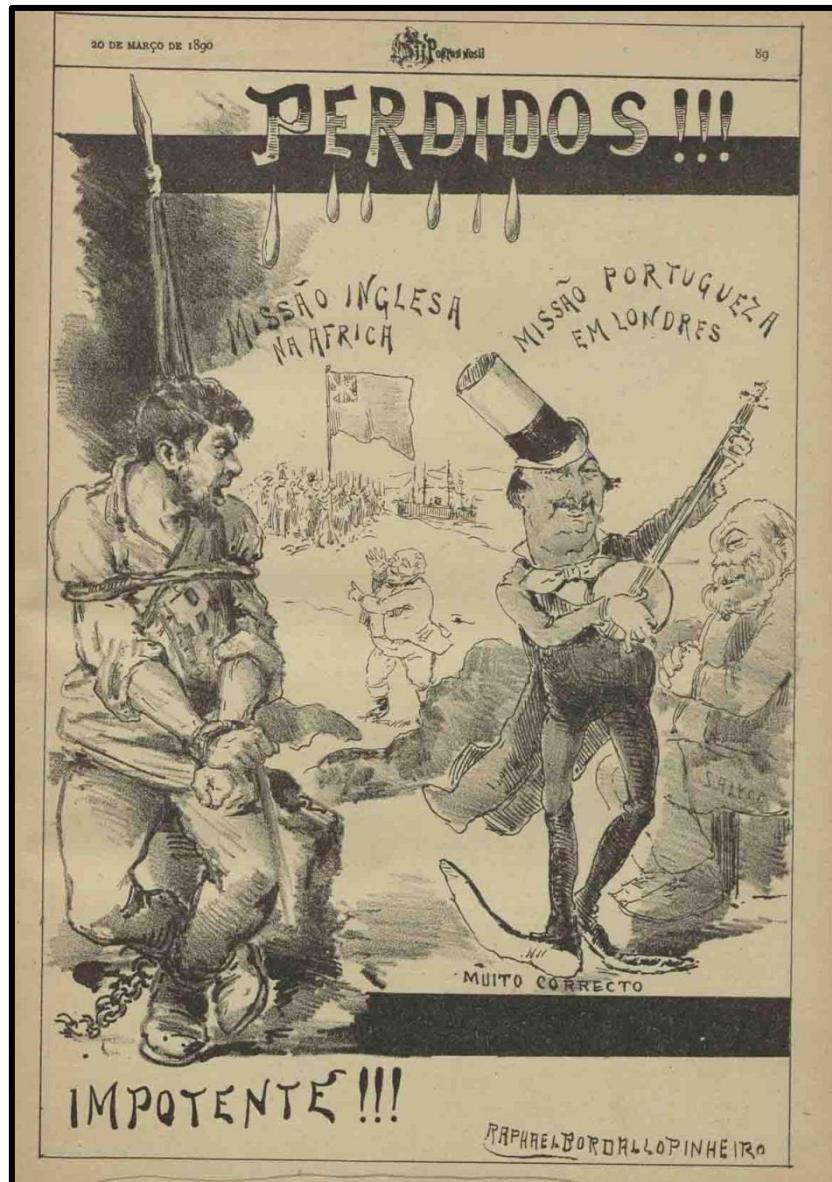
³⁵ PONTOS NOS ii. Lisboa, 6 mar. 1890.

³⁶ PONTOS NOS ii. Lisboa, 20 mar. 1890.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)

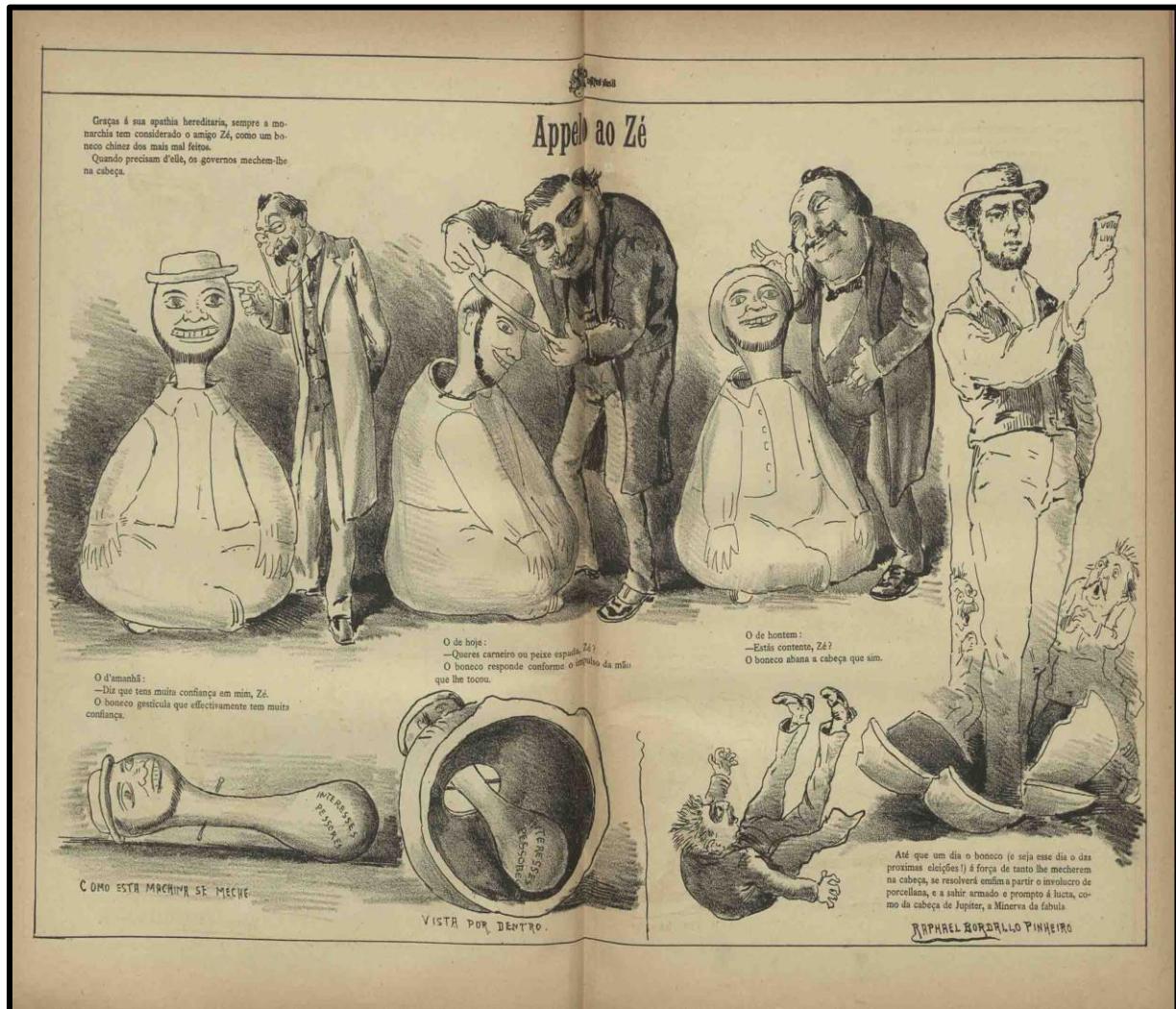




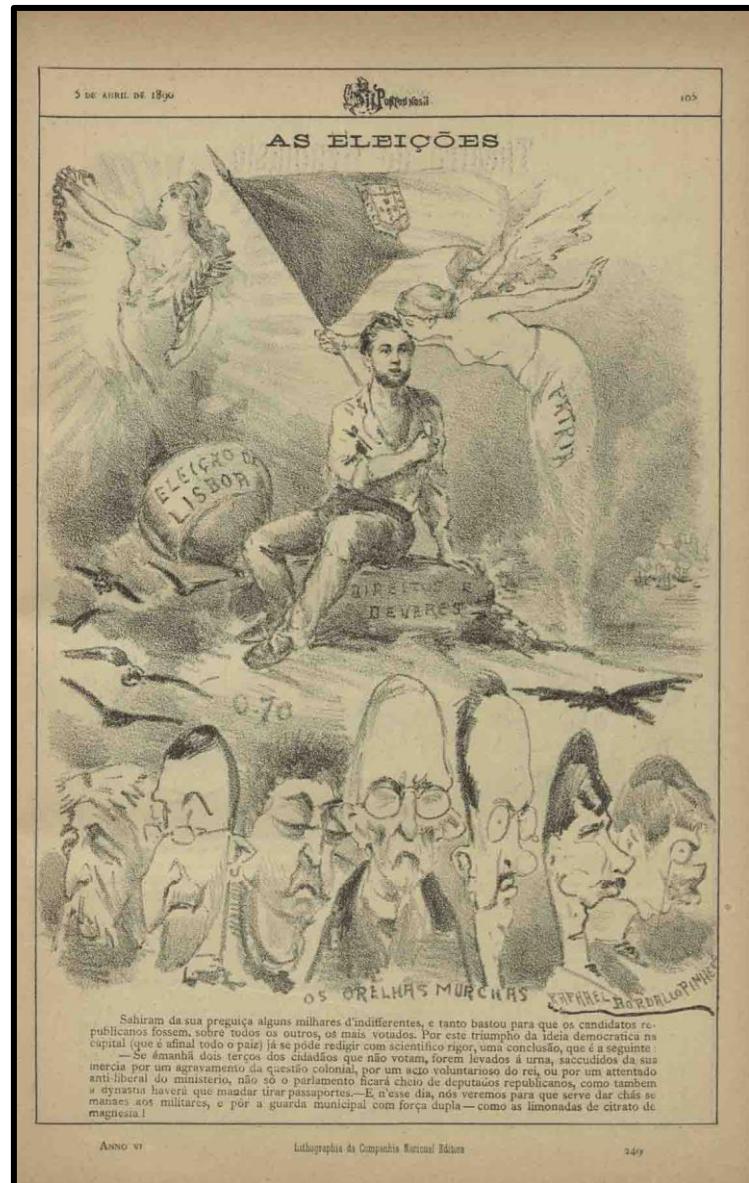
Na criação caricatural, Zé Povinho, devido “à sua apatia hereditária”, era mais uma vez comparado a um brinquedo cuja cabeça era moldada pelos governantes. Cada um dos políticos dava ordens ao boneco, exigindo que ele obedecesse incondicionalmente, até que o Zé se revoltava, assumia formato humano e rompia com os homens públicos, derrubando-os e assustando-os³⁷. Em época de eleições, Zé Povo aparecia revigorado, retomando forças para enfrentar as adversidades, sob as bênçãos de duas figuras femininas que representavam a pátria e a liberdade, para desespero dos políticos. Na mesma ocasião eleitoral, a ascensão do Zé assumia até mesmo feições calcadas na religiosidade – bem a contento com a época de semana santa que demarcava o momento –, sendo ele comparado ao salvador, enquanto aqueles que disputavam o poder eram apresentados como romanos espavoridos diante da imagem iluminada que ascendia. O próprio rei surgia nas páginas do periódico a esforçar-se para encher um balão de borracha, em alusão à busca de êxitos eleitorais, mas acabava por ser atrapalhado em seu intento graças à intervenção do Zé Povinho³⁸.

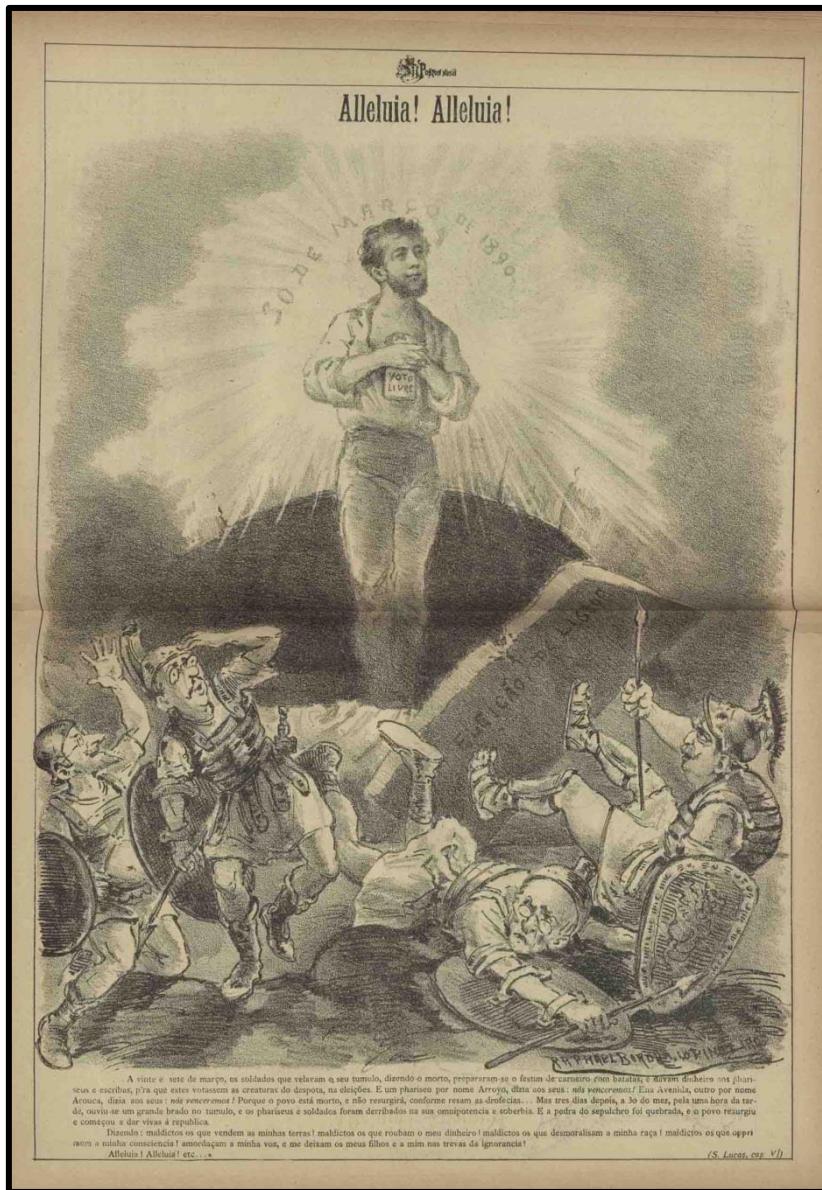
³⁷ PONTOS NOS ii. Lisboa, 27 mar. 1890.

³⁸ PONTOS NOS ii. Lisboa, 3 abr. 1890.

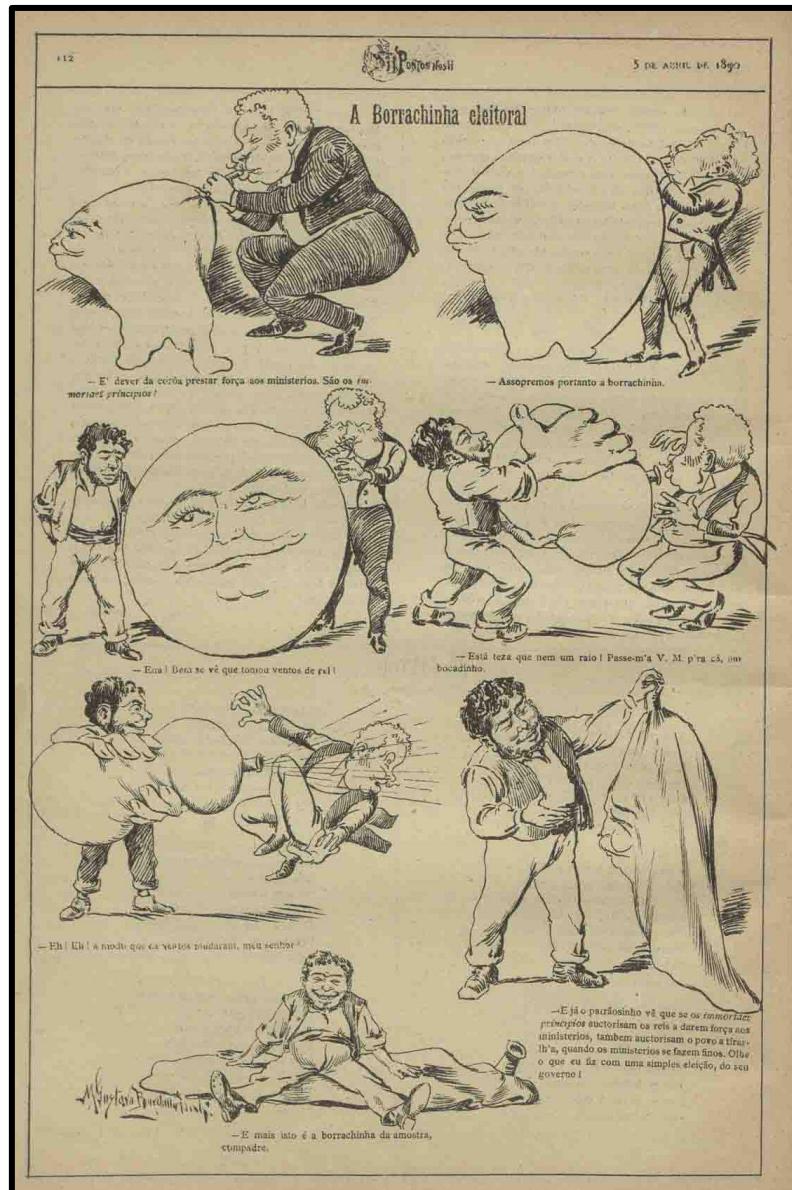


PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



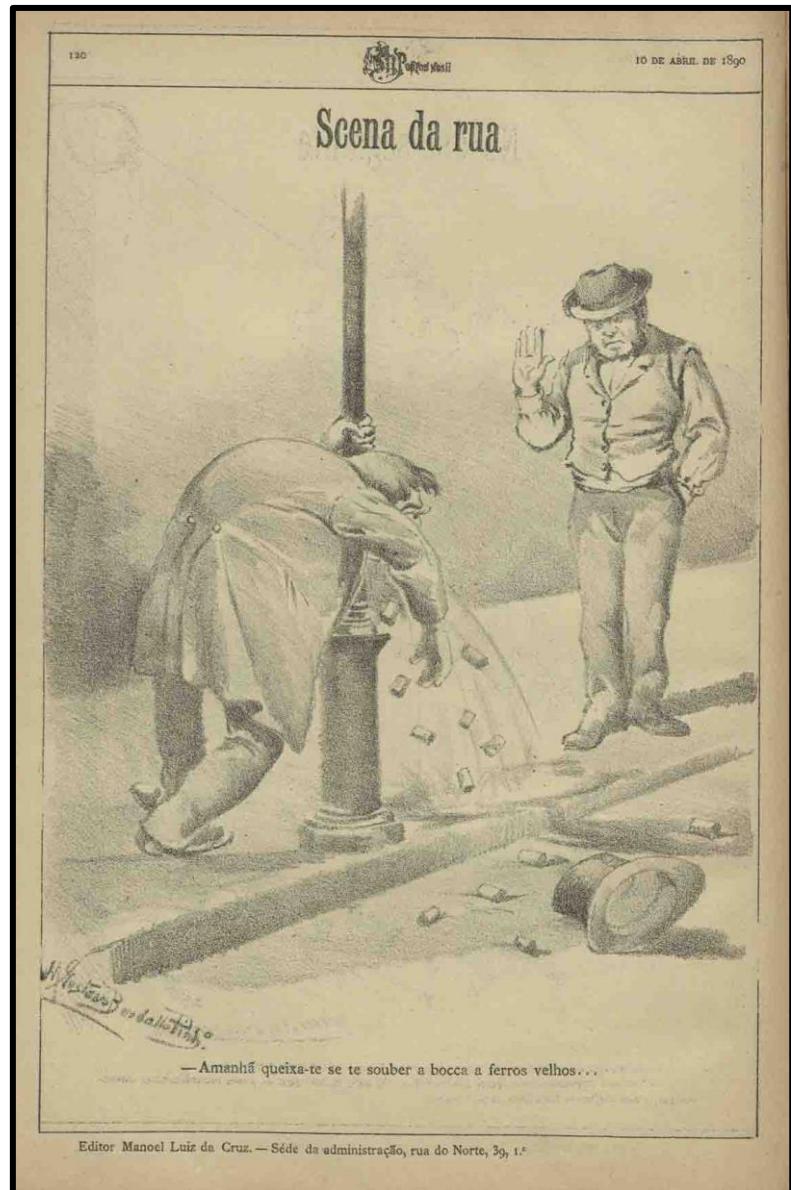
A participação popular nas eleições como um possível caminho libertário, a qual era propugnada pelo periódico como um ideal a ser alcançado, em seguida cairia por terra, tendo em vista as ações repressivas governamentais. As restrições à liberdade, principalmente a de imprensa, foram denunciadas pelo semanário, o qual se utilizou largamente da “rolha”, símbolo da coerção à livre expressão. Nesse sentido, a “rolha” apareceu rotineiramente nas páginas do *Pontos nos ii*, com jornalistas e mesmo cidadãos em geral sendo amplamente perseguidos, arrolhados e até enforcados, foi o caso da presença do Zé Povinho que, em uma “cena de rua”, encontrava um indivíduo que vomitava rolhas, lamentando por tal condição³⁹. O hebdoadário permaneceu denunciando as atividades coercitivas ainda ao mostrar o Zé na busca por apontar os males que afigiam o país, inclusive as disputas imperialistas com a Inglaterra, mas sendo silenciado pela repressão policial, enquanto o monarca simplesmente virada as costas, despreocupado com tais circunstâncias⁴⁰. As proibições persistiram e o Zé Povinho, enquanto cozinhava seu feijão, aparecia provocativo, reagindo à possibilidade de que as autoridades viessem a coibir até mesmo “a música dos pobres”⁴¹.

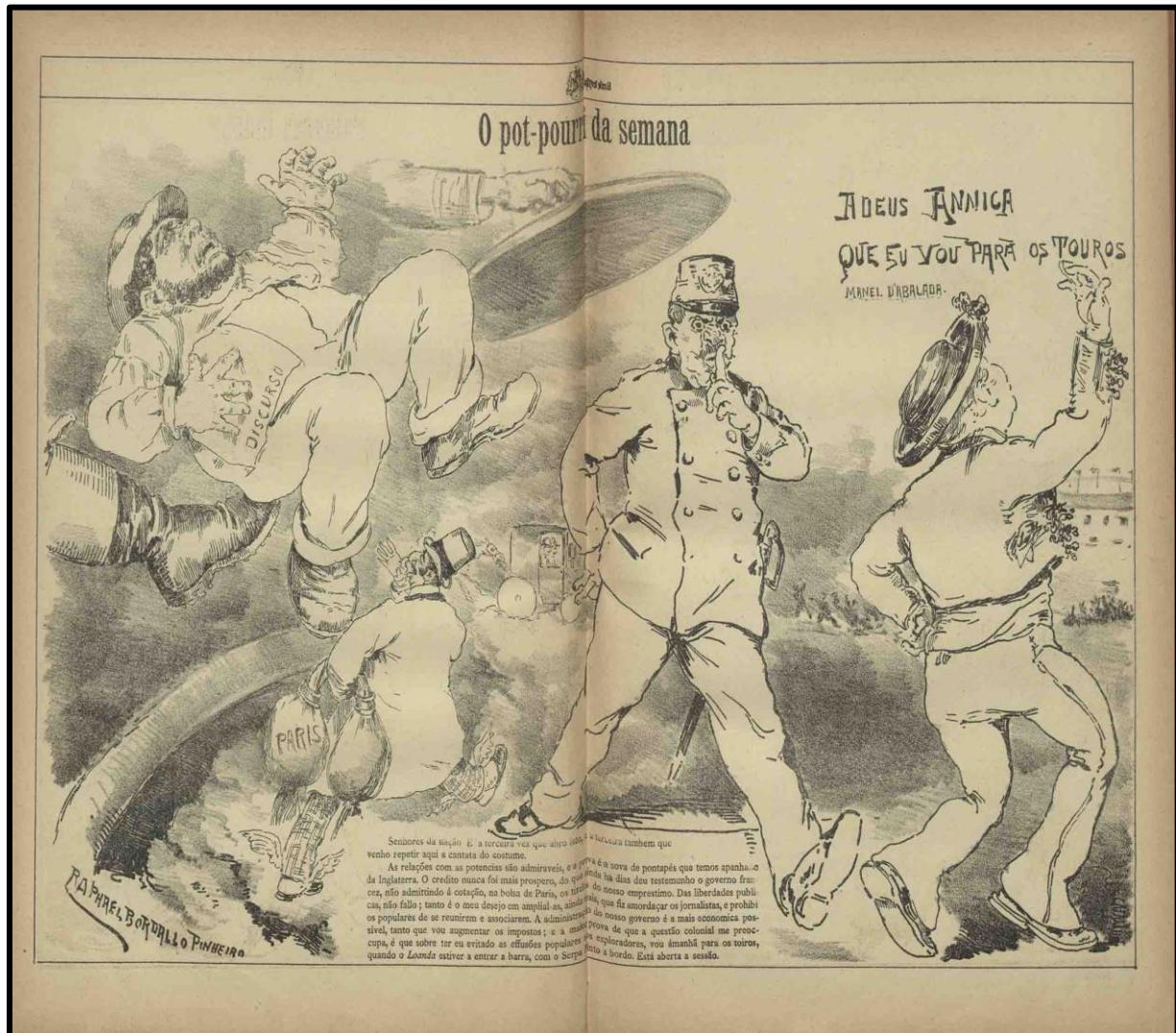
³⁹ PONTOS NOS ii. Lisboa, 10 abr. 1890.

⁴⁰ PONTOS NOS ii. Lisboa, 24 abr. 1890.

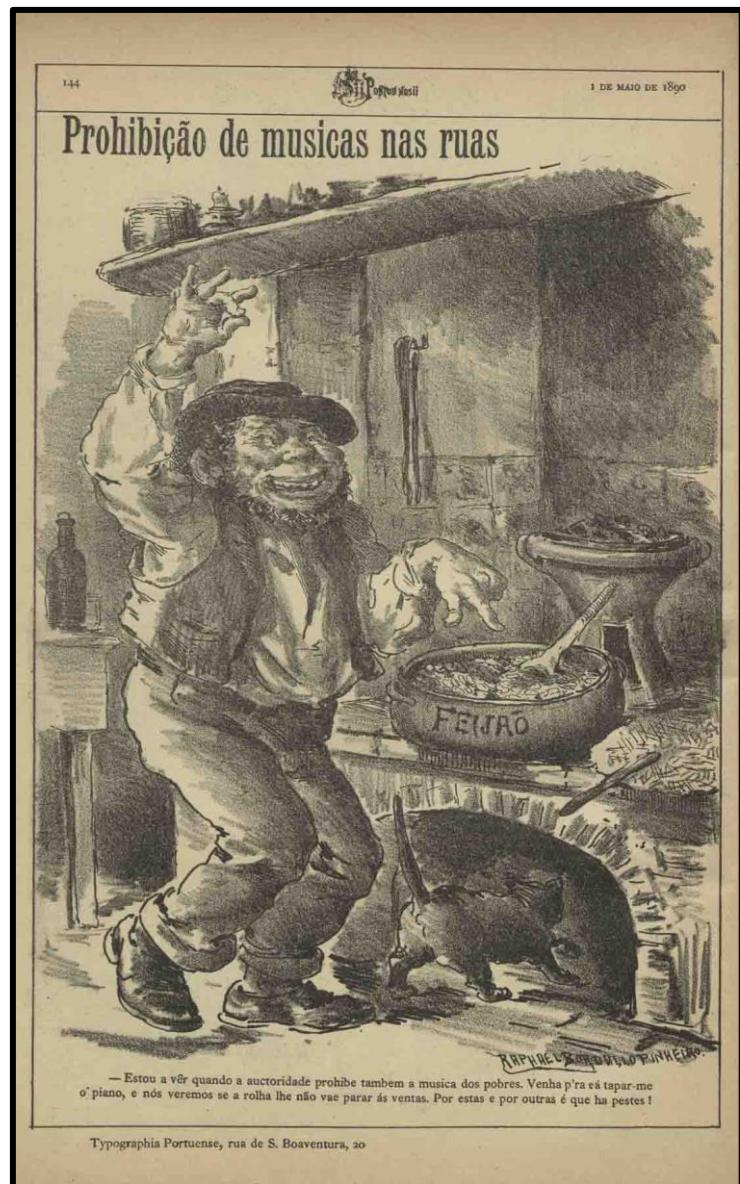
⁴¹ PONTOS NOS ii. Lisboa, 1º maio 1890.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)

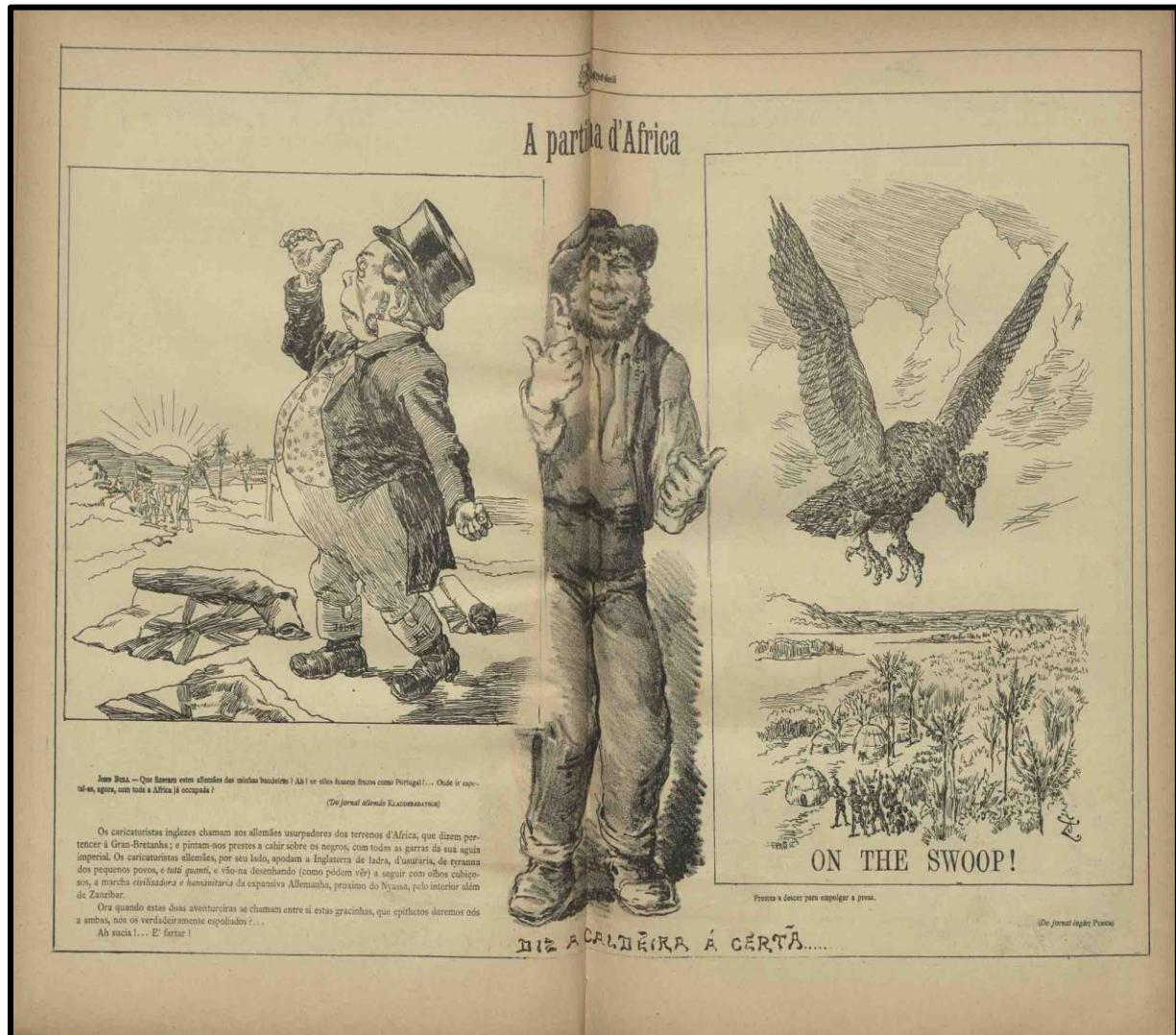


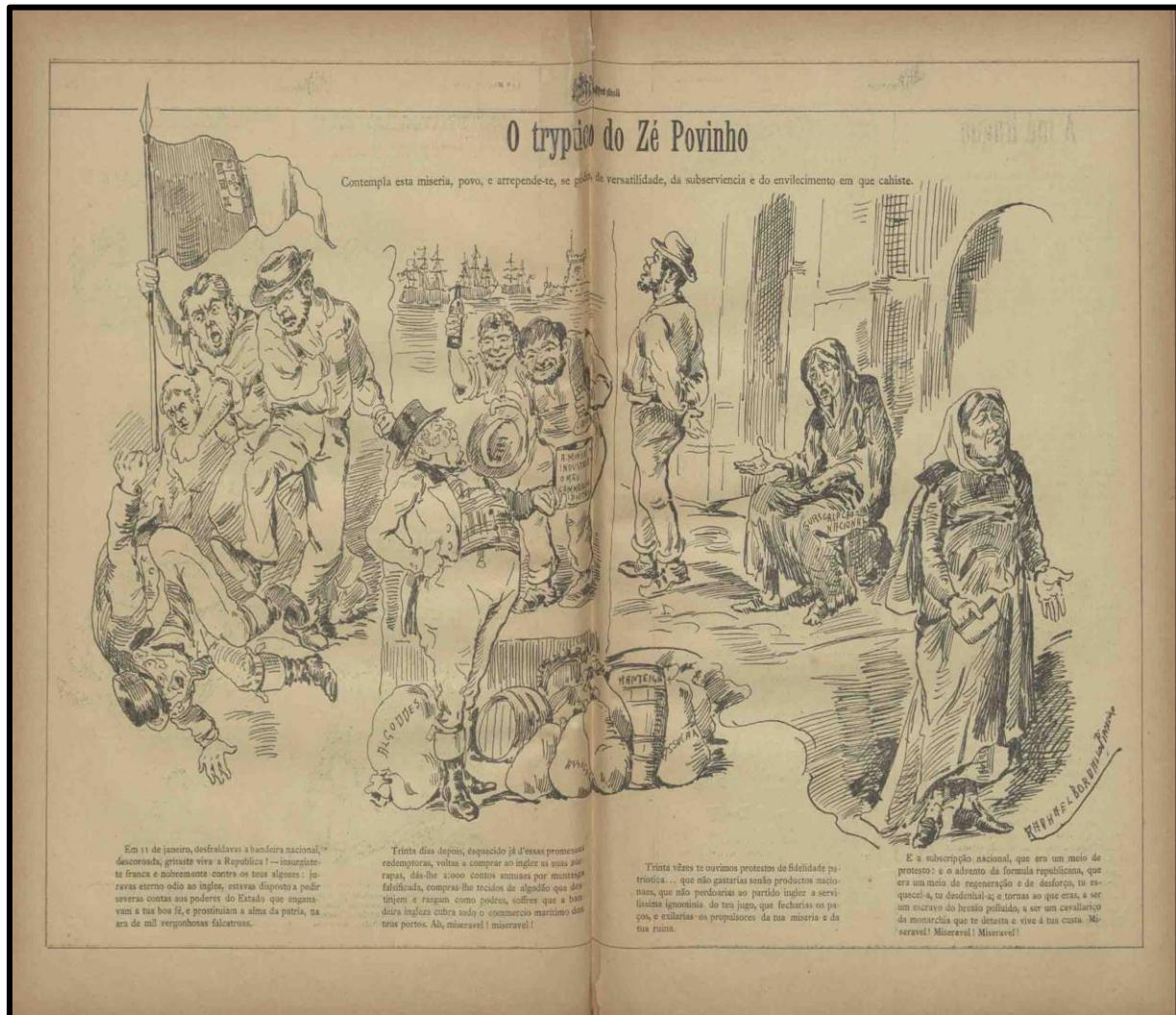
A “partilha da África” foi novamente abordada pelo semanário, ao criticar os periódicos ilustrados alemães e ingleses, que se acusavam mutuamente pelas ações imperialistas que antepunham os interesses germânicos e britânicos. Perante o debate entre as duas potências, o Zé Povinho lembrava os prejuízos dos portugueses que seriam “os verdadeiramente espoliados”⁴². O *Pontos nos ii* observava e lamentava que o entusiasmo anti-britânico começava a perder força em meio à população lusa, que permanecia a contemplar placidamente a “miséria”, a “subserviência” e o “envilecimento” a que estava entregue, mostrando um quadro no qual vários “Zés” atacavam entusiasticamente John Bull, para depois, entregarem-se ao cotidiano das práticas comerciais com o personagem que representava os britânicos, e mesmo mostravam indiferença diante da pobreza, ao passo que a outra personalidade criada caricaturalmente, a Maria, continuava a pedir apoio para “a subscrição nacional” voltada a uma reação contra as atitudes imperialistas, diante da observação de que só a mudança na forma de governo serviria para a “regeneração” do país⁴³.

⁴² PONTOS NOS ii. Lisboa, 8 maio 1890.

⁴³ PONTOS NOS ii. Lisboa, 22 maio 1890.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





Em 11 de janeiro, desfralda-se a bandeira nacional, e desemboca grande vira a República. Ninguém, na França é evidentemente contra os seus aliados; já raras sêntoas odia os ingleses, estavam disposta a pedir severas contas aos poderes do Estado que enganavam a sua boa fé, e proximaram a alma da pátria, na era de mil vergonhosas falcatruss.

Trinta dias depois, esquecido já d'essas promessas redemptroras, volta a comprar ao inglês a sua arapaga, das-lhe 20000 contos annuais por mercê, e fazendo-o com a maior facilidade da glória que devia trazer e trazem como devia, sólidos que a América inglesa cubra todo o comércio marítimo desse porto. Ali, miserável! miserável!

Trinta vêzes te ouvimos protestos de fidelidade patriótica... que não gastarias senão produtos nacionais, que não perdoarias ao partido inglês a servilissima ignorância do teu júgo, que fecharias os portos, e exilarias os propulsores da tua miseria e da tua ruína.

A possibilidade de aumento de aumento de despesas públicas e o consequente acréscimo de taxações e impostos foi também debatida pelo periódico. O incremento em tais contas foi apresentado pelo periódico como “o *bill*”, diante do qual o Zé Povinho perguntava a um membro da força pública sobre o significado, não obtendo qualquer tipo de esclarecimento⁴⁴, assim como observava tal “*bill*”, como um ser disforme que, ironicamente, precisaria de cuidados especiais⁴⁵. Retomando a temática da ação inglesa, o Zé voltava a aparecer dessa vez transformado em tambor por parte de John Bull, mas o personagem luso imaginava uma virada naquela situação, em um novo momento no qual haveria uma alteração das posições, ficando a desfavorável para o representante inglês, denominado de “refinadíssimo ladrão”⁴⁶. Em meio aos festejos de São João, com costumeira presença de fogueiras, enquanto em uma delas, o Zé Povinho queimava uma alcachofra, na África, John Bull incinerava a bandeira portuguesa⁴⁷. A perspectiva de que era apenas o povo que pagava a conta dos desmandos governamentais, era expressa por um adicional cobrado, representado por uma cebola que, literalmente e figurativamente fazia o Zé cair em pranto, havendo o jocoso aproveitamento de suas lágrimas para garantir o suprimento de água⁴⁸.

⁴⁴ PONTOS NOS ii. Lisboa, 29 maio 1890.

⁴⁵ PONTOS NOS ii. Lisboa, 12 jun. 1890.

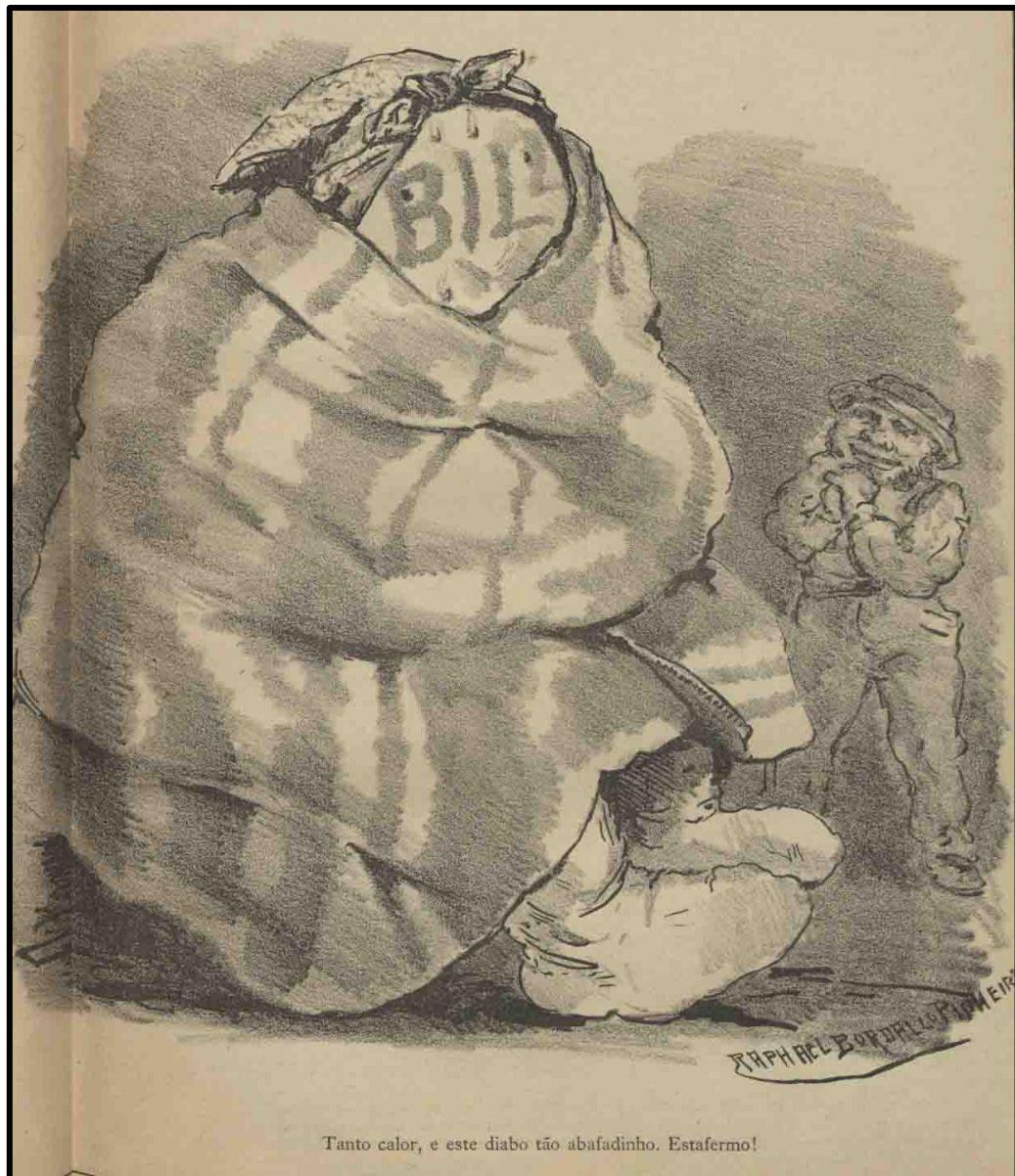
⁴⁶ PONTOS NOS ii. Lisboa, 19 jun. 1890.

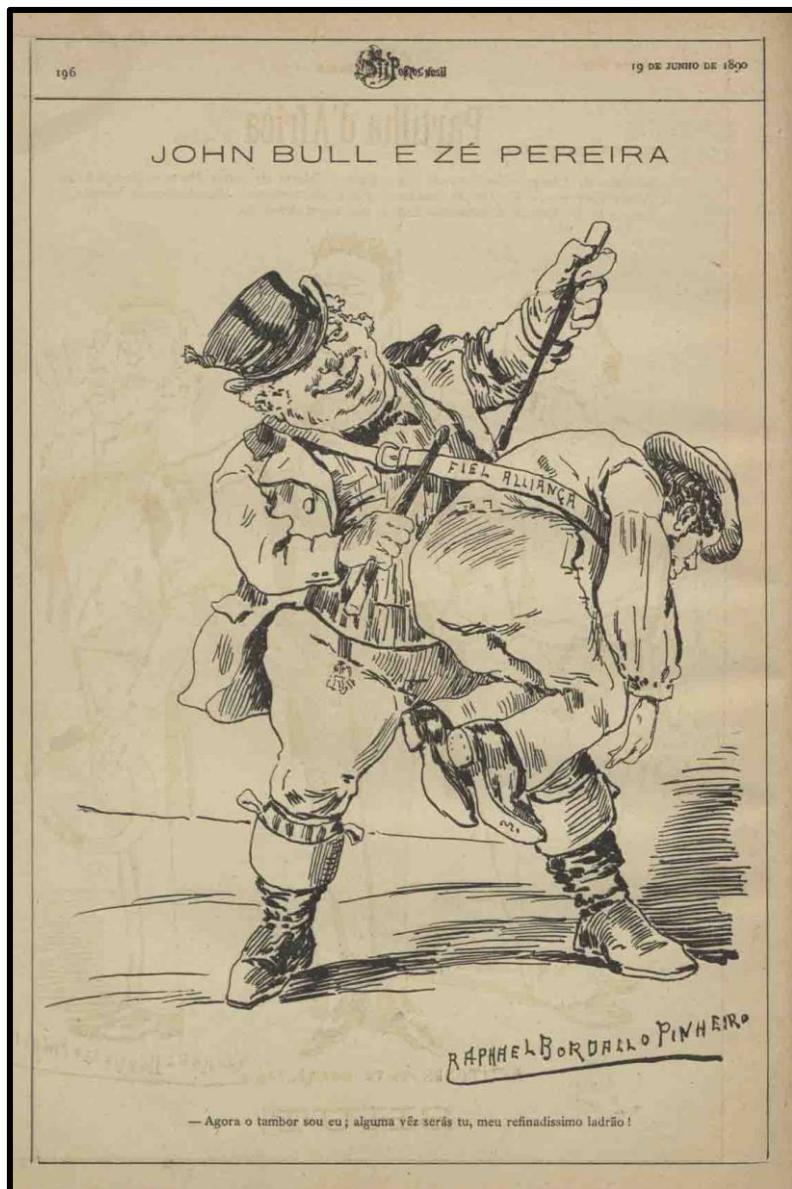
⁴⁷ PONTOS NOS ii. Lisboa, 26 jun. 1890.

⁴⁸ PONTOS NOS ii. Lisboa, 10 jul. 1890.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)





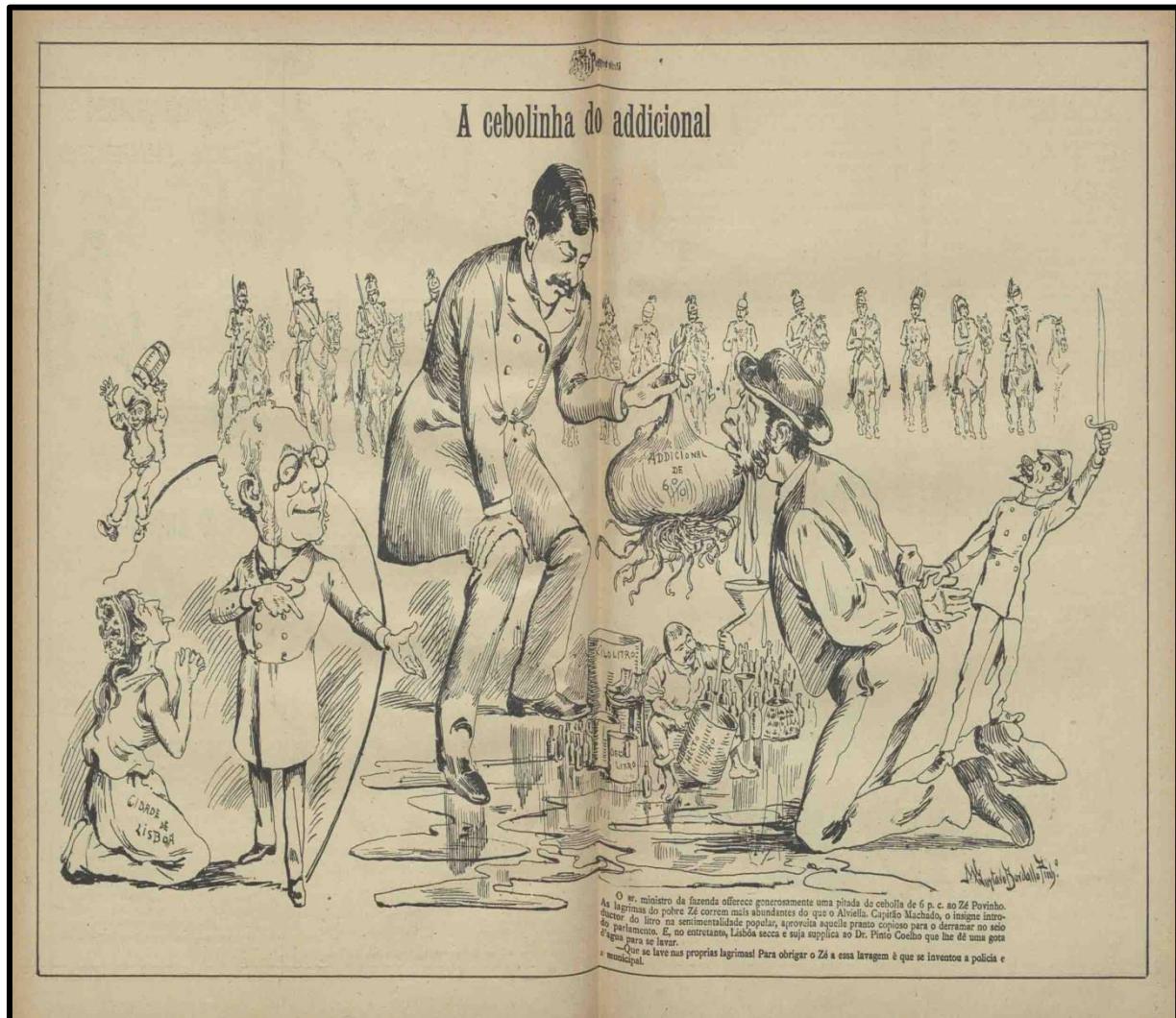
PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



N'estes dois processos de festejar o S. João, queimando alcachofras, poderia, sem esforço, encontrar-se a formula da situação portugueza, tal qual nos a crearam os amaveis constitucionais do sr. D. Pedro iv, cujo coração é como se sabe, propriedade da rua de Santo António.

Em Portugal, a alcachofra, que ainda não teve tempo de transformar-se em lutego, arde em louvor da Dama Vermelha e resolve-se n'uma onda de fumo que, mais e mais, vai avolumando as formas classicas do *chapéu de choco* da Revolução.

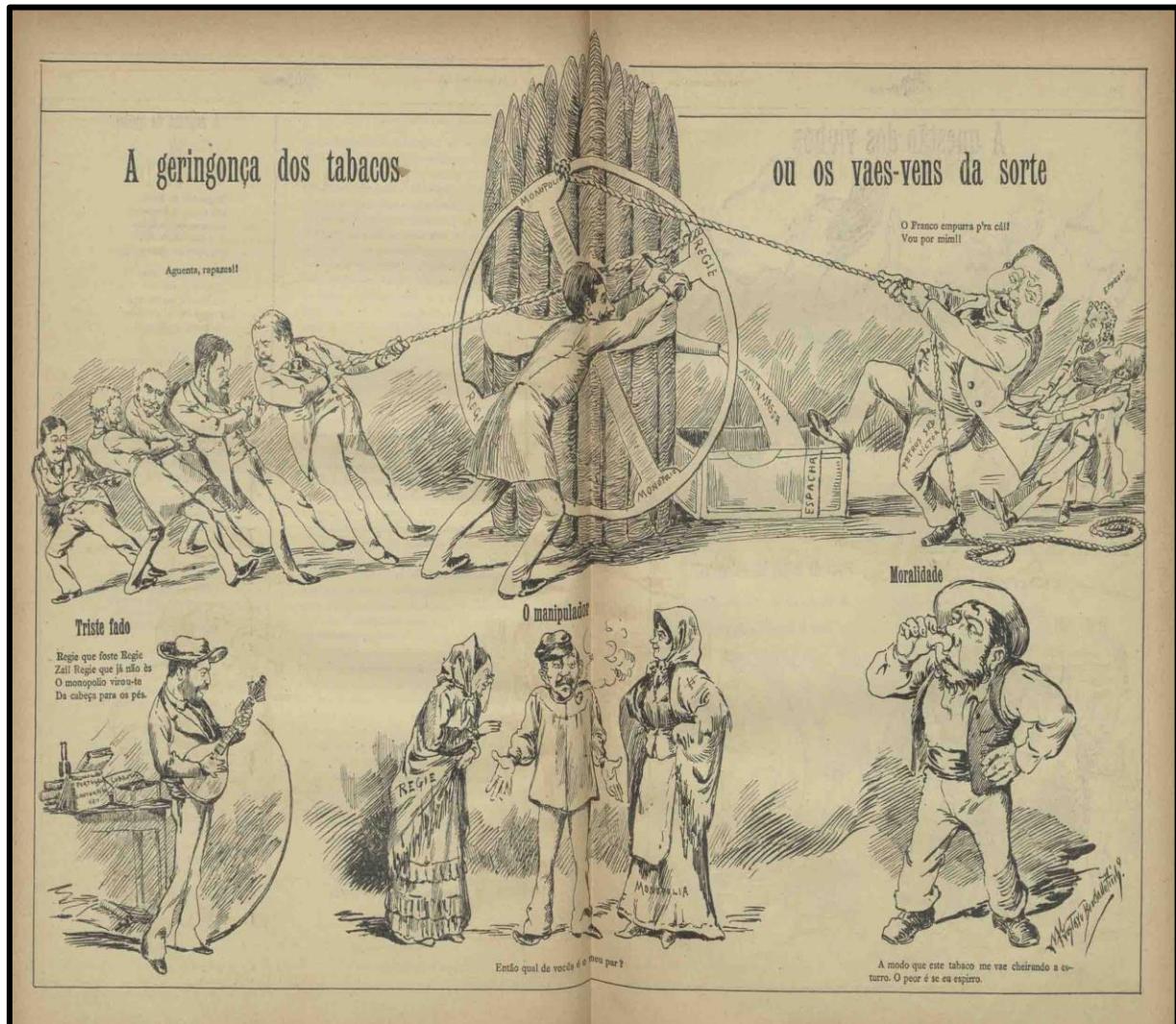
Em África, a alcachofra, a que n'um dia de incontinencia, o sr. P. Chagas chamou «a bandeira das quinas», arde em louvor da raia da Inglaterra, nas mãos d'um consul protegido por esta causa ao mesmo tempo grandiosa e minuscula que se chama — Ernesto Hintze Ribeiro.



As formas de exploração do tabaco, mormente em torno do monopólio era vista como mais uma estratégia para a realização de malfeitos de parte dos homens públicos, em cenas assistidas pelo Zé Povinho, que já imaginava que todos os resultados negativos recairiam sobre ele mesmo⁴⁹. As negociações luso-britânicas, em torno das possessões no continente africano, consideradas como infrutíferas, foram tratadas em “Depois da milésima conferência”, que denunciava as procrastinações da diplomacia lusitana em relação aos ingleses. Na cena o Zé, machucado e apoiando-se em uma muleta, esticava o chapéu pedindo uma ajuda aos representantes diplomáticos, recebendo de parte do português apenas uma “ponta de charuto”, que simbolizava o tratado que estava sendo negociado. A possível malversação do dinheiro público era denunciada pelo periódico, que indicava a possibilidade de desvios do “produto da subscrição nacional”, amealhada para ajudar na sustentação da resistência aos britânicos. O semanário referia-se à ação de um sindicato que seria estabelecido para a aquisição de navios, ato representado por um ovo que carregava uma esquadra e era chocado por Mercúrio, divindade romana que tanto era considerado como o deus do comércio, como o dos ladrões, em alusão à eventual corrupção que poderia ser praticada na operação, a qual era denunciada pelo Zé Povinho⁵⁰.

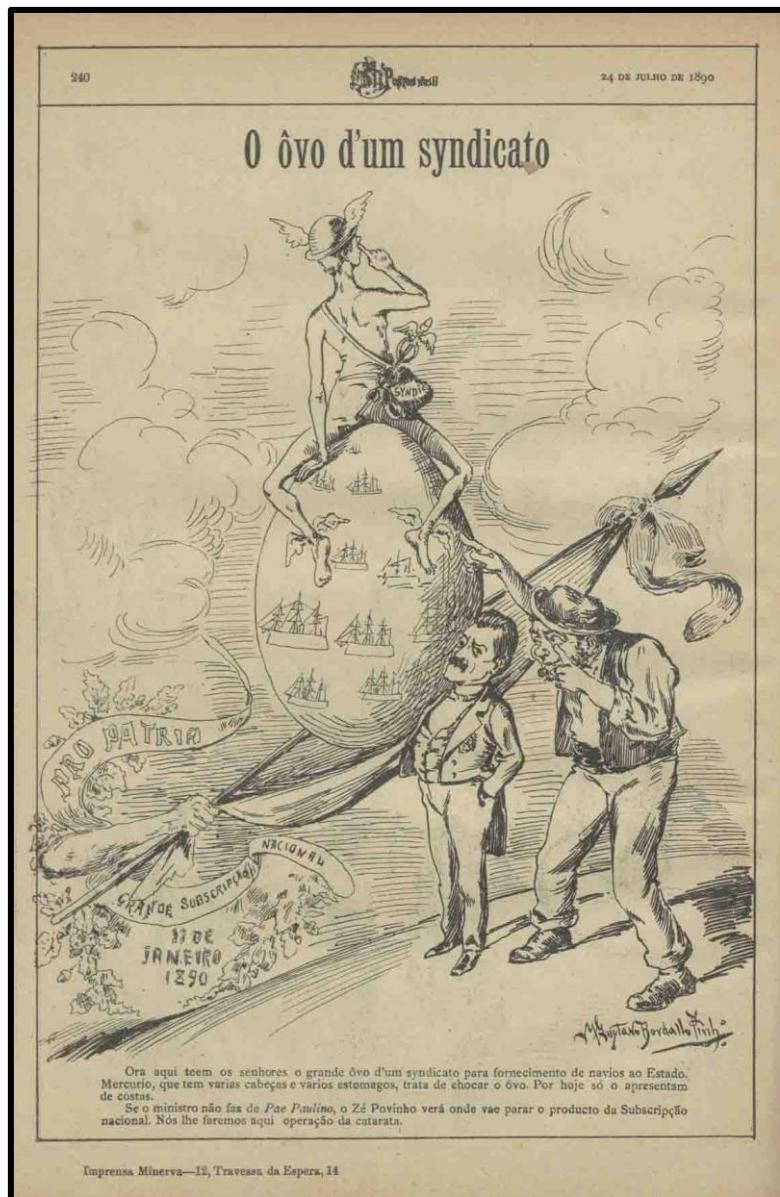
⁴⁹ PONTOS NOS ii. Lisboa, 17 jul. 1890.

⁵⁰ PONTOS NOS ii. Lisboa, 24 jul. 1890.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





A cobrança de um monopólio de 6% era mais uma vez identificada como um sabão adicional, o qual era utilizado por um político para esfregar o Zé Povinho, que por sua vez reclamava que tal operação estaria a tirar-lhe a pele, ao que o seu interlocutor reagia, dizendo que ao outro não restava coisa alguma que não fossem os próprios ossos⁵¹. Já em outra caricatura, o Zé era transformado no menino em cuja cabeça, ao invés de uma maçã, havia um saco de dinheiro que seria o alvo do arqueiro, em alusão à narrativa dos feitos de Guilherme Tell. A cena se passava diante do olhar das representações das potências europeias e ficava manifesta a dúvida se dessa vez o arqueiro/árbitro – em alusão às disputas luso-britânicas – iria manter a tradição de não errar a sua flechada⁵². Os preços cobrados pelos padeiros em relação aos seus produtos eram considerados pelo Zé Povo como uma exploração equiparável à praticada pelos ingleses em relação aos lusitanos com a emissão do ultimato⁵³. O tratado assinado pelo governo português com a Grã-Bretanha foi considerado como uma vergonha para a nacionalidade, sendo acusadas as autoridades públicas por cometerem atos negligentes e coniventes para com os ingleses, em detrimento dos interesses pátrios, para tanto eram mostradas várias reações de políticos perante o acordo, e também a do próprio Zé Povinho que se restringia a rir frente ao ocorrido, ou seja, “quanto mais roubado, mais contente”⁵⁴.

⁵¹ PONTOS NOS ii. Lisboa, 31 jul. 1890.

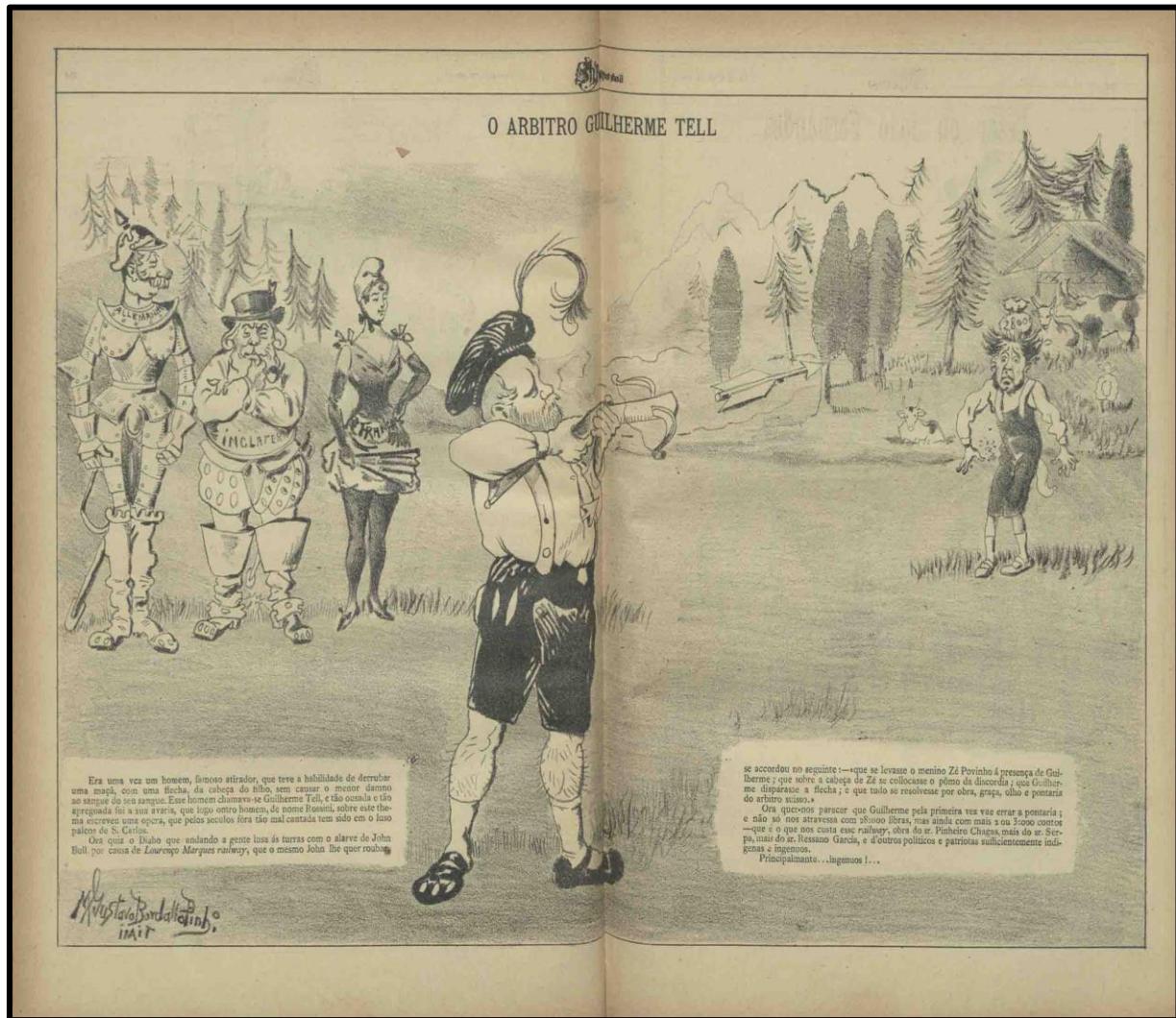
⁵² PONTOS NOS ii. Lisboa, 7 ago. 1890.

⁵³ PONTOS NOS ii. Lisboa, 28 ago. 1890.

⁵⁴ PONTOS NOS ii. Lisboa, 4 set. 1890.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E *ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)



Era uma vez um homem, famoso arqueiro, que teve a habilidade de desvendar uma magia, com uma flecha, da cabeça do filho, sem causar o menor danno ao sangue do seu sangue. Esse homem chiamava-se Guilherme Tell, e tão ousada e tão agradada foi a sua avara, que logo entro homens, de nome Rossi, sobre este thema escreveu uma opéra, que pelos seculos fera tão mal cantada tem sido em o liso palco de teatro.

Ora quis o Dubo que andando a gente lisa da terra com o alarve de John Bull, por causa de Lourenço Marques railway, que o mesmo John lhe quer roubar.

Manuel Bandeirinha
M.A.T.

se accordar no seguinte: — que se levasse o menino Zé Povinho à presença de Guilherme ; e que sobre a cabeça de Zé se collocasse o pômo da discordia ; que Guilherme dispara-se a flecha ; e que tudo se resolvesse por obra, grapa, olho e porraria do arbitro suizo.

Ora quis o parcer que Guilherme pela primeira vez vao errar a pontaria ; e nisso nos arremessa com 50000 libras, mas ainda com mais 2 ou 30000 contos — que é o que nos custa a es ralhaz, obra do sr. Pinheiro Chagas, mais do sr. Serpa, mais do sr. Ressano Garcia, e os outros politicos e patrões suficientemente indigenas e ingenuos.

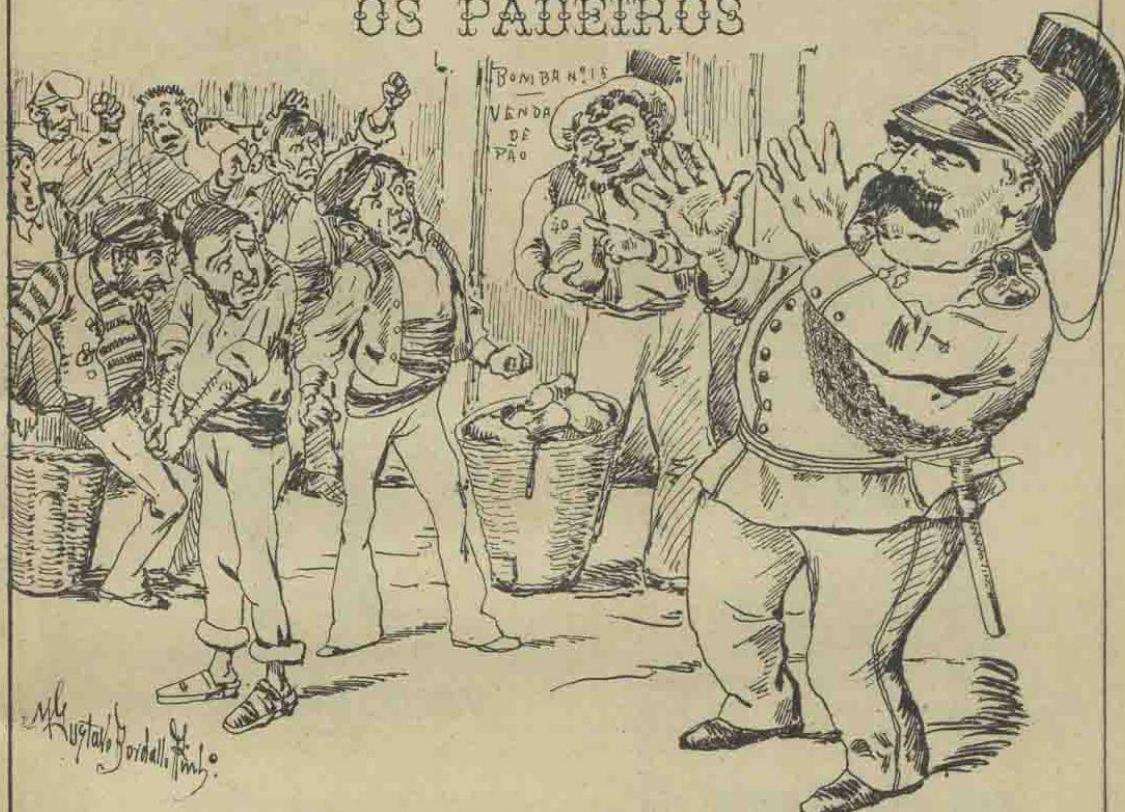
Principalmente... ingenuos !...

28 DE AGOSTO DE 1890



273

OS PADEIROS



A Cesar o que é de Cesar, e à Câmara municipal os nossos agradecimentos pelo modo como livrou os moradores de Lisboa da projectada pirataria dos srs. padeiros. Estes artistas da massa parece que em alvites de exploração aprenderam pela cartilha de lord Salisbury. Felizmente que a Câmara não lê pela cartilha do sr. Hintze Ribeiro; e em vez de negociar com os exploradores Salishurinos da nossa barriga, não esteve com meias medidas, e ao pão respondeu com outro pão, como nós devíamos ter respondido ao *ultimatum* com outro *ultimatum*. Talvez que Salisbury tivesse recuado, como recuaram os padeiros—seus discípulos!...

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



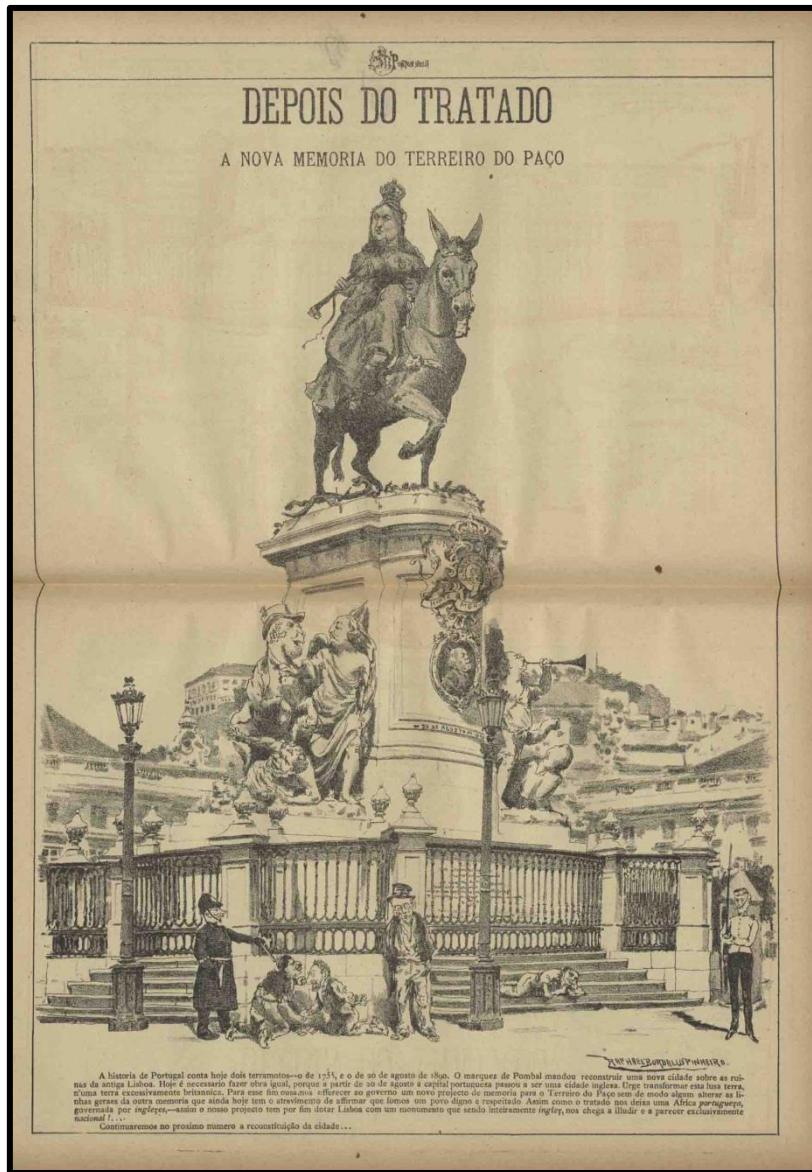
Um Zé Povinho acorrentado e submetido a trabalhos forçados, sob a ameaça do látego de John Bull, servia para representar a perspectiva pela qual o tratado luso-britânico corresponderia não só a um roubo do povo português, como também à sua própria escravização⁵⁵. Até mesmo a arte estatuária era subvertida pelo traço caricatural, ao apresentar o monumento ao rei D. José I, totalmente modificado, “depois do tratado”, surgindo uma “nova memória do Terreiro do Paço”, com a figura equestre do soberano lusitano substituída pela da rainha da Inglaterra com o azorrague da força imperialista à mão e montando uma mula, enquanto que as imagens alegóricas que compunham a obra estatuária eram substituídas por John Bull e políticos portugueses, que haviam aceitado a posição de subserviência, encontrando-se o Zé Povinho em agonia, atirado ao chão e pisoteado pelos outros personagens. A respeito do mesmo tema, o hebdomadário apresentava um conjunto caricatural embasado em “Adágios e provérbios”, com o qual mais uma vez lançava críticas veementes ao comportamento dos administradores públicos portugueses, além de novamente manifestar a esperança de que o Zé saísse de sua postura contemplativa para rebelar-se contra aquele estado de coisas. No mesmo sentido, a publicação ilustrada mostrava Portugal de portas abertas ao avanço britânico, representado pela rainha e por John Bull, para que só depois os políticos lusos viessem a tomar providências, colocando trancas à porta de uma casa já arrombada, restando ao Zé apenas observar aquele ato inócuo⁵⁶.

⁵⁵ PONTOS NOS ii. Lisboa, 4 set. 1890.

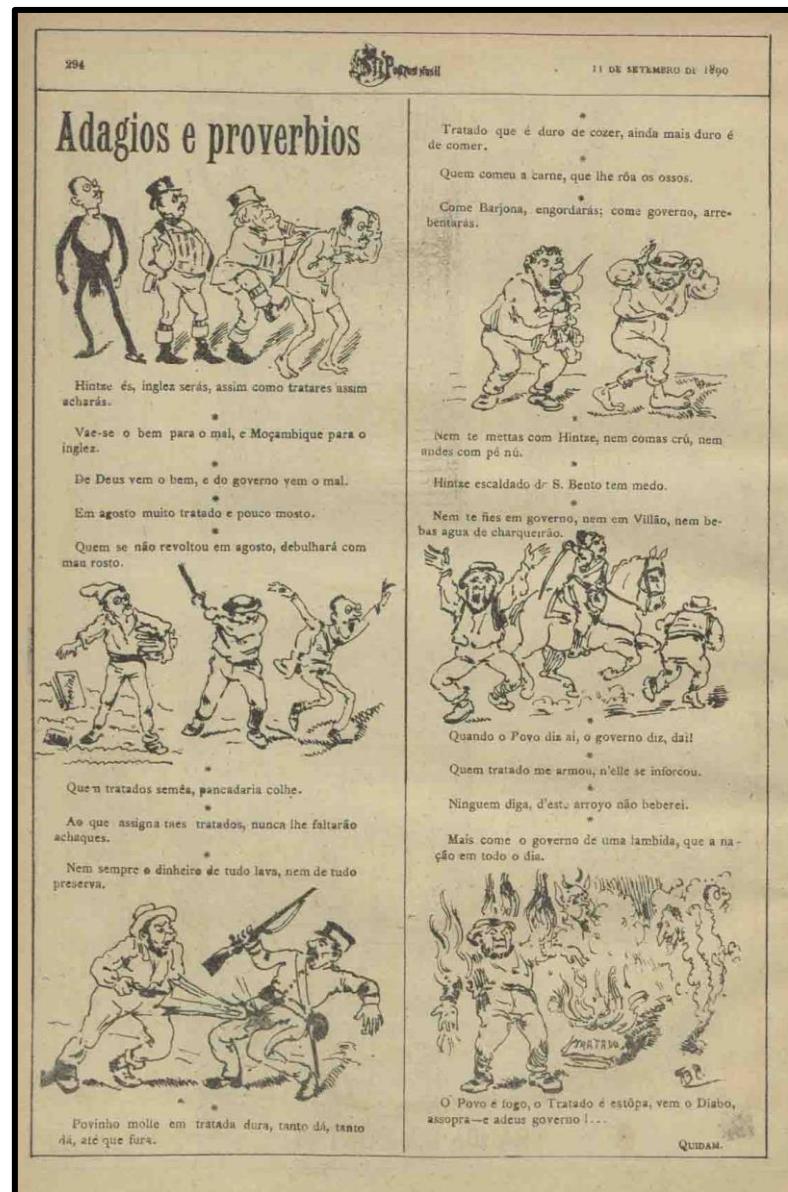
⁵⁶ PONTOS NOS ii. Lisboa, 11 set. 1890.

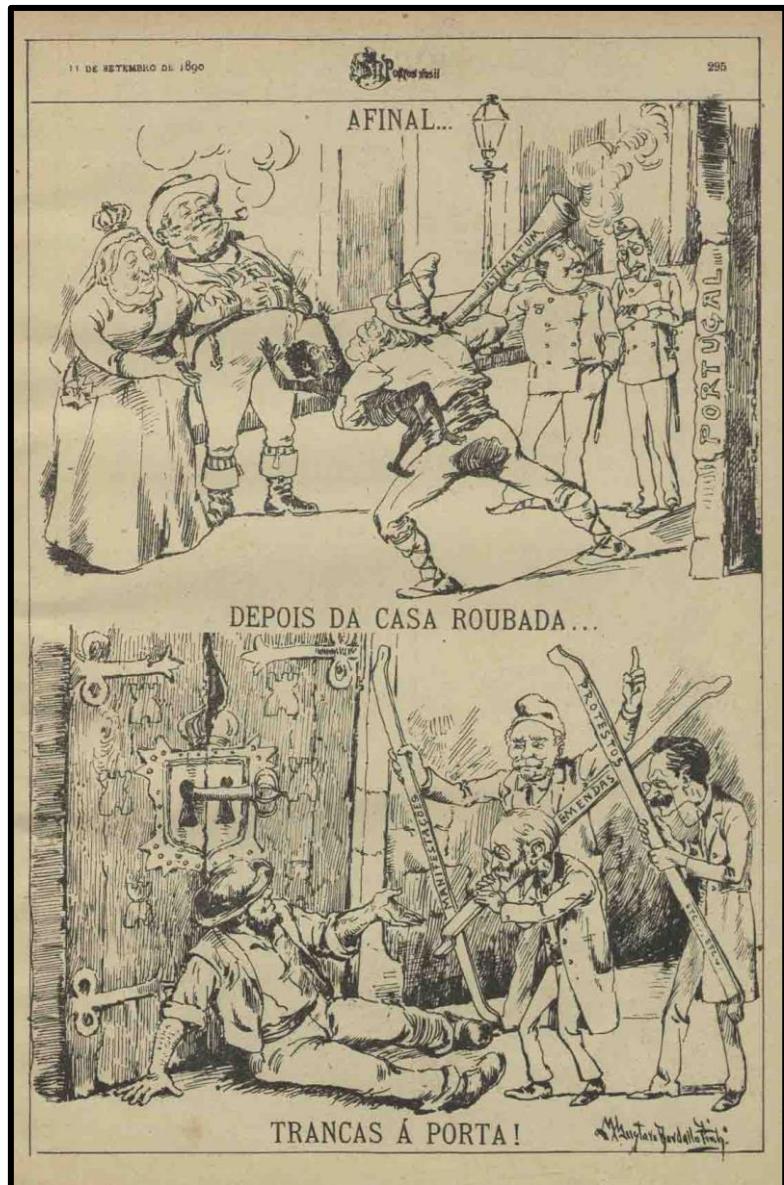
PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E *ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)





Os atos contrários ao Zé Povinho chegariam à concretude, mostrando um jovem que seria a “primeira vítima”, estando inerte, morto e velado, portando trajes praticamente idênticos ao do personagem que representava a população lusitana. Em outro desenho, sob os olhares da rainha britânica e de John Bull, Zé Povo tentava carregar o velho cavaleiro – outra representação de Portugal –, mas tinha por obstáculo o enorme lamaçal da política, no qual boiavam vários dos agentes públicos lusos, e cuja origem estava em uma tubulação de esgoto, sustentado pela constituição portuguesa. Para evitar que o povo observasse os malfeitos governamentais, representações do mundo político e das forças repressivas policiais e militares subjugavam o Zé para vendá-lo, enquanto um John Bull gargalhava e comentava a pobre situação do dominado personagem. A atuação policial na coerção aos cidadãos era representadas em caricaturas identificadas pelo irônico título “A carinhosa”, a qual era comparada a uma “verdadeira hidra que o povo paga”, estando os policiais de arma em punho a ameaçar o Zé Povinho que tremia de pavor⁵⁷. O Zé se via indeciso diante da necessidade de decidir se salvava a pátria ou as instituições monárquicas, contando o cenário com a presença dos homens públicos lusos, que se mostravam indiferentes em relação a tal agonia, ao passo que John Bull apresentava-se sorridente, oferecendo por remédio para as moribundas instituições apenas o tratado amplamente desfavorável aos interesses portugueses⁵⁸.

⁵⁷ PONTOS NOS ii. Lisboa, 18 set. 1890.

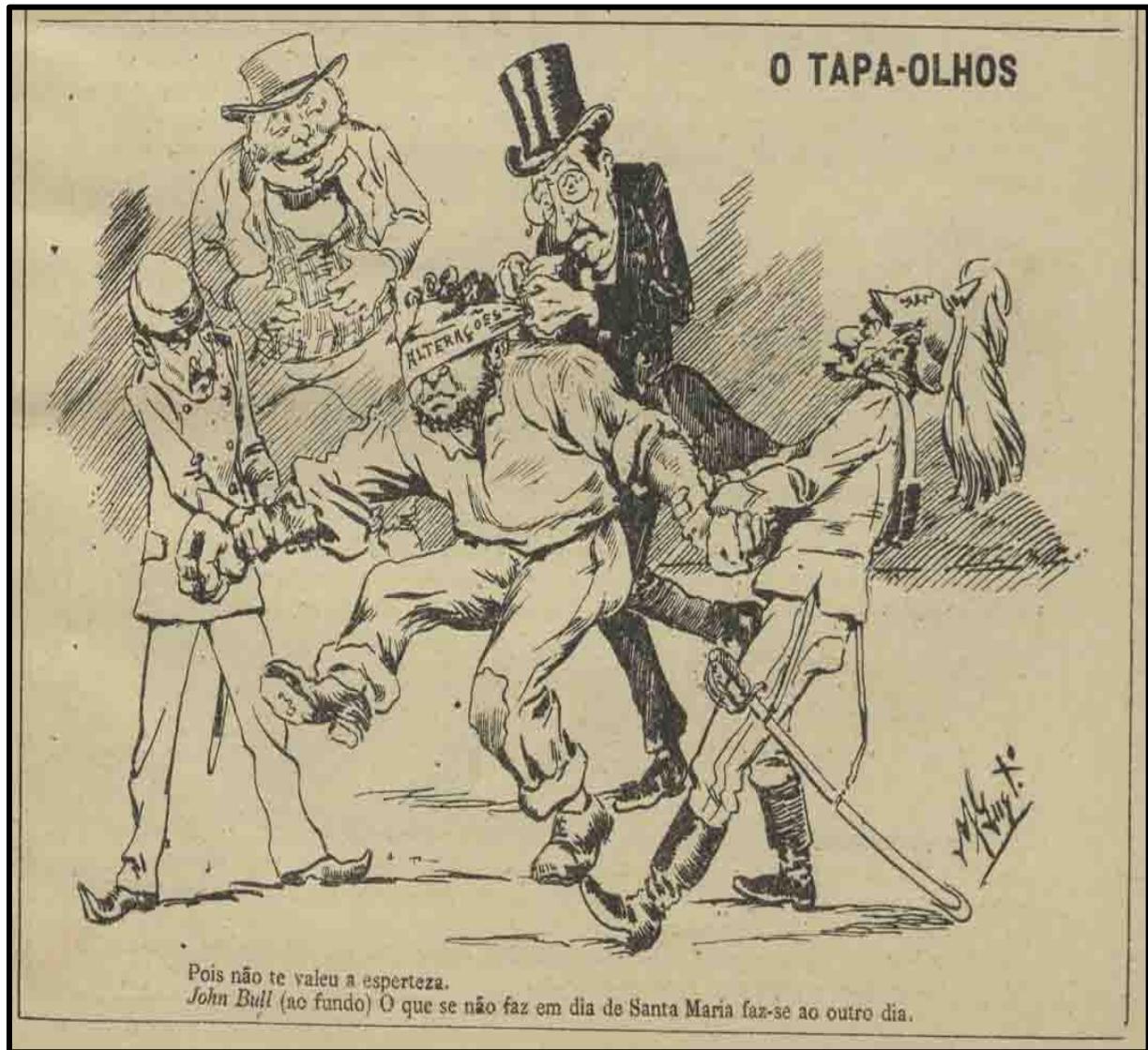
⁵⁸ PONTOS NOS ii. Lisboa, 25 set. 1890.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

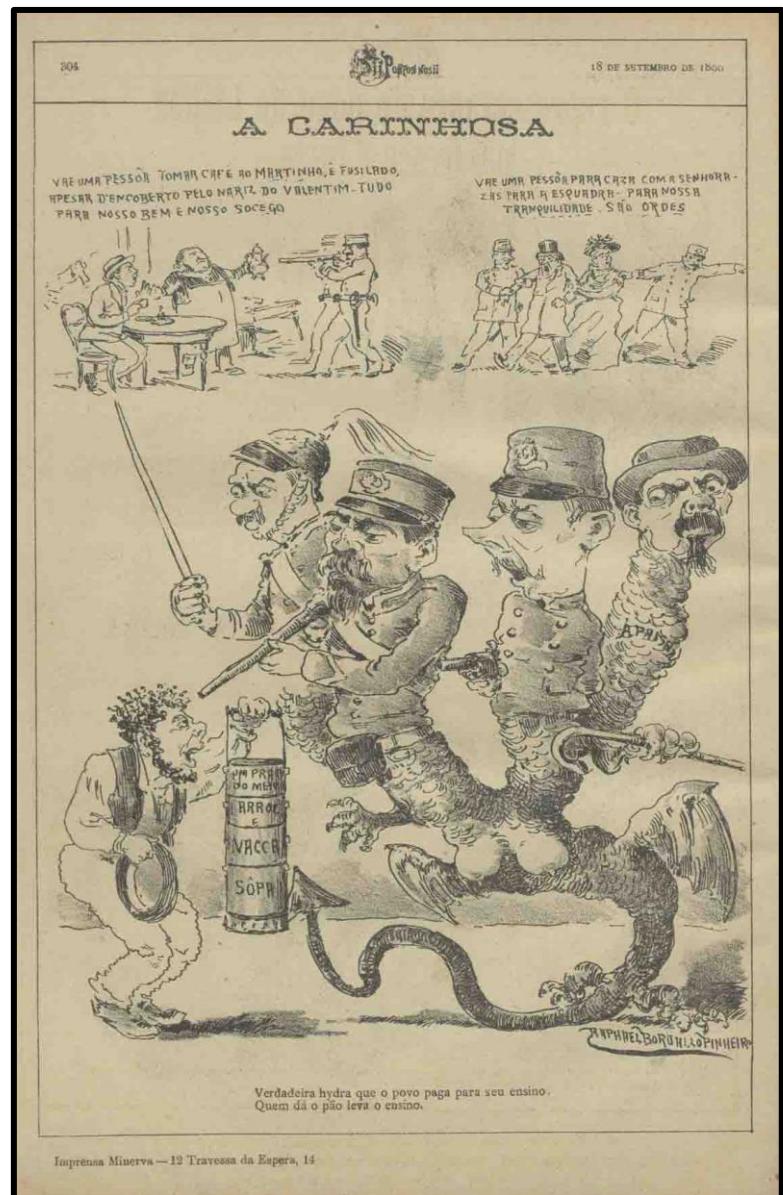


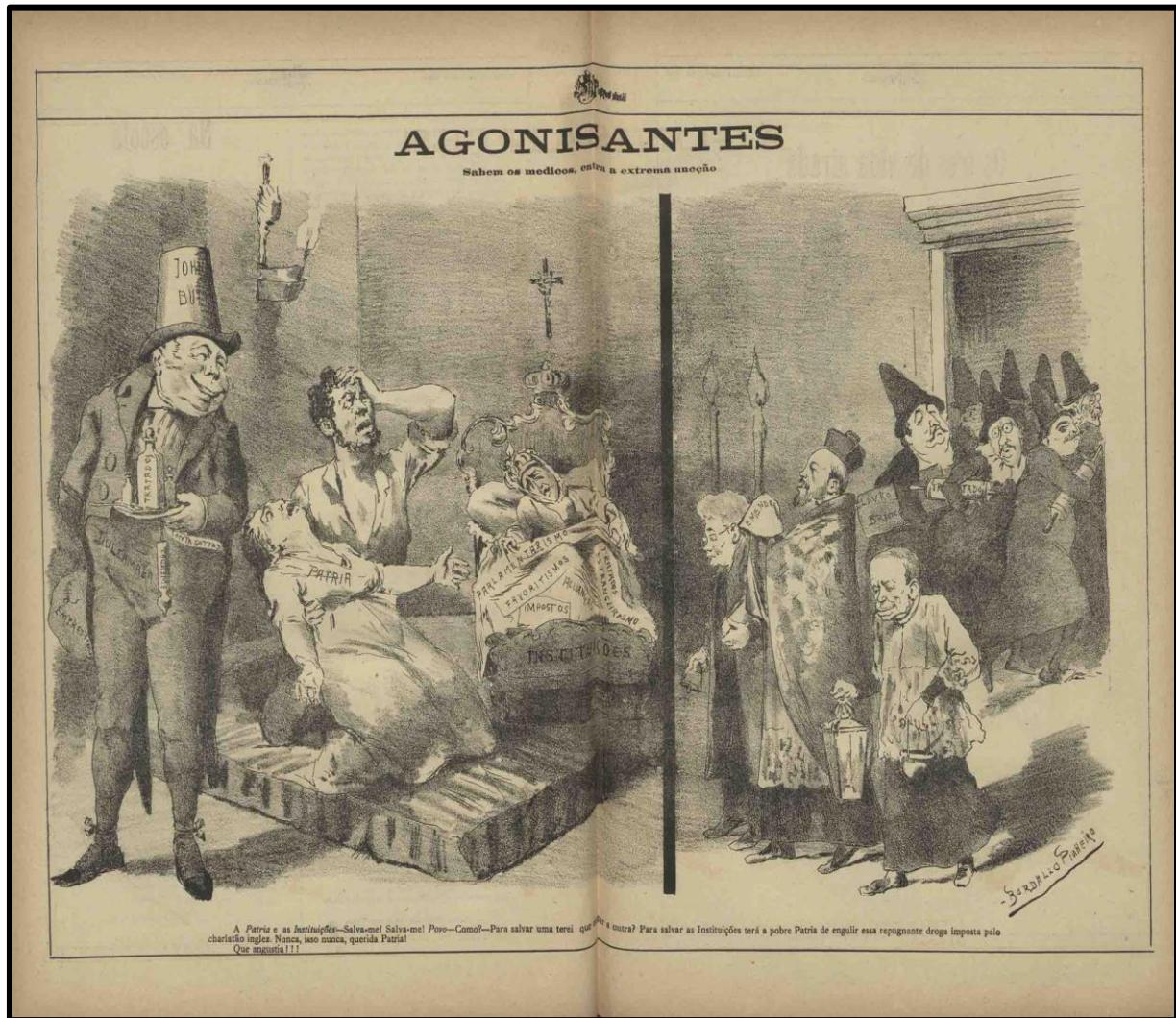
PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





O Zé Povinho chegou a assumir o papel de Diógenes, de lanterna à mão, em frente à coluna da “política portuguesa”, só que à procura de “um homem de confiança”, para o que teria o árduo trabalho de “escorraçar os de desconfiança”⁵⁹. Sobre a “Atualidade”, o periódico mostrava a figura feminina que representava a História conversando com o Zé, que aparecia sentado sobre um saco de impostos – que tanto lhe atazanavam – e trazendo às mãos o jornal republicano *O Século*, em um quadro pelo qual ela questionava o motivo dele ser “indiferente” ao “rebaixamento moral” e incapaz de “cortar” a “podridão”, ao que ele, acomodado, respondia se referindo à desnecessidade de uma ação mais eficaz, considerava que a estrutura estatal já estaria “podre” e cairia por si só⁶⁰. A ideia de uma monarquia em declínio foi também simbolizada pela imagem do carro do Estado, com o monarca tendo dificuldades em conduzi-lo, ao passo que vários políticos tentavam empurrá-lo, enquanto outros buscavam aplaínar o caminho, tal qual “calceteiros” batendo forte no solo, todo ele formado por uma multidão de Zé Povinhos, sendo o “cascalho” considerado como “grosso, o declive, rápido e o travão, fraco”, em alusão a uma possível derrocada próxima do *status quo*⁶¹.

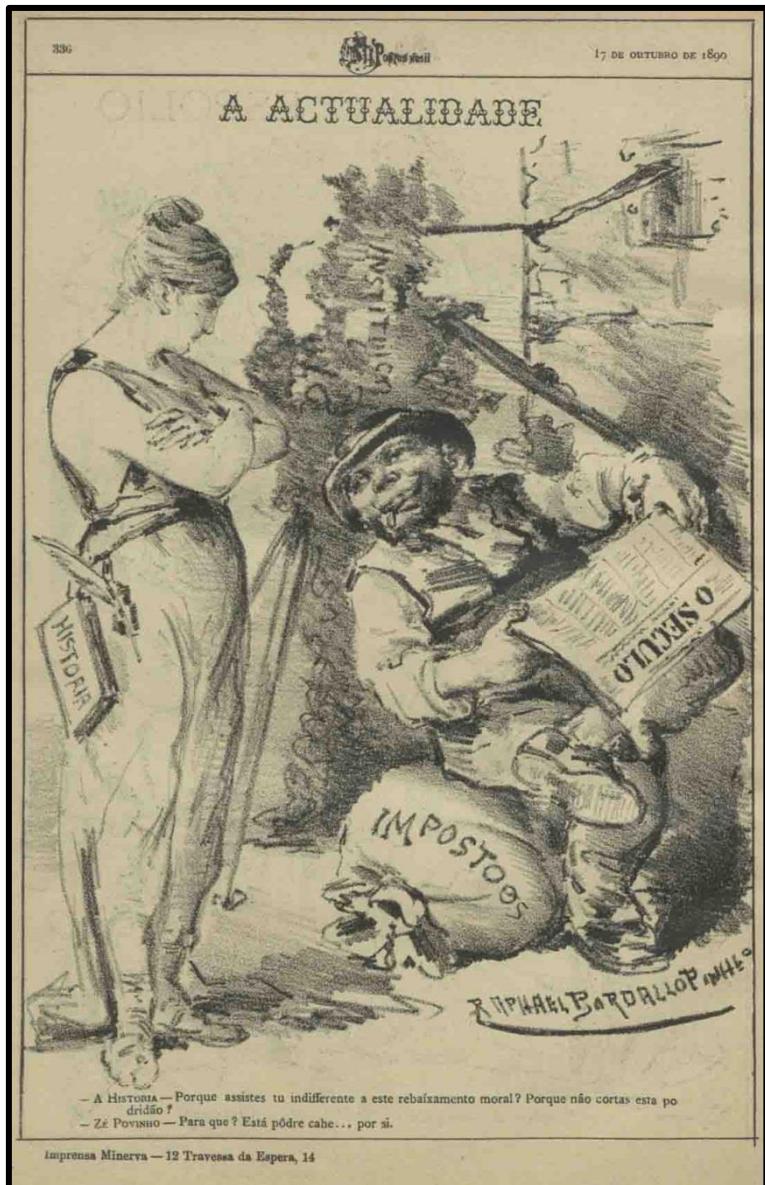
⁵⁹ PONTOS NOS ii. Lisboa, 9 out. 1890.

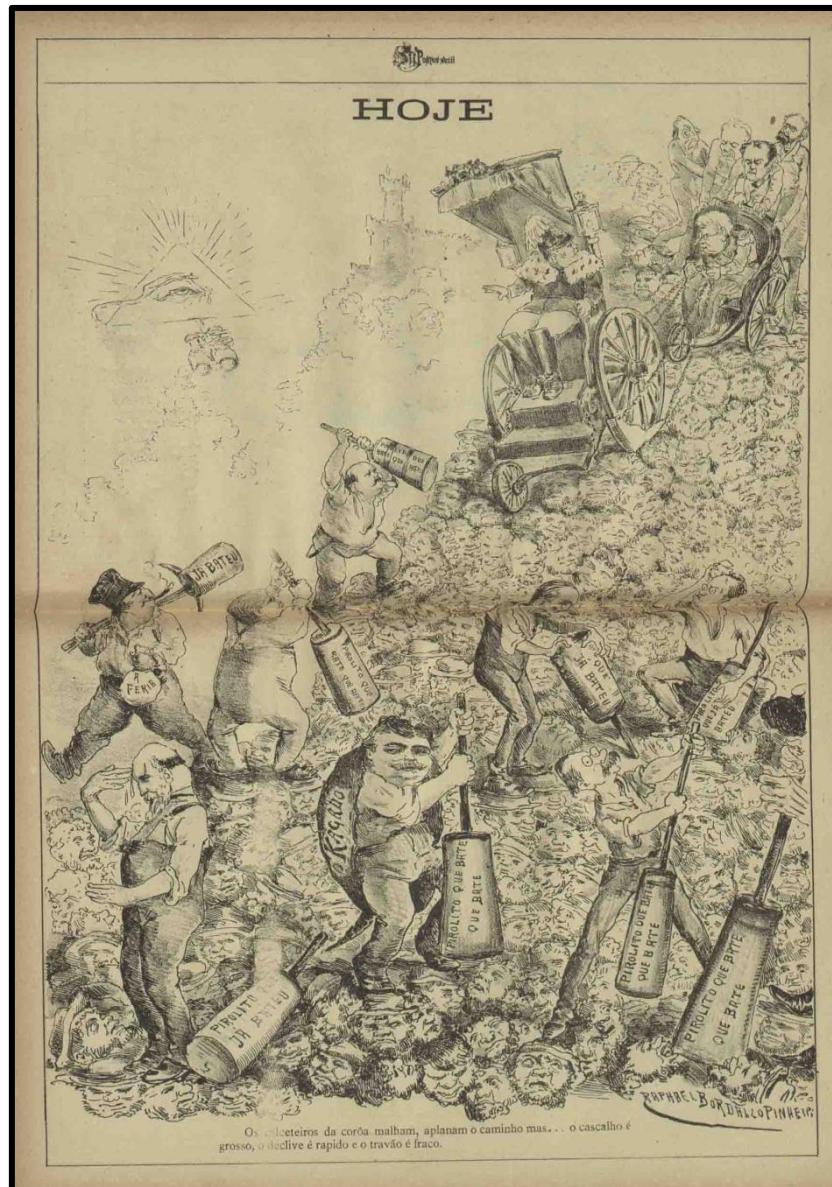
⁶⁰ PONTOS NOS ii. Lisboa, 17 out. 1890.

⁶¹ PONTOS NOS ii. Lisboa, 23 out. 1890.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)



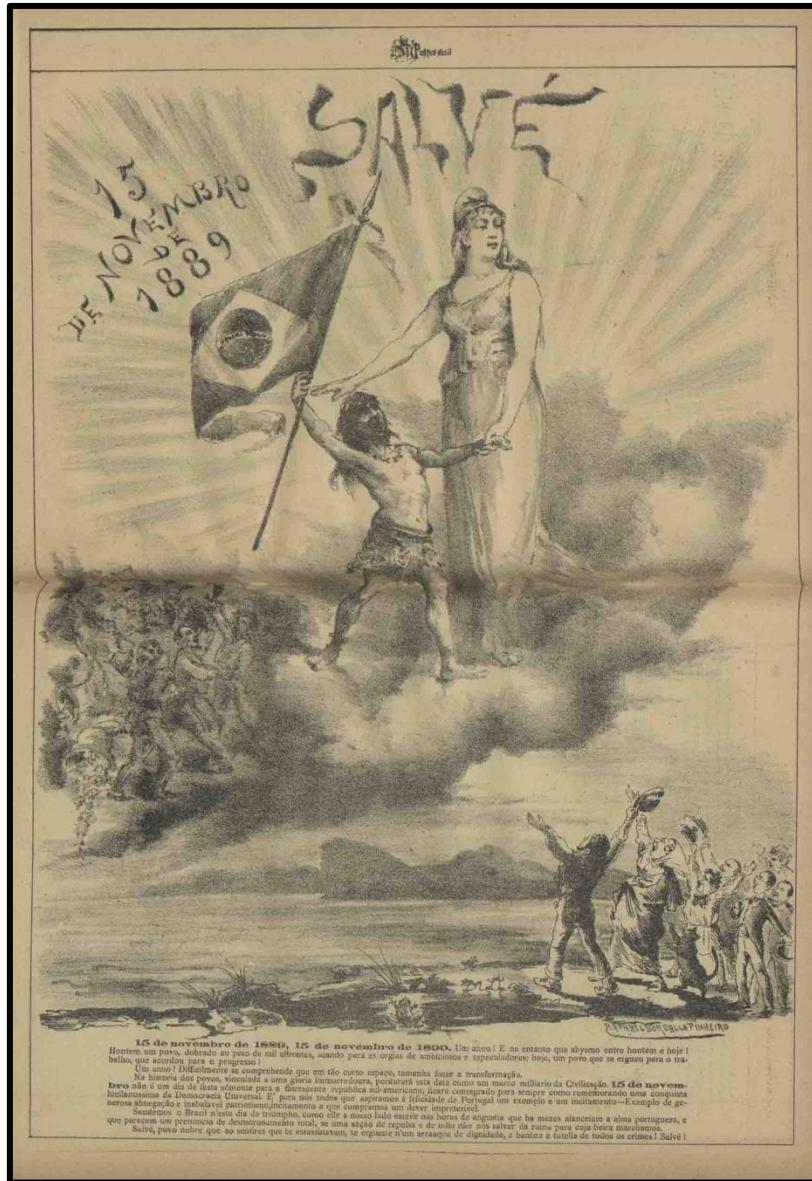


A instalação da forma de governo republicana no Brasil, em 1889, constituíra um fator motor para o recrudescimento do movimento antimonárquico luso, o qual imaginou que se a dinastia de Bragança cairá na América, o mesmo também poderia ocorrer na Europa. O entusiasmo foi também manifestado pelo *Pontos nos ii*, que, por ocasião da passagem do primeiro aniversário da mudança institucional brasileira, prestou homenagem ao “povo nosso irmão” que eliminara o “abatimento vergonhoso” e a “criminosa indiferença a que a monarquia o votara”. O hebdomadário saudava o “15 de Novembro”, com a dama republicana segurando a mão de uma jovem figura indígena carregando a bandeira brasileira, ao passo que a população comemorava de um lado do oceano, e, no outro, também os portugueses estariam eufóricos, tendo à frente o Zé Povinho e a Maria. Realizando uma comparação entre o Brasil republicano e Portugal monárquico, o semanário apresentava o índio brasileiro cercado de riqueza em suas “indústrias, comércio e artes” e de duas cornucópias, ao passo que o Zé Povo encontrava-se trajado em roupas diferenciadas, enquanto era submetido por uma autoridade presencial, que ditava o seu “*modus vivendi*”, em um quadro no qual o indígena dizia que estava “nu”, mas era “rico e mais feliz do que tu, que estás vestido”⁶². As dificuldades governamentais foram também expressas por meio do descontrole das contas públicas e dos preços, com uma vaca representando a “fazenda”, em cena assistida pelo Zé⁶³, o qual também imaginava as influências recebidas por um líder republicano que viajara ao exterior⁶⁴.

⁶² PONTOS NOS ii. Lisboa, 15 nov. 1890.

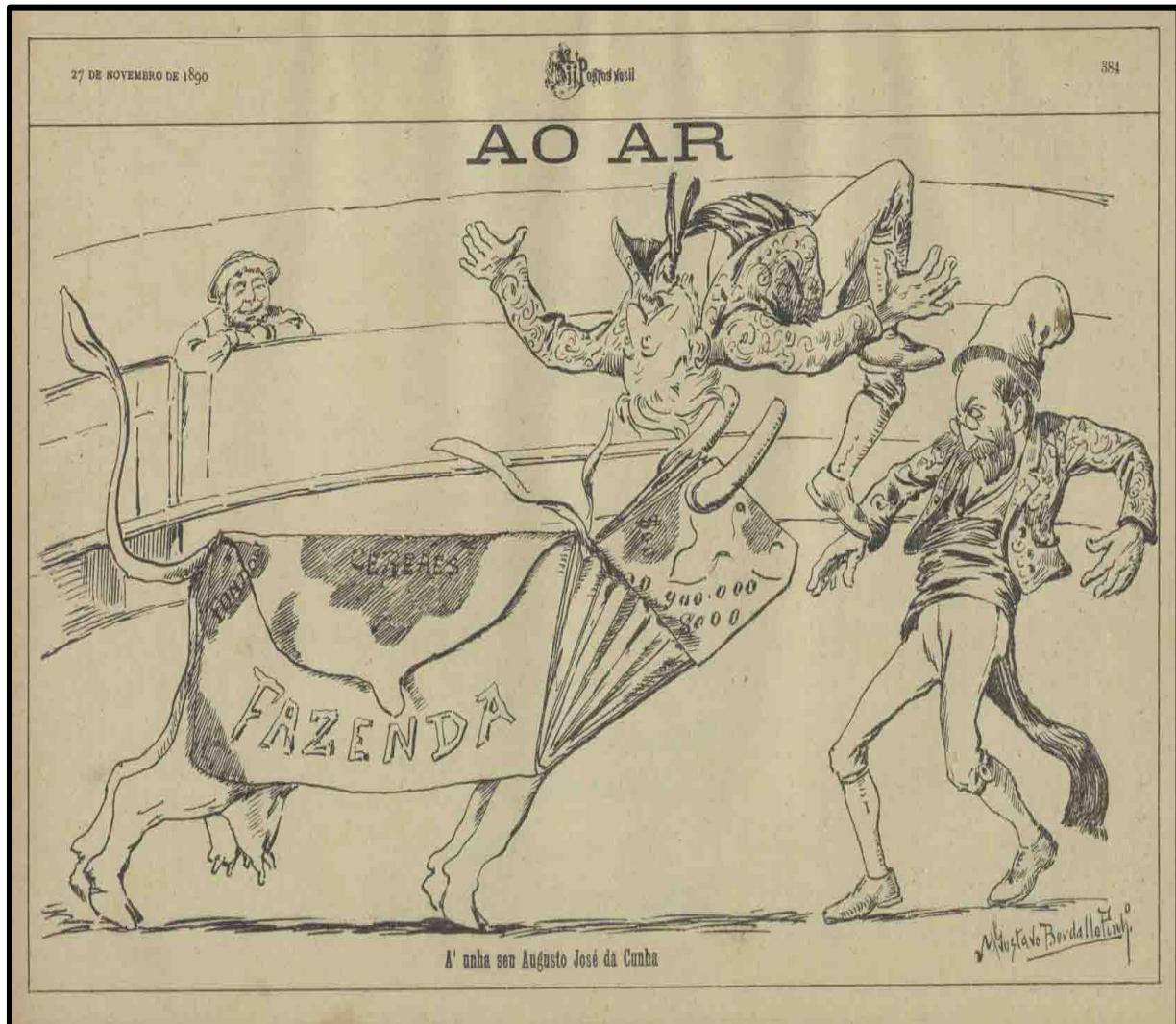
⁶³ PONTOS NOS ii. Lisboa, 27 nov. 1890.

⁶⁴ PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 dez. 1890.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



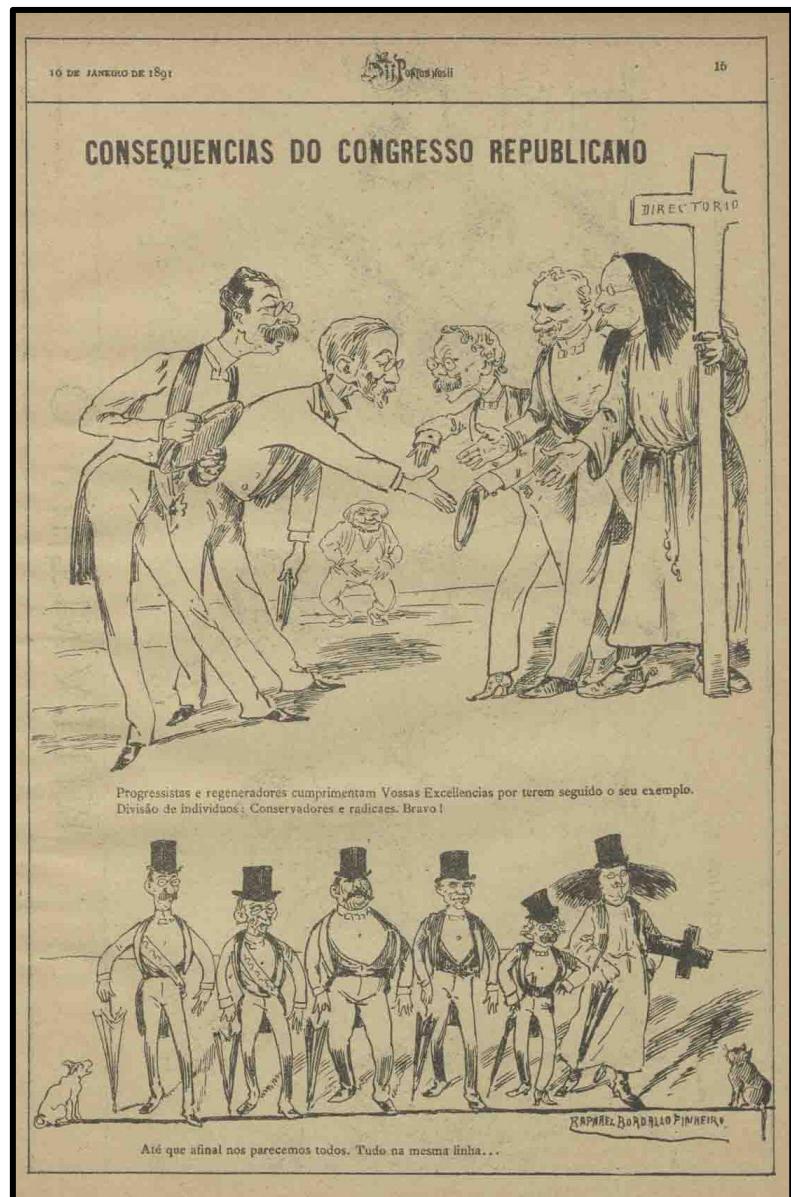
Na virada para o ano de 1891, o Zé Povinho assistia ao longe um encontro entre políticos portugueses, em uma manifestação crítica quanto às cisões oriundas no seio do movimento republicano luso, de modo que na cena, os representantes dos partidos monárquicos – progressistas e regeneradores – cumprimentavam os sectários do republicanismo, “por terem seguido seu exemplo”, promovendo a “divisão de indivíduos”, entre “conservadores e radicais”, vindo a concluir que “todos” se pareciam entre si, fazendo parte “tudo da mesma linha”. Por ocasião da passagem do primeiro ano do último britânico, o periódico imaginava o Zé “renascendo” e “acordando” diante das circunstâncias, pronto para reagir contra a traição realizada pela “aliança inglesa”, sugerindo a possibilidade de uma ação contra o imperialismo dos ingleses⁶⁵. Em outra caricatura, o Zé Povinho era tratado como um joguete nas mãos de vários representantes da nação inglesa, que o jogavam despreocupadamente para o alto, de modo que o semanário questionava a “aliança” mantida com os ingleses, que alijavam os portugueses da discussão, como demonstrava o velho cavaleiro, afastado no cenário dos demais, pelo “muro da diplomacia”⁶⁶. Com o espocar da Revolta do Porto, o Zé trocava de indumentária, mas mantinha o tom satírico-humorístico, por meio de uma tirada engraçada⁶⁷.

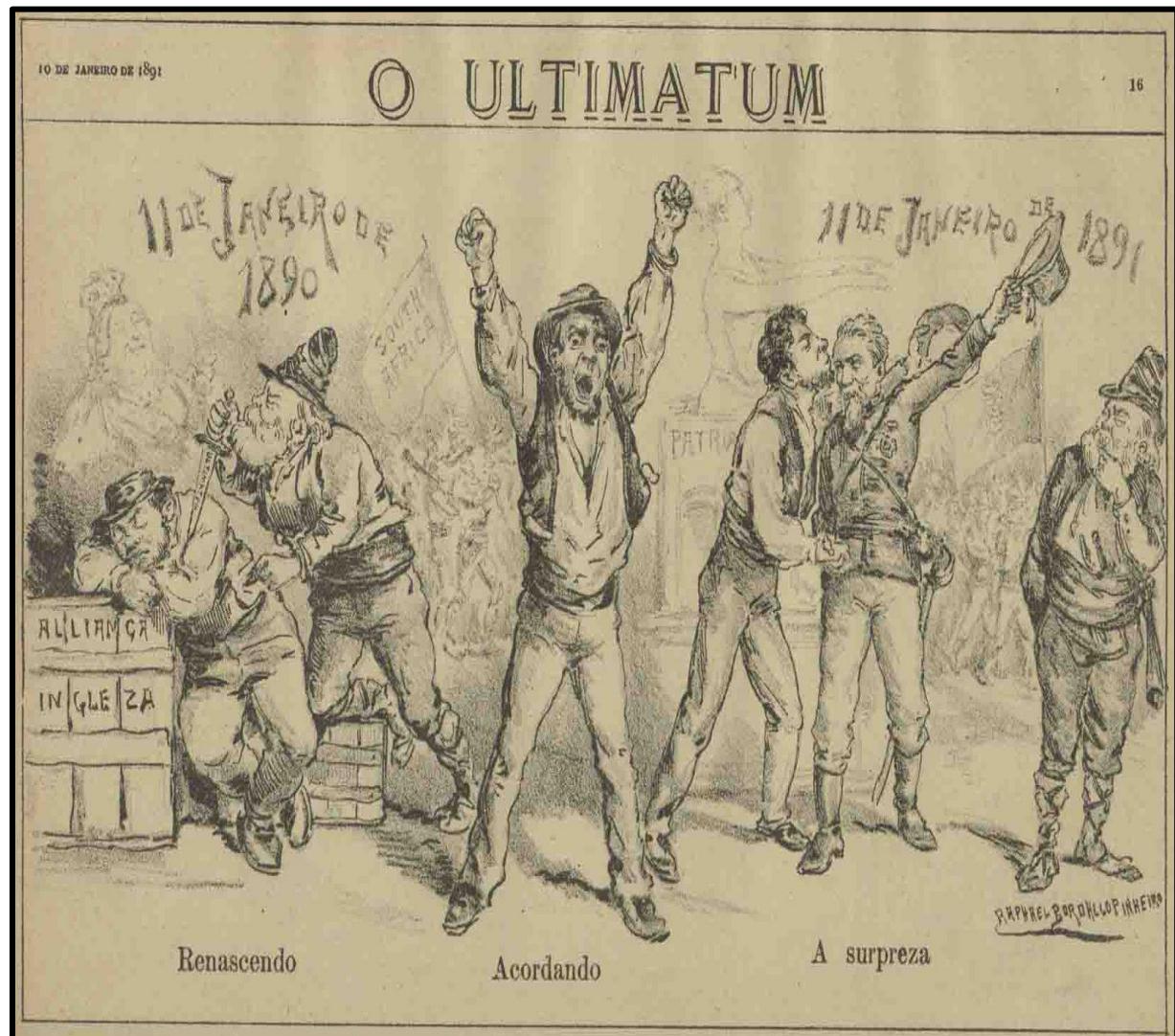
⁶⁵ PONTOS NOS ii. Lisboa, 10 jan. 1891.

⁶⁶ PONTOS NOS ii. Lisboa, 29 jan. 1891.

⁶⁷ PONTOS NOS ii. Lisboa, 5 fev. 1891.

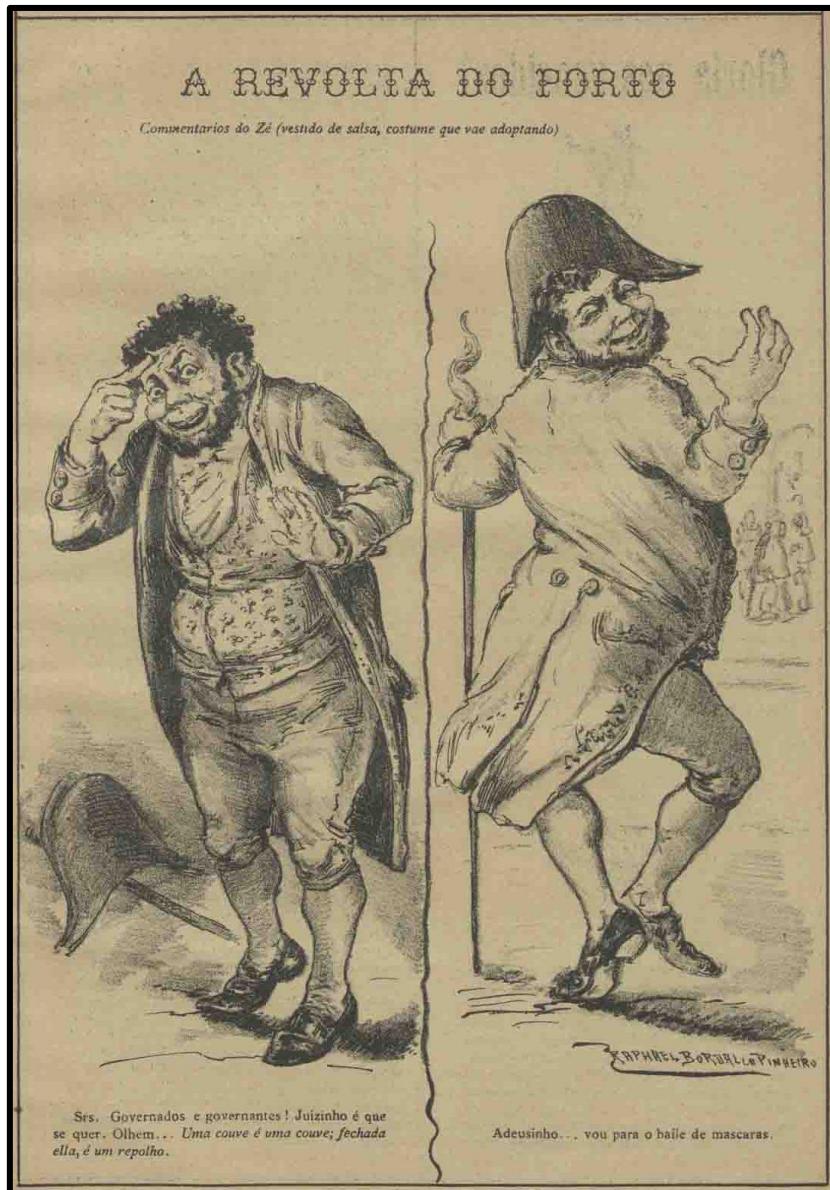
PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





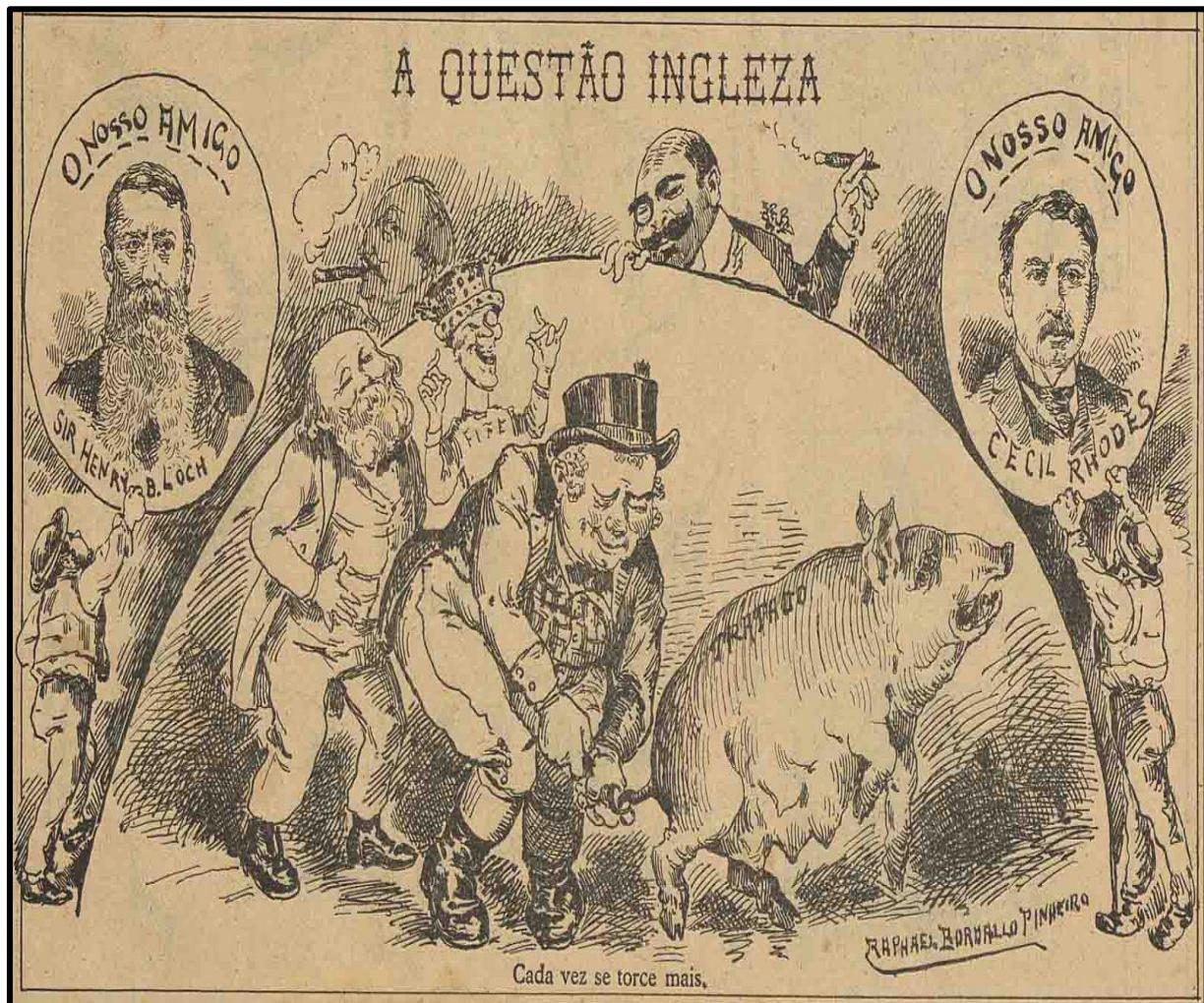
PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





Foi na conjuntura da Revolta do Porto e dos efeitos dela advindos que Bordalo Pinheiro promoveu o retorno do título *Antônio Maria*, desaparecendo o *Pontos nos ii* no início de fevereiro de 1891 e permanecendo um hiato em suas edições, com o retorno se dando nos dias iniciais do mês seguinte. A respeito da “Questão inglesa”, o *Antônio Maria* mostrava John Bull, acompanhado de políticos britânicos, a torcer o rabo de um suíno, associando-o a um tratado internacional, no sentido da subversão que os ingleses vinham realizando por meio de sua diplomacia, notadamente no caso de Portugal e da suposta aliança entre ambas as nações. Na gravura, duas imagens do Zé Povinho exaltavam as efígies de administradores de territórios coloniais. Reagindo à agitação que sacudira o país, as autoridades governamentais passaram a adotar medidas repressivas e supressoras de liberdades individuais, mormente a de expressão, de modo que a imprensa sentiria fortemente tais circunstâncias. O semanário ilustrado-humorístico lisboeta também passou por tais percalços, ainda mais a partir de sua proposta crítico-opinativa, diante do que protestou por meio de construções textuais e iconográficas contra tal situação, condenando a supressão do direito de fala, com iconografias que traziam a extração de bocas e línguas, como sinal da predominante coerção. Ainda assim o Zé Povo não se entregava, como na ilustração segundo a qual um outro periódico reivindicava “abnegação e sacrifícios de parte da população”, perante a crise econômica, ao que o Zé respondia que, além dos cuidados com os fundos financeiros, também deveria haver atenção para com o aumento do custo dos alimentos⁶⁸.

⁶⁸ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 5 mar. 1891.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



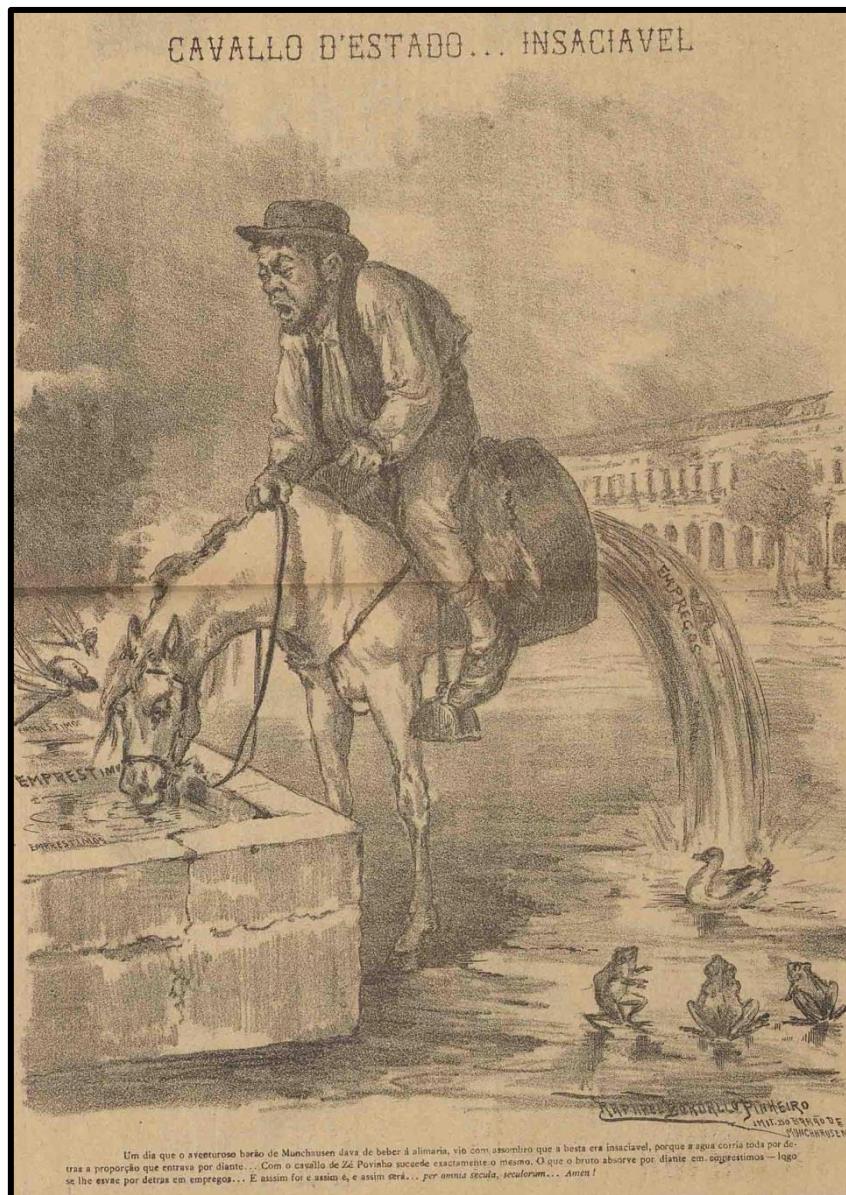
Citando o Barão de Münchhausen, o hebdomadário mostrava o Zé Povinho montado no “cavalo do Estado”, o qual era considerado como “insaciável”, pois sorvia a água dos “emprestimos”, mas a mesma era completamente desperdiçada, uma vez que a representação animal só possuía metade do corpo, correndo o líquido pelo lado que faltava, simbolizando a perda de verbas públicas e mesmo da possibilidade de oferta de mais “empregos”⁶⁹. Enquanto um político vestido de mulher e utilizando-se de uma máscara buscava identificar-se como uma novidade na vida pública, o Zé, esperto, observava que o mesmo não tinha nada de novo, representando apenas as tradicionais práticas de então, de modo que a “vida nova” nada mais seria do que a “vida velha”⁷⁰. Em uma caricatura carregada de simbolismo, enquanto o Zé Povinho dormia pesadamente na beira de um poço, acompanhado pelo chefe de gabinete que, transmutado em uma aranha, sustentava Portugal com um único fio de sua teia, sendo o país designado por sua tradicional representação – o velho cavaleiro – que aparecia praticamente despido, despojado de sua armadura e elmo. Enquanto um leão simbolizando a Espanha afiava as unhas para aproveitar-se dos obstáculos da nação vizinha, as figuras mitológicas das três parcas, que determinavam a duração da vida e os destinos dos homens, simbolizando a ditadura que tomava conta do contexto luso, o imperialismo britânico e as finanças internacionais, cada qual com a sua tesoura preparavam-se para cortar a única sustentação que restava para Portugal,

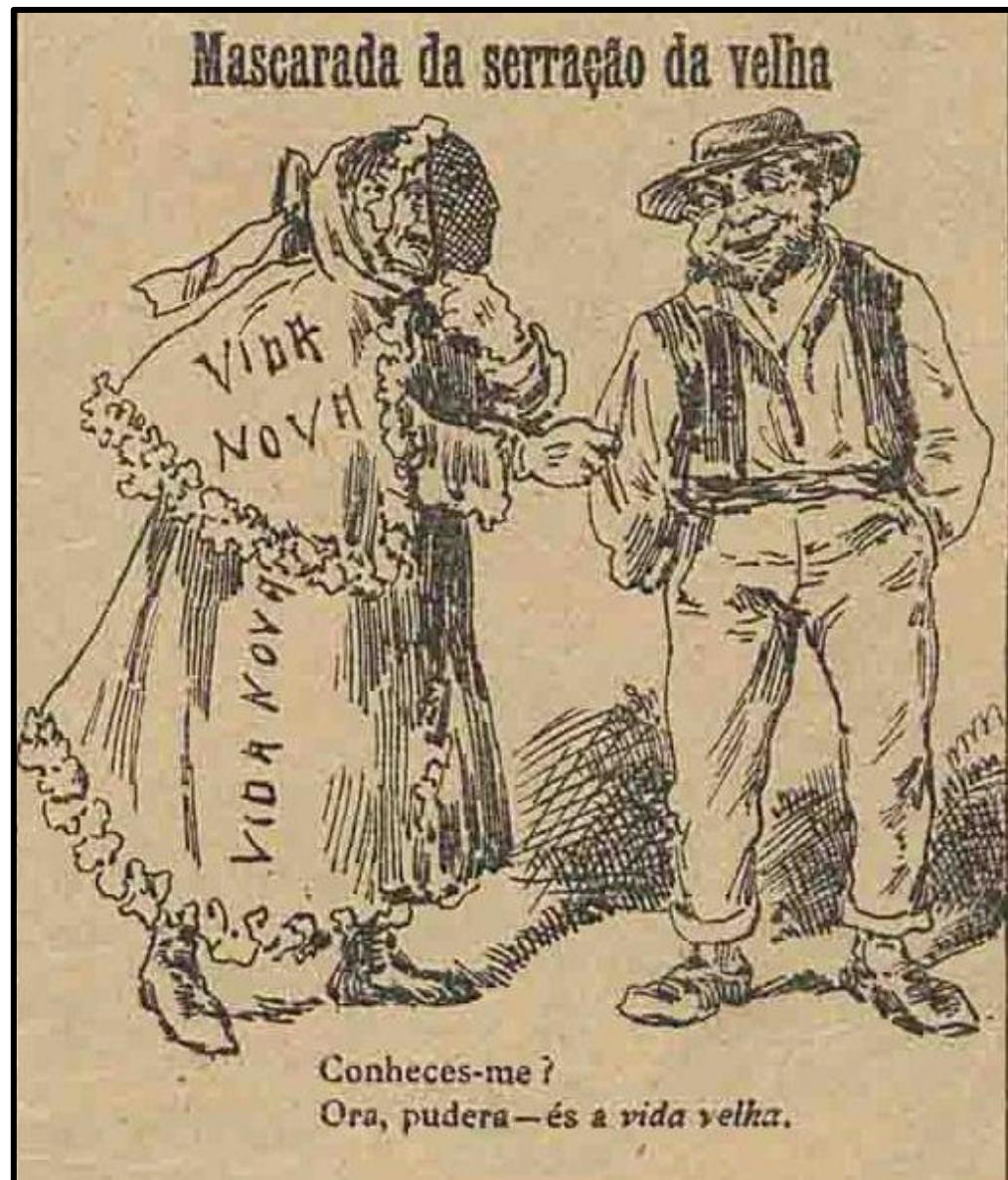
⁶⁹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 19 mar. 1891.

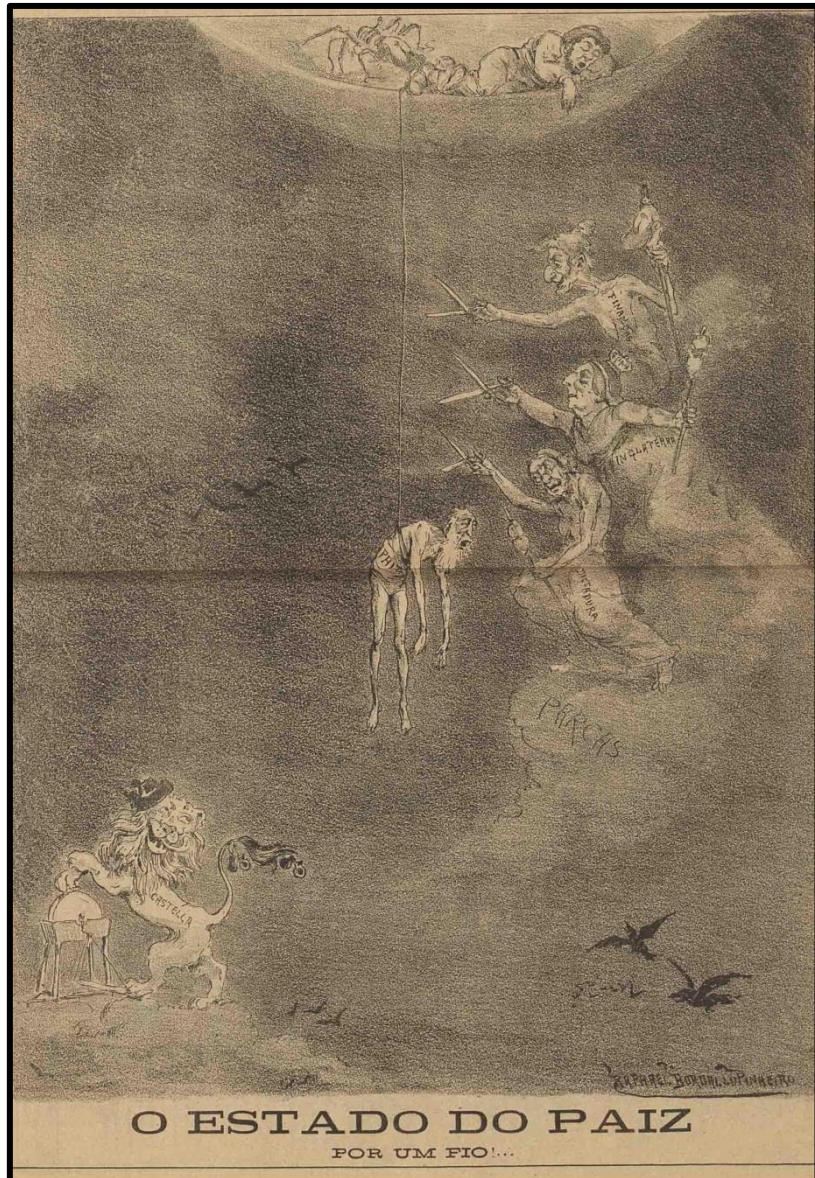
⁷⁰ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 28 mar. 1891.

concluindo o periódico que aquele seria “o estado do país”, ou seja, pendendo “por um fio”, que seus maiores adversários estariam prestes a romper, levando o país ao fundo do poço. A incapacidade administrativa foi uma das características mais imputadas pelo *Antônio Maria* aos homens públicos, que insistiu em apontar a incompetência e a negligência, de modo a atribuir-lhes por várias vezes a pecha de nefelibatas, em alusão aqueles que vivem nas nuvens ou distraídos, em clara referência a descuidos ou malfeitos quanto à gestão da coisa pública. Por meio de poemas satíricos e desenhos, o periódico criticou vários políticos e não poupou nem mesmo o Zé Povo, por sua debilidade e fraqueza, sem maiores reações para com as circunstâncias vigentes⁷¹.

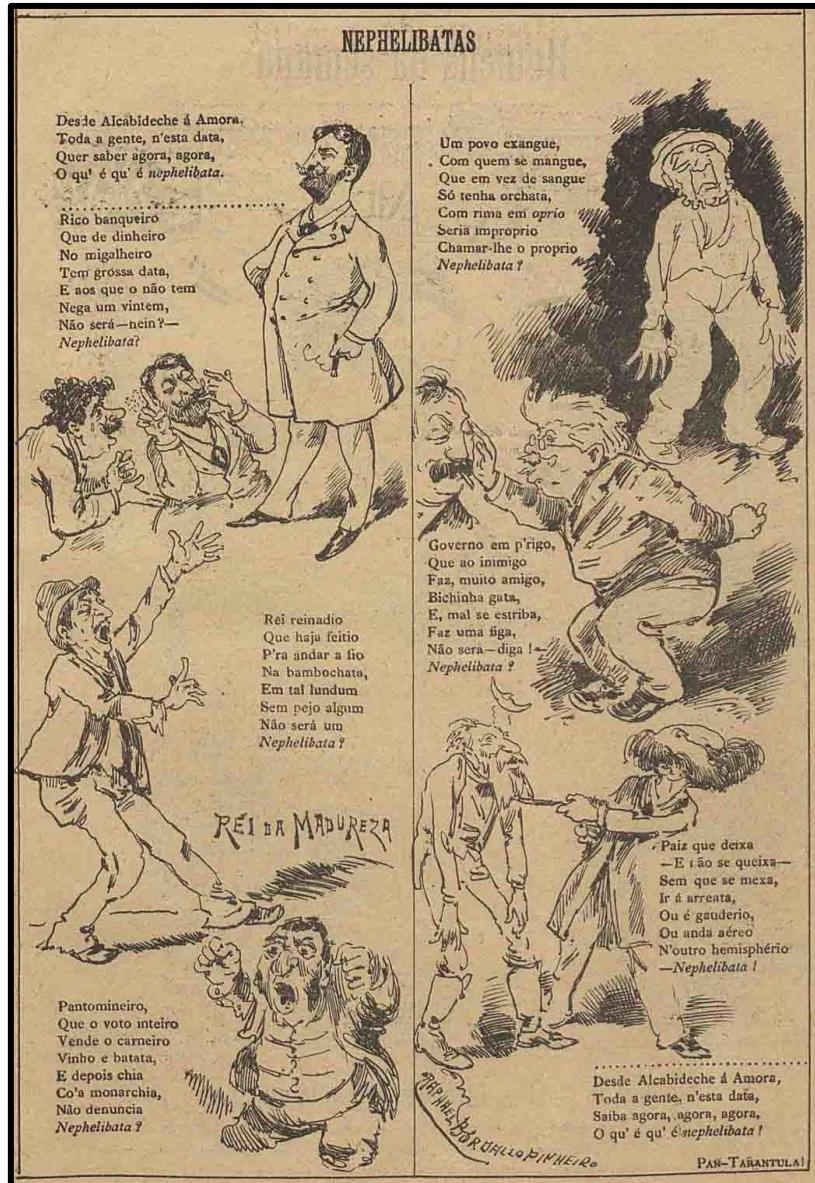
⁷¹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 2 abr. 1891.







PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



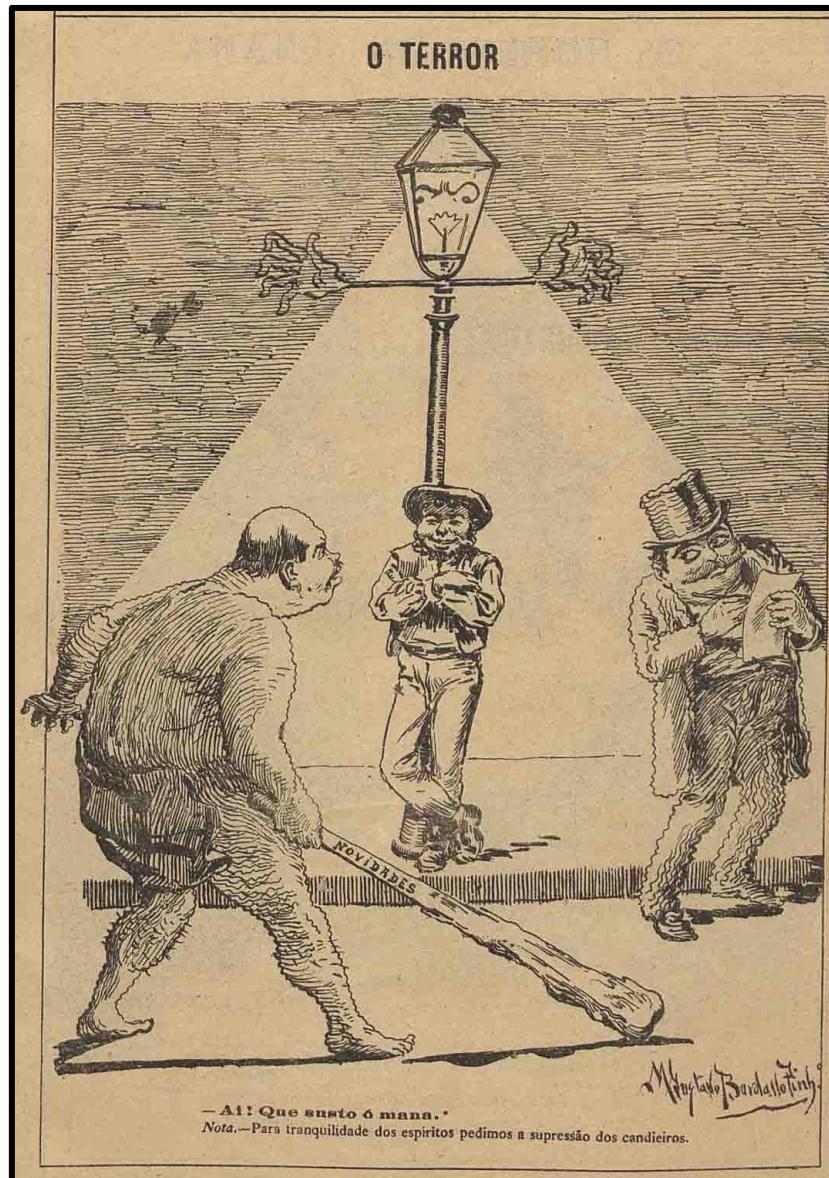
Demonstrando a dualidade empregada nas representações do Zé Povinho, o caricaturista retirava-lhe da passividade, para mostrá-lo vociferando contra decisões governamentais, acompanhando a denominada “opinião pública”, revelando o desejo do periódico de que houvesse uma reação popular diante daquele status quo considerado como inaceitável. Uma liderança política aparecia como um Pã estilizado, o qual, apesar de seus vínculos com a música e a dança, poderia também trazer consigo as trevas, despertando o pavor entre aqueles que precisassem atravessar uma floresta. Enquanto o “leão-hispânico” se mostrava exultante por um possível descuido dos portugueses quanto às suas fronteiras, o símbolo dos britânicos, John Bull, embriagado com o vinho do Porto, se espraiava pelo território africano, inclusive em relação ao ultramar luso. Enquanto isso, os políticos portugueses não se entendiam, tropeçando ou discutindo entre si. No quadro, o Zé Povo mostrava-se em desespero, com a constatação de que, “na atualidade” lusitana, “ninguém se entende”. Em relação ao debate da conjuntura portuguesa por meio dos jornais, o Zé, encostado a um poste de iluminação, ironizava a ação de alguns de seus companheiros de imprensa nas formas de tratamento ao governo, insistindo na situação terrível do país e censurando as atitudes dos jornalistas, sugerindo que as mesmas deveriam permanecer na escuridão⁷².

⁷² ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 9 abr. 1891.





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)

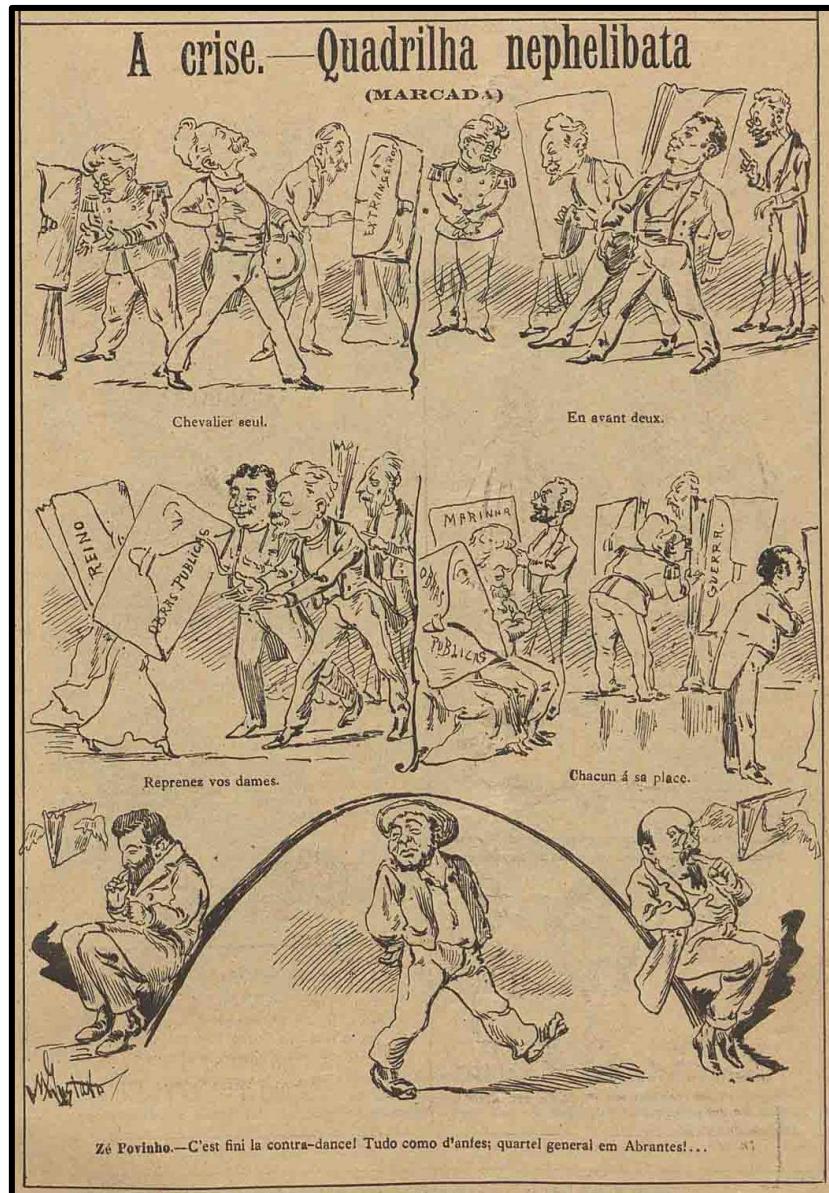


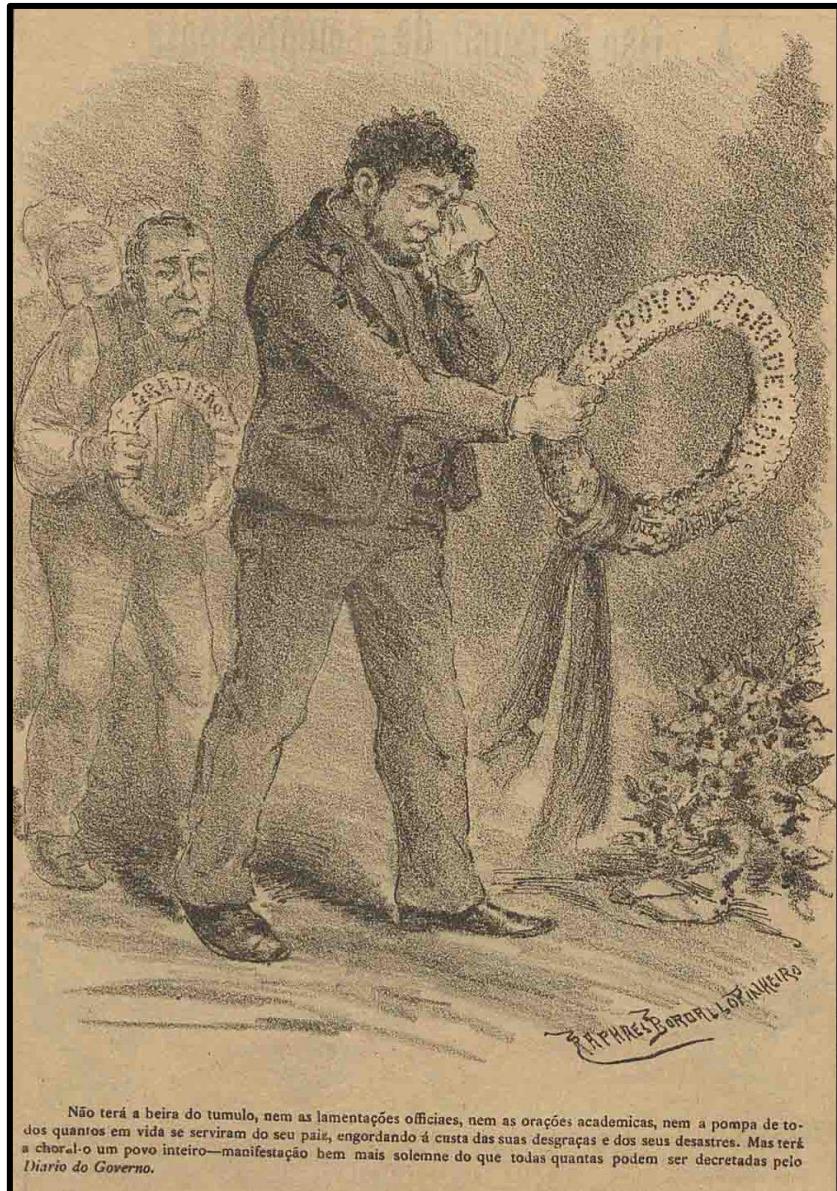
As dificuldades governamentais em Portugal foram mais uma vez atribuídas pelo periódico aos políticos considerados incapazes, se referindo à “crise” motivada por uma “quadrilha nefelibata”, que dominava os cargos públicos, como no caso do ministério, em meio ao qual de nada adiantaria mudanças nos ocupantes de cada pasta, pois as dificuldades permaneciam, ou, segundo o próprio Zé Povinho⁷³, não haveria condições de alterações, permanecendo, como lembrava um axioma luso, “tudo como dantes”. O falecimento de José Elias Garcia, militar, escritor público e militante republicano trouxe várias homenagens do semanário ao morto, dentre elas, o Zé Povo dedicava uma coroa ao seu túmulo, trazendo consigo a lembrança do “povo agradecido”⁷³. Outra homenagem foi dedicada à ação artística do teatrólogo João Maria Evangelista Gonçalves Zarco da Câmara, o qual recebia diversas coroas de louros, uma delas inclusive das mãos da figura que representava o povo português. Em outra caricatura, os homens públicos convertiam a administração em verdadeira brincadeira, transformando o “ministério” em um joguete, identificado como “o jogo do papelão”, o qual era assistido por um desesperançado Zé Povinho⁷⁴.

⁷³ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 23 abr. 1891.

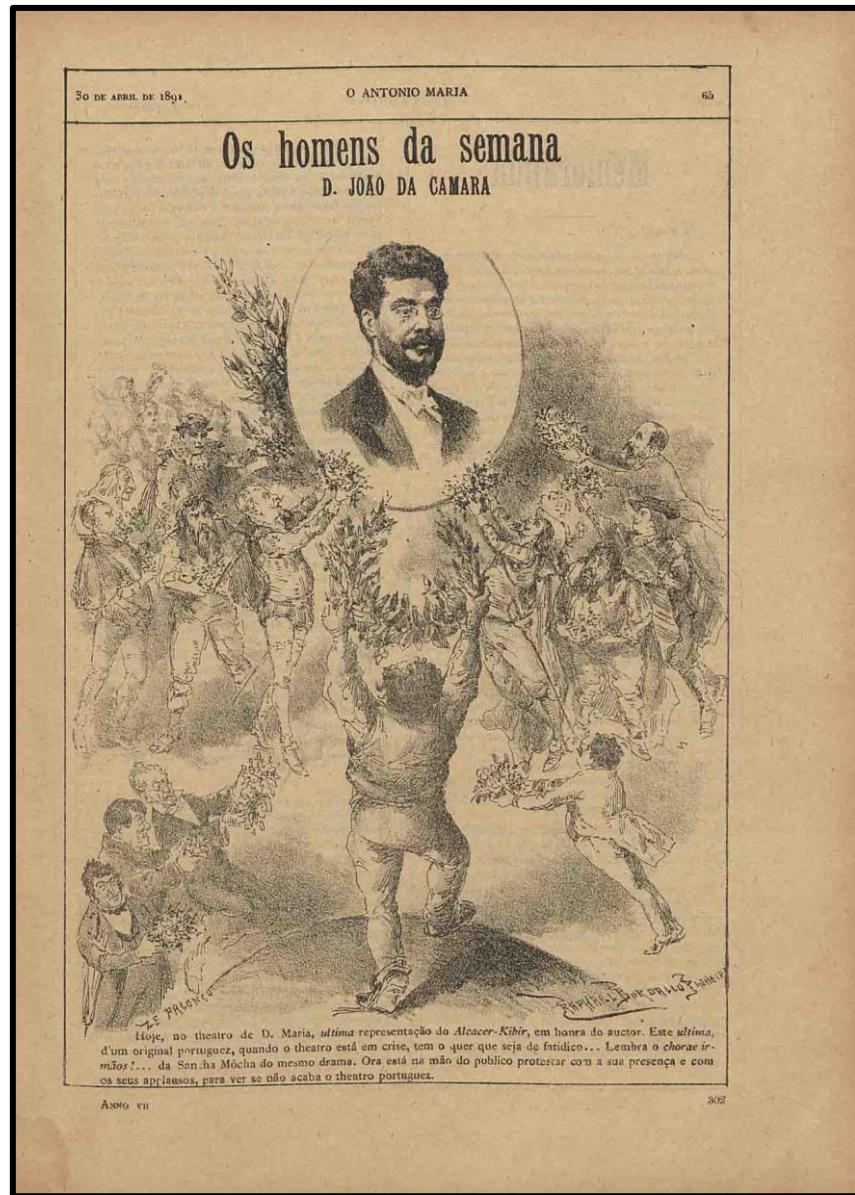
⁷⁴ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 30 abr. 1891.

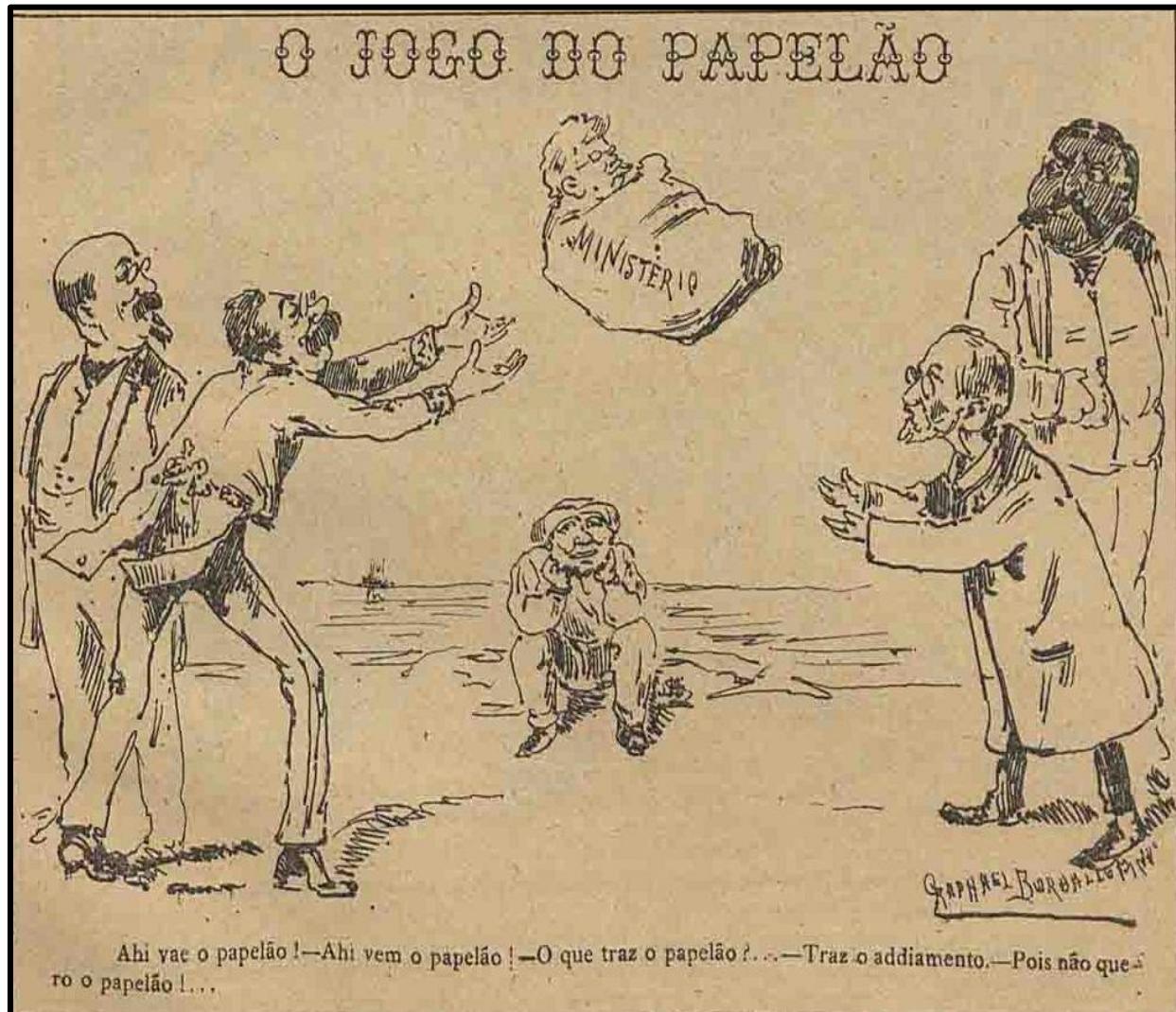
PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





Com base no quadro “Só Deus!” de autoria do pintor lusitano Francisco Augusto Metrass, que mostrava uma mulher em agonia, tentando sustentar-se e a uma criança, ao agarrar-se em um tronco, para enfrentar a força da correnteza, o *Antônio Maria* identificava a figura feminina com a pátria e o tronco com as instituições, ao passo que a criança era substituída por um jovem Zé Povinho, enquanto a força das águas trazia consigo as representações de diversos dos males que afligiam a nação lusitana. Uma conversa entre o Zé Povo e o “pé-de-meia” – em referência ao dinheiro economizado e reservado, normalmente em algum cômodo da casa – trazia consigo a discussão em torno das dificuldades financeiras do país, com o primeiro culpando o outro pela crise, obtendo por resposta a falta de confiança no sistema bancário nacional. Diante da “corrida política”, o “Antônio” e a “Maria” vociferavam com o Zé Povinho, perguntando-lhe “onde diabo” ele iria “parar”, enquanto o personagem, cavalgando em pelo um burro, identificado com “a situação” nacional, e carregando as costas a sua própria sela – em alusão ao domínio sobre ele exercido pelos governantes –, dizia não saber o seu destino, o qual seria decidido pelo animal desembestado. Em um encontro inusitado entre um rico e o Zé, este reclamando do trabalho que dava ganhar dinheiro, enquanto aquele lastimava o incômodo de guardar o dinheiro, surgindo a conclusão moral de que ninguém se encontrava contente com a sua sorte⁷⁵.

⁷⁵ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 14 maio 1891.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)







A representação do povo parecia se divertir como outro encontro entre a folha republicana *O Século* e a publicação institucional *Diário do Governo*, que, segundo o *Antônio Maria*, teria feito uma manifestação pouco favorável ao governo, de modo que parecia estar substituindo a coroa – símbolo da monarquia – pelo barrete frígio – designação do republicanismo⁷⁶. Outro tema abordado pela caricatura se referia a um palhaço articulado e com movimentos, trazido da França e exposto na vitrina de uma loja lisbonense, ao que o periódico fazia uma comparação com o Zé Povinho que também não teria autonomia em seus movimentos, limitando-se a aplaudir o governo, fosse por causa da força da repressão, representada por uma espada, fosse pelo interesse de manter sua subsistência, demonstrado pelo prato que lhe era oferecido. Mais uma vez referindo-se à “semana política”, o hebdomadário caracterizava a ação dos homens públicos como um grande divertimento, verdadeira pândega, com dança, música e cantoria, estando despreocupados com os rumos da nação, com o cenário contando ainda com a presença de um Zé Povo ébrio e entorpecido, como a esquecer das dificuldades que lhe afigiam⁷⁷. Diante do acordo negociado com a Grã-Bretanha, o periódico mostrava Portugal como um Cristo crucificado, situação que estaria a contar com a conivência dos políticos lusos, de modo que ao Zé só restava orar por uma sorte melhor para si e o seu país⁷⁸.

⁷⁶ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 14 maio 1891.

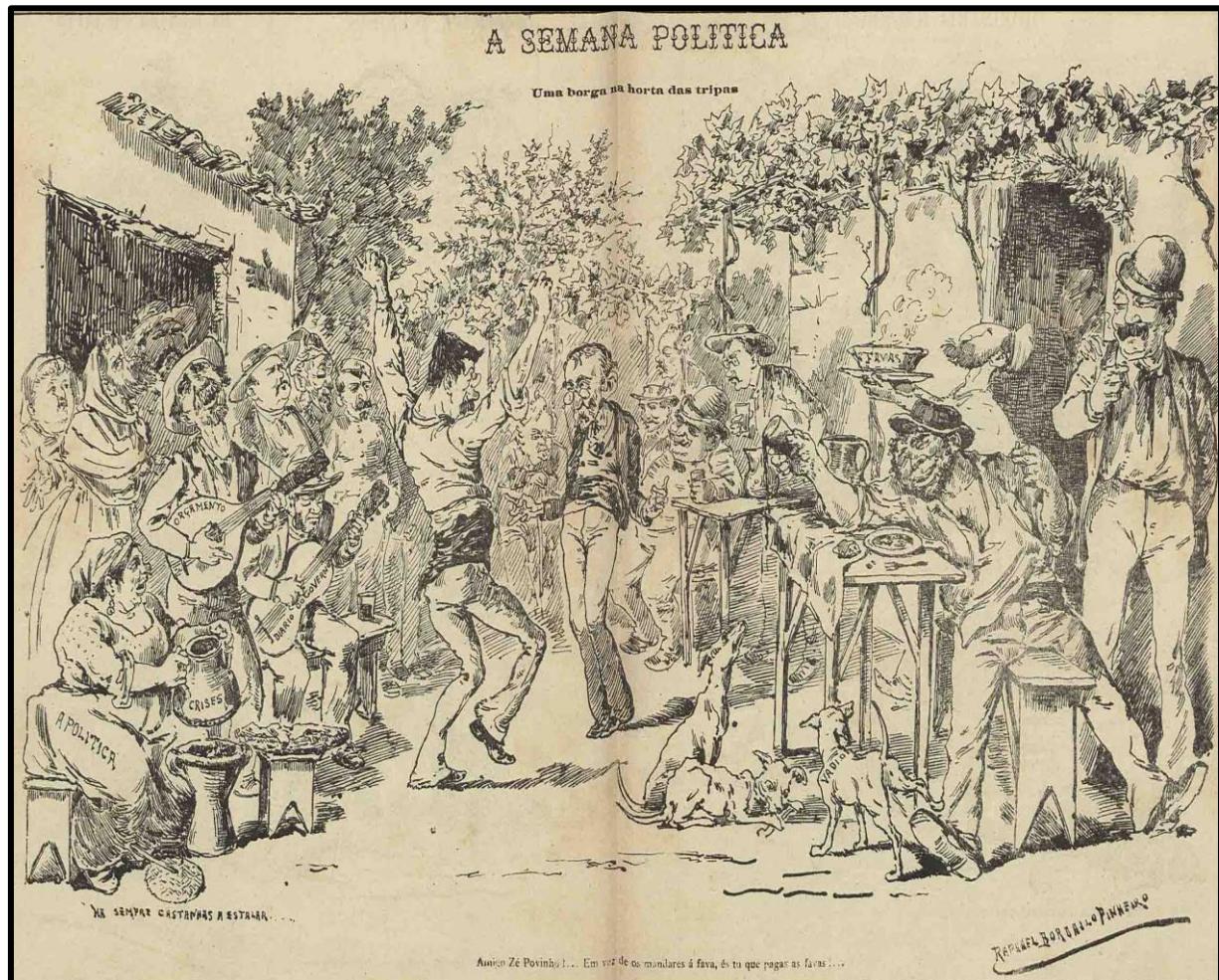
⁷⁷ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 21 maio 1891.

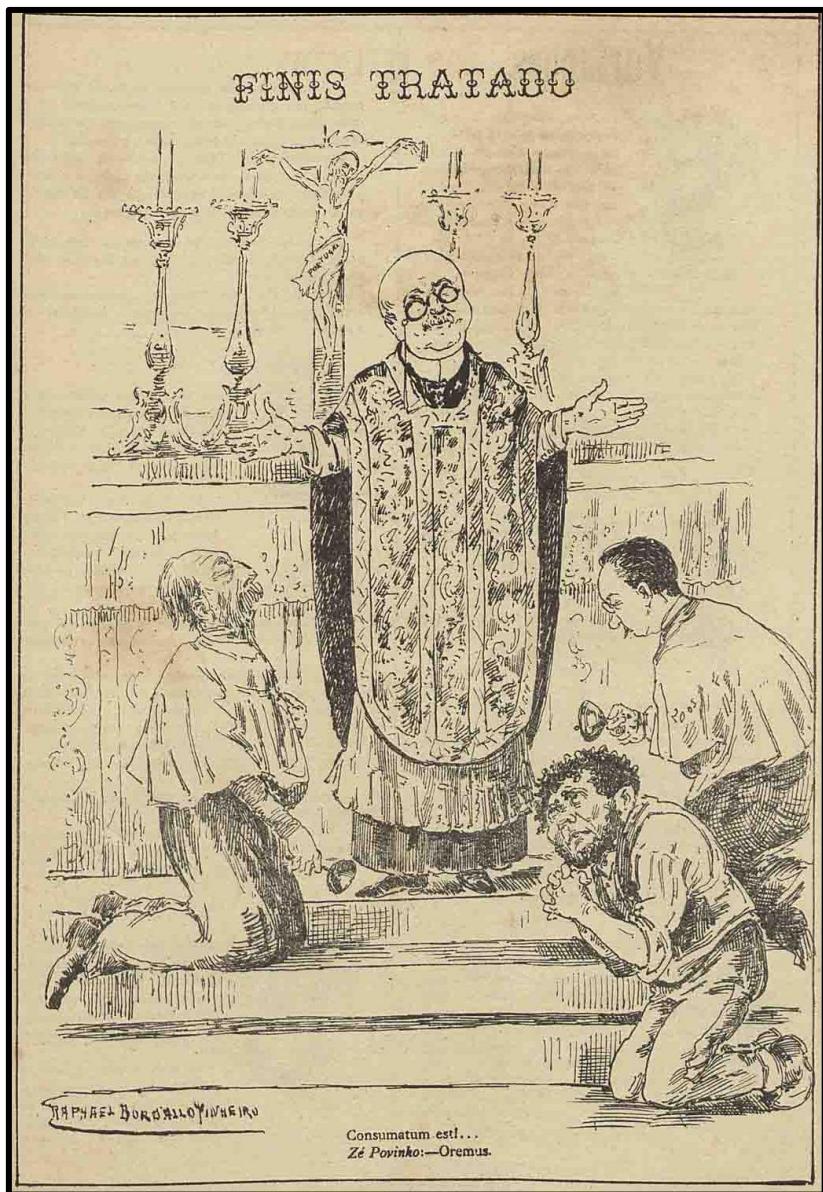
⁷⁸ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 11 jun. 1891.





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





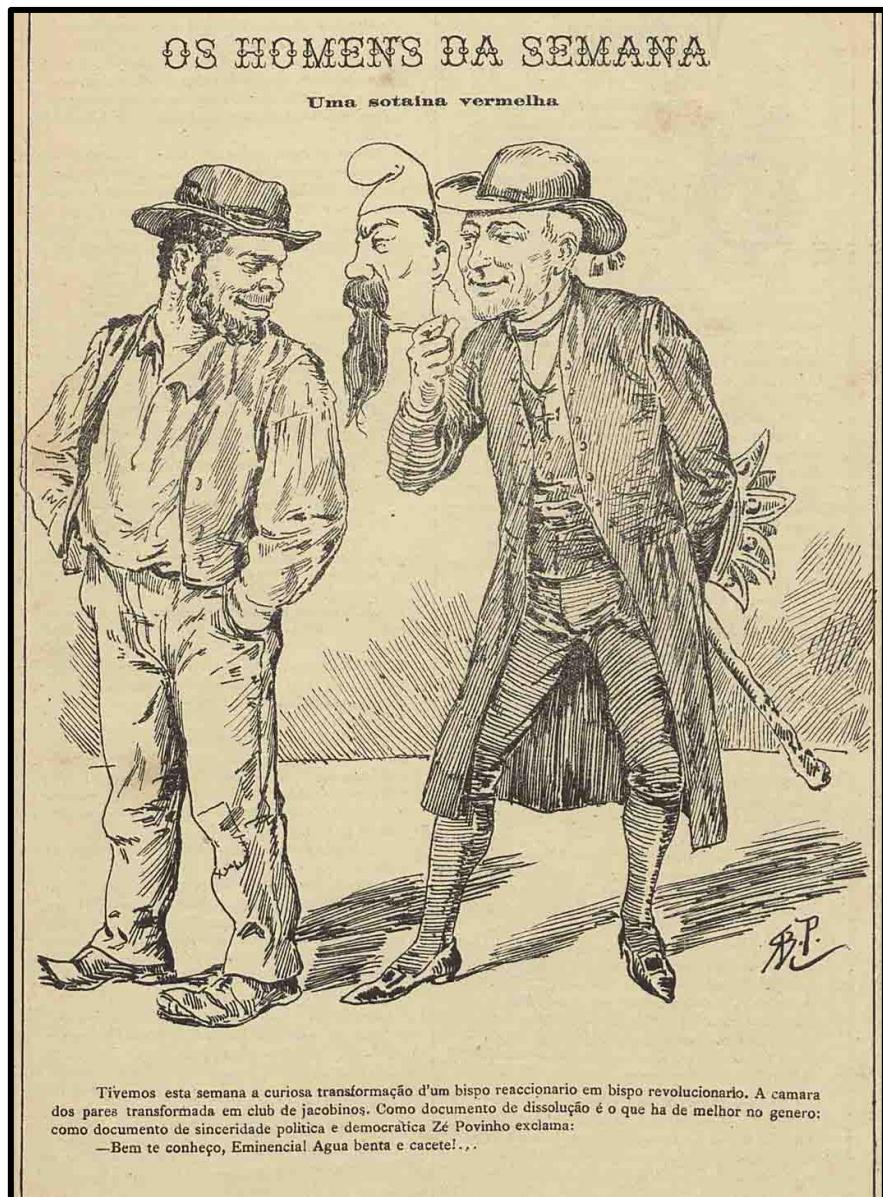
Uma debilitada figura feminina representava as “instituições” monárquicas, para a qual um político buscava aplicar uma “vacina” que trouxesse algumas soluções para os problemas de saúde que a acometiam, sendo tal remédio composto por medidas consideradas como urgentes para a nação lusa, como a situação econômica, a “tolerância” política, a “liberdade de imprensa” e a “proteção às indústrias nacionais”. Ao mesmo tempo em que vacinava, o “doutor” pisava nas vestes da mulher-monarquia, em sinal do predomínio que buscava exercer sobre a mesma, ao passo que perguntava a opinião do Zé Povinho a respeito do sucesso do tratamento, ao que ele se mostrava desconfiado e limitava-se a cruzar os dedos quanto à eficácia das medidas⁷⁹. Frente a algumas indefinições político-partidárias, o Zé Povinho mostrava-se incrédulo perante uma suposta mudança de postura ideológica de um clero, que mostrava uma “máscara” de republicano, mas escondia a “coroa” do pensamento monárquico. Em relação à tradição de pular a fogueira, típica das festas juninas, a folha ilustrada e humorística mostrava um Zé Povo vivamente interessado em divertir-se com os riscos que estariam a correr os políticos diante da iminência de terem de saltar sobre as labaredas de fogo que continham em si alguns dos males que atingiam o país e também algumas das reivindicações e “indignações” da população⁸⁰.

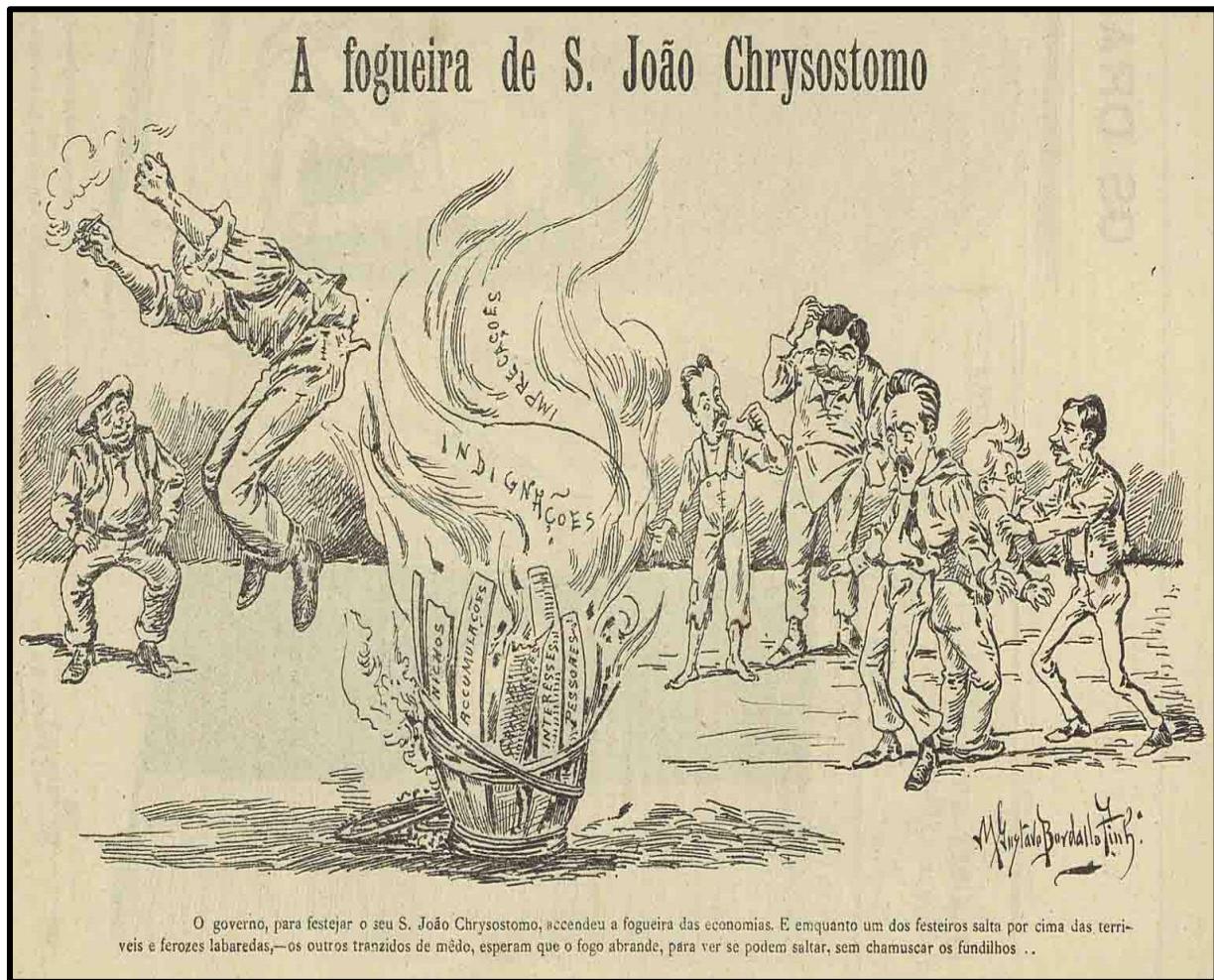
⁷⁹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 11 jun. 1891.

⁸⁰ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 27 jun. 1891.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



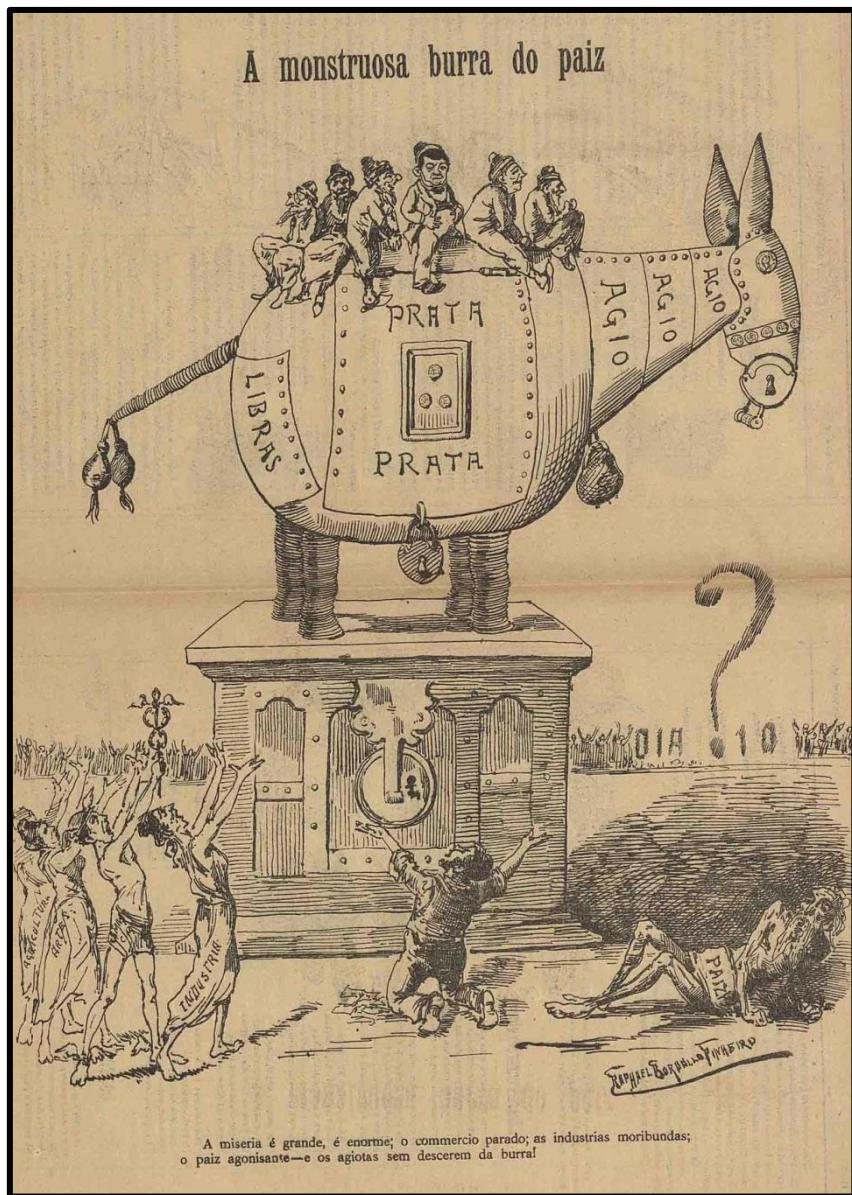


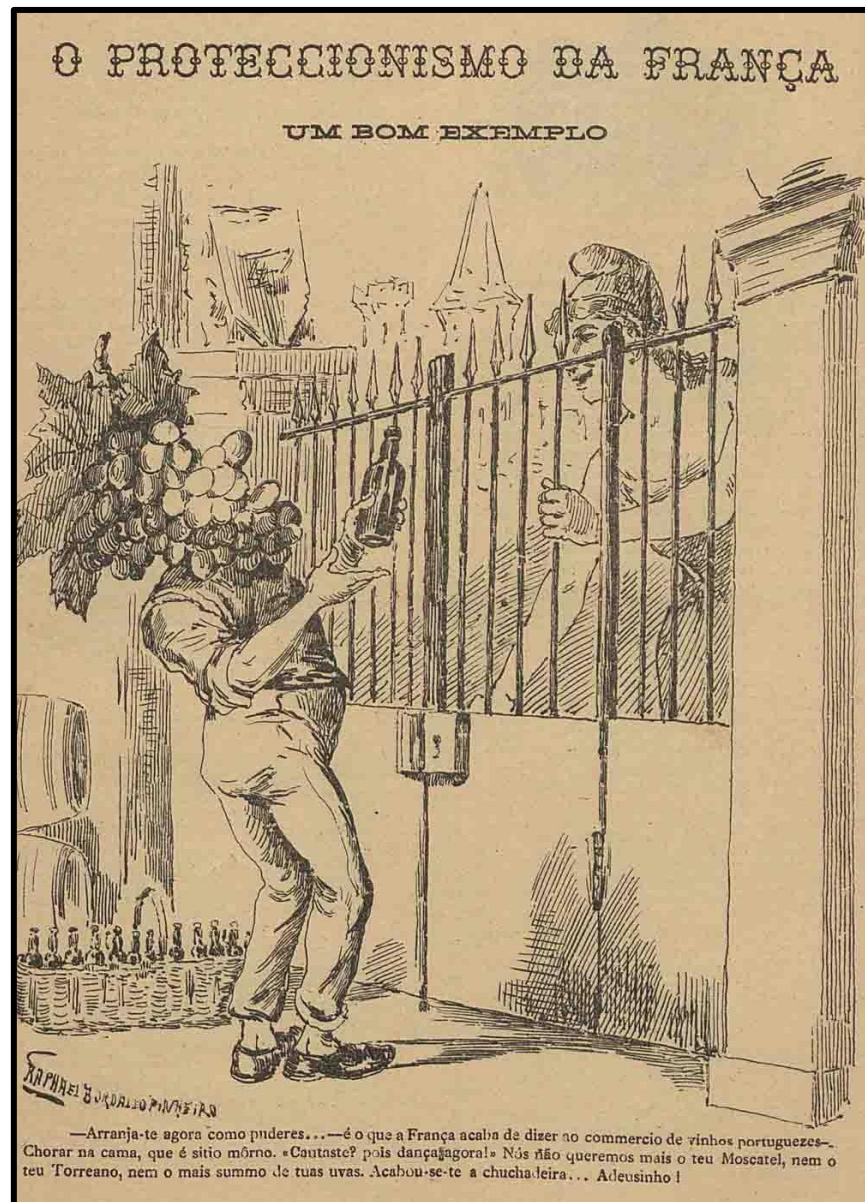
O governo, para festejar o seu S. João Chrysostomo, accendeu a fogueira das economias. E enquanto um dos festeiros salta por cima das terríveis e ferozes labaredas,—os outros tranzidos de medo, esperam que o fogo abrande, para ver se podem saltar, sem chamuscar os fundilhos ..

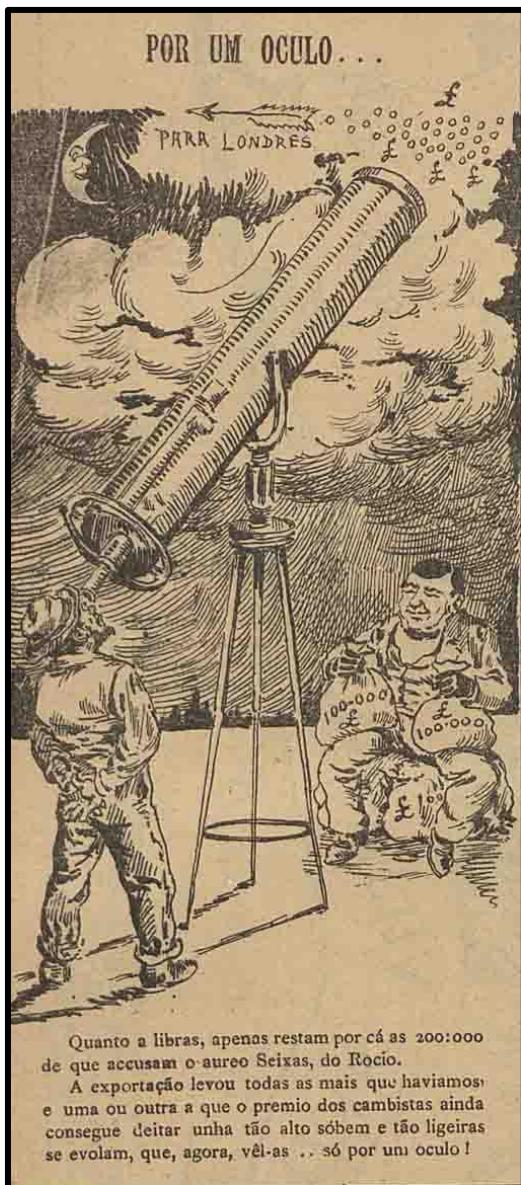
Associando os dois sentidos da palavra “burra”, moldando um cofre no formato da fêmea do burro, o semanário denunciava a perniciosa ação dos agiotas em meio à sociedade lusa. Sob o título “A monstruosa burra do país”, mostrava os praticantes da agiotagem encarrapitados no alto do cofre, enquanto no chão figuras magérrimas e desesperadas representavam a agricultura, as artes e as indústrias, além do comércio, simbolizado pela divindade clássica Mercúrio, enquanto, do outro lado, o velho cavaleiro, designativo de Portugal, seminu, aparecia prostrado, caído ao chão, ao passo que o Zé Povo suplicava por melhores dias, perante “a miséria grande, enorme” que tomava conta do país⁸¹. Tendo a cabeça substituída por um cacho de uvas, o Zé Povinho era barrado pela dama republicana francesa, no sentido do bloqueio da França à entrada dos produtos vinícolas portugueses em seu mercado. A desvalorização da moeda lusa era o tema de outra caricatura, na qual o Zé observava por uma luneta os recursos portugueses sendo deslocados diretamente para Londres, em alusão ao histórico destino das riquezas lusitanas para a Grã-Bretanha. Ainda sobre a penúria econômica portuguesa, o periódico apresentava ilustração na qual a agricultura, o comércio e a indústria, apareciam como figuras esquálidas e famélicas, enquanto o Zé Povinho tinha de fazer verdadeira acrobacia para trocar “o triste fado”, em um piano identificado como “Banco de Portugal”⁸².

⁸¹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 9 jul. 1891.

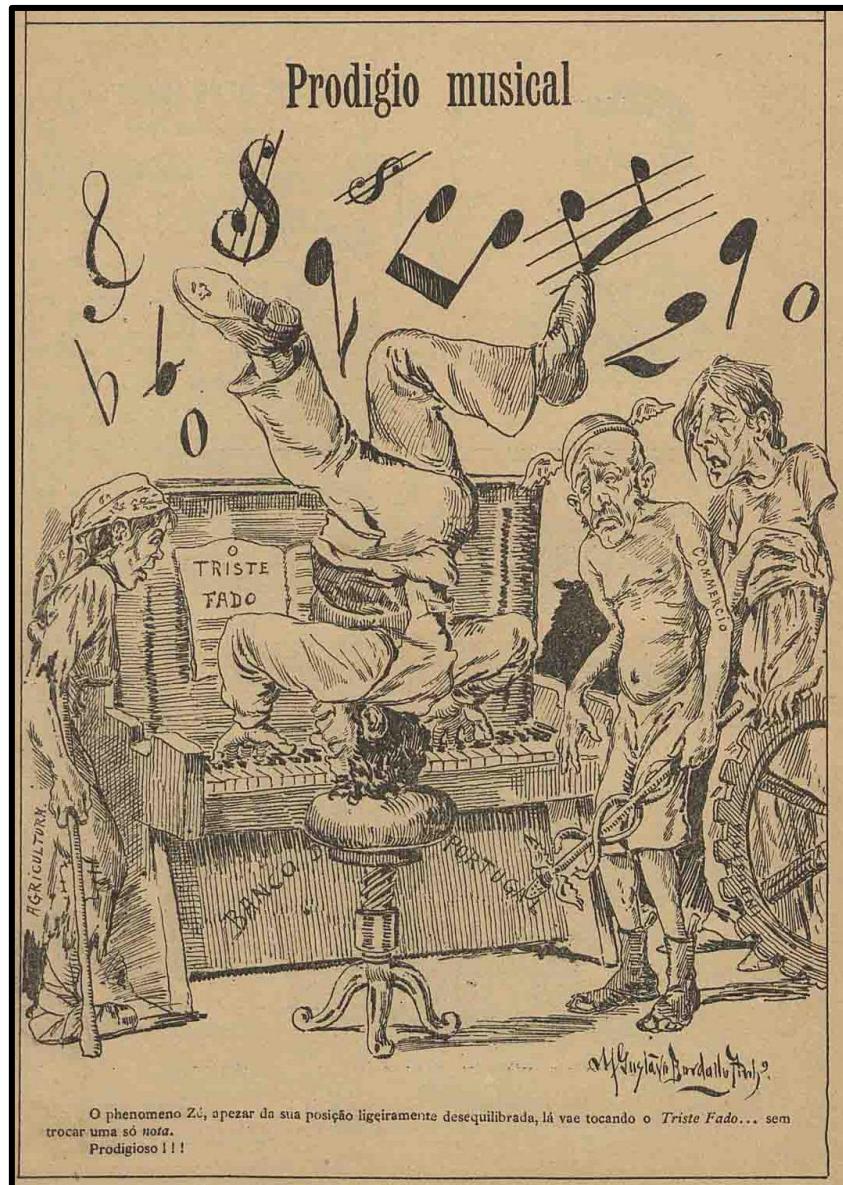
⁸² ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 16 jul. 1891.







PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



A agiotagem era mais uma vez denunciada como uma figura pantagruélica que sorvia todo o dinheiro nacional, para o desespero do comércio e da indústria, ao passo que o Zé Povinho constatava o vazio de seus bolsos, em analogia à completa miséria a qual estava entregue⁸³. Em um conjunto caricatural, com base na questão popular em torno do que viera antes, o ovo ou a galinha, em pergunta levantada pelo Zé, servia como oportunidade para debater as origens das dificuldades financeiras lusas, sugerindo que ela poderia ter advindo da “crise” ou da “agiotagem”⁸⁴. Sobre a política internacional entabulada entre as nações europeias, com a formação de múltiplas alianças, ao Zé português e à dama espanhola restava apenas questionar qual seria o papel dos dois naquele contexto. Por meio de gravura, o semanário propunha uma mobilização do conjunto da sociedade lusitana em defesa da “indústria nacional”, com o Zé protegendo-a e atacando a representação da “indústria estrangeira”⁸⁵. Em um quadro de predomínio da agiotagem, o Zé Povinho preparava o responsável pela pasta da Fazenda para que o conjunto da sociedade lusa pudesse aplicar-lhe uma palmada⁸⁶. Uma manifestação anticlerical trazia o Zé Povo conclamando a que se realizasse uma limpeza no meio social lusitano, no sentido de eliminar religiosos trinitários⁸⁷.

⁸³ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 23 jul. 1891.

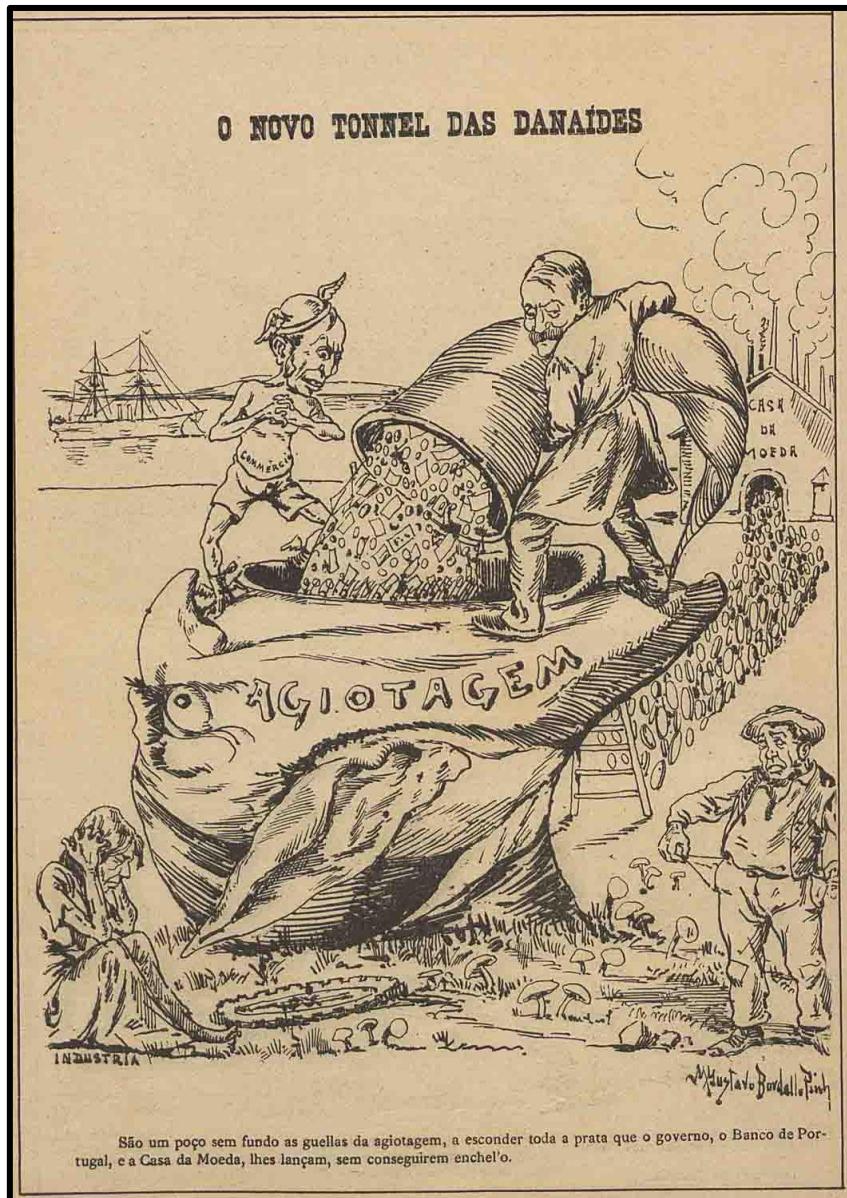
⁸⁴ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 30 jul. 1891.

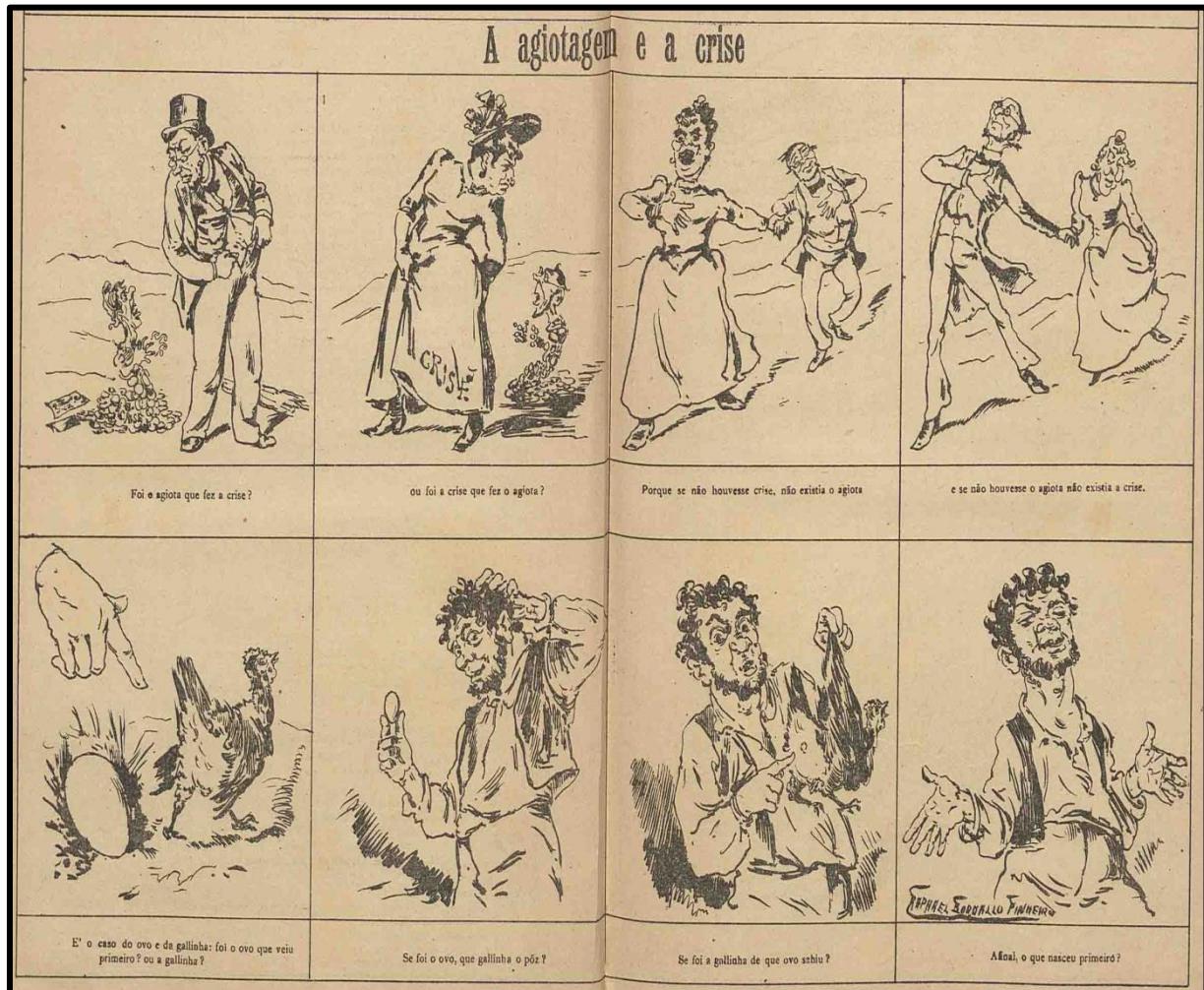
⁸⁵ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 13 ago. 1891.

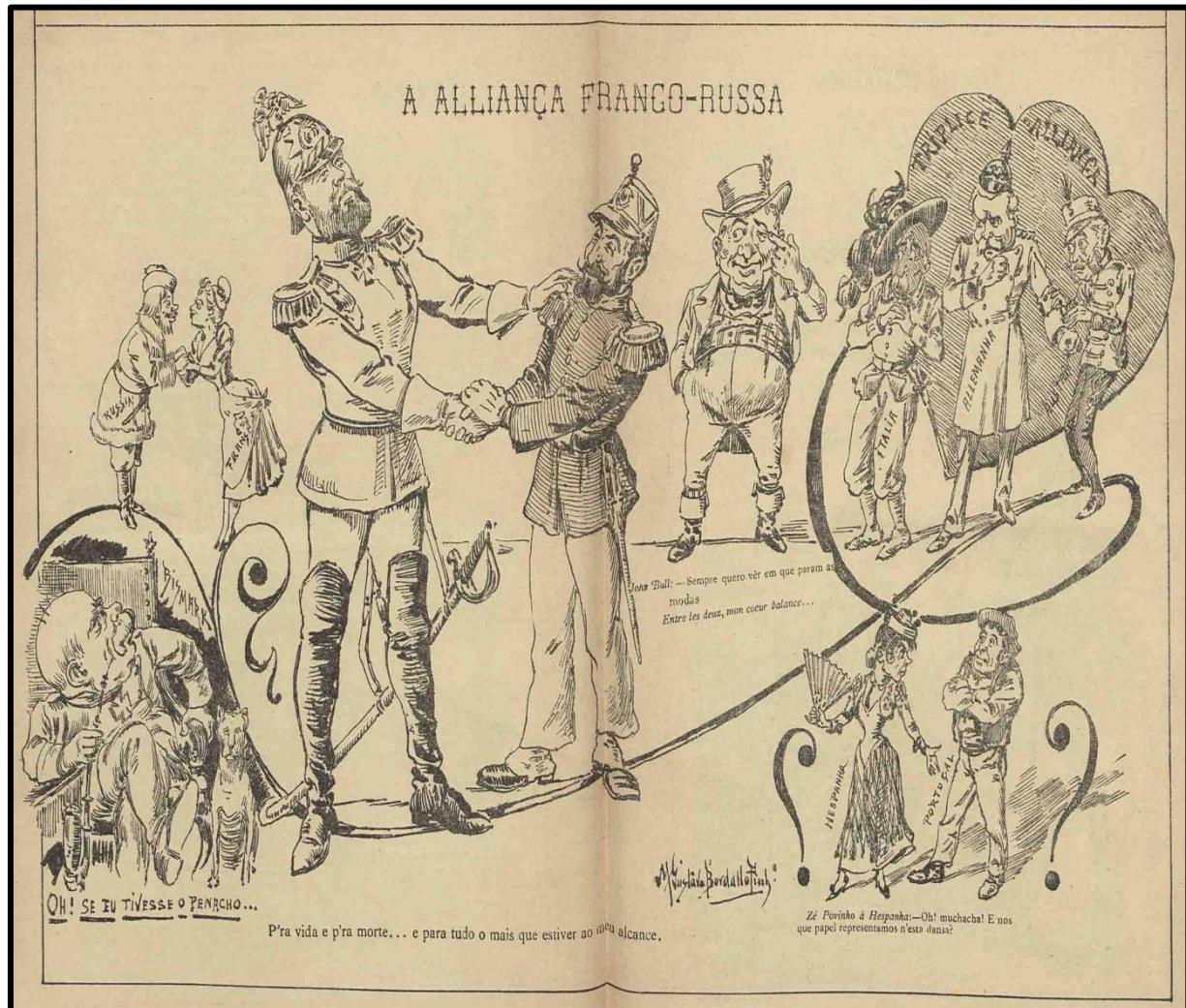
⁸⁶ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 20 ago. 1891.

⁸⁷ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 28 ago. 1891.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)

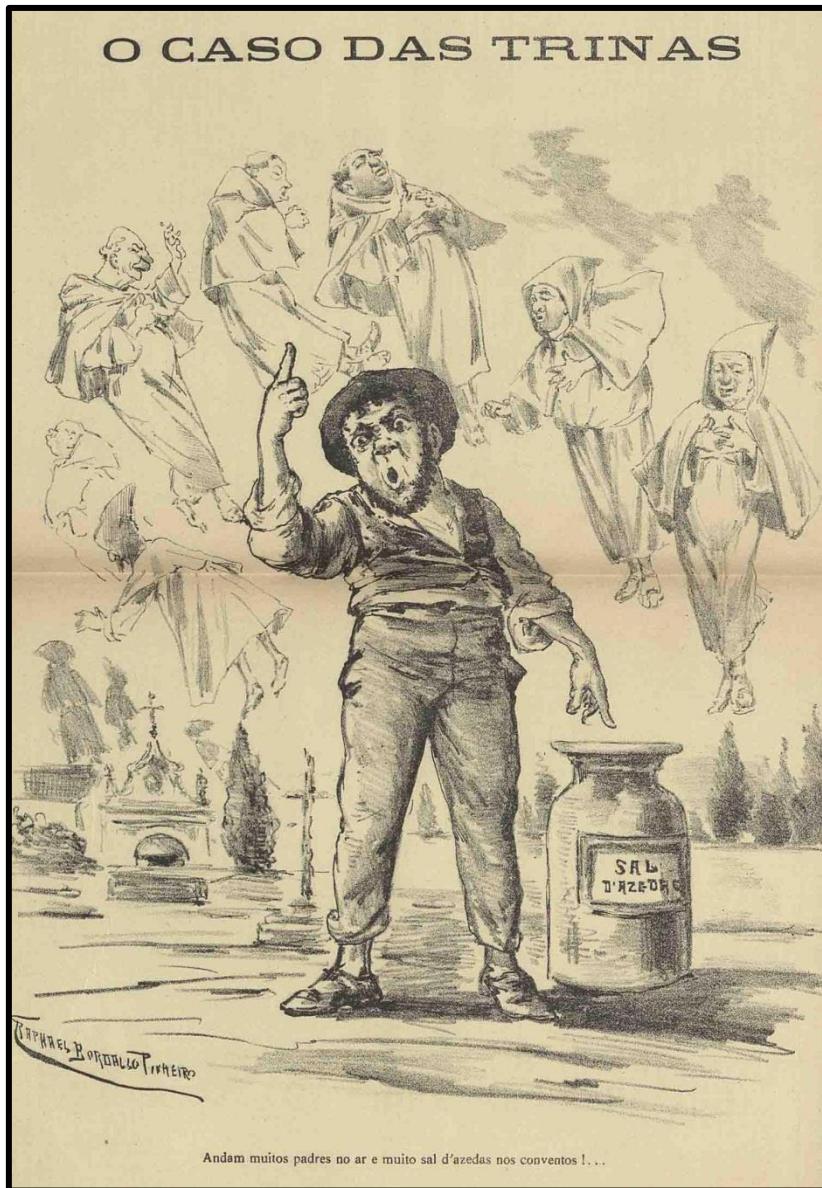












Carregando nas cores da ironia, o hebdomadário lisbonense mostrava os portugueses, dentre eles o Zé Povinho, o Antônio e a Maria, a manterem-se festejando alegremente apesar do recrudescimento da crise que tomava conta do país⁸⁸. Diante de uma reforma administrativa, o Zé se mostrava estupefato pois, mais uma vez, a conta da transformação na máquina pública seria paga por ele⁸⁹. Contrariamente ao espírito alegre expresso de forma irônica anteriormente, o Zé Povo assistia a um desentendimento geral que se espalhava entre todos, mormente por causa dos óbices econômicos, inclusive o vinculado às dificuldades nas condições de aquisição de alimentos⁹⁰. Mesclando a perspectiva da transmissão oral dos contos infantis, com o empenho de um político para obter um melhor resultado em seus intentos, o Zé informava-lhe que seus esforços tendiam a ser em vão⁹¹. Sob a inspiração da obra Fausto, de Johann Wolfgang von Goethe, o Zé Povinho era travestido da personagem feminina da peça teatral, Margarida, que, esquecendo das agruras pelas quais passava, caía em tentação diante de uma oferta pífia que lhe fora feita⁹². O *Antônio Maria* também utilizou-se da representação imagética do povo português para saudar entusiasticamente uma exposição organizada na cidade do Porto⁹³. Na última edição de 1891, junto de Maria e Antônio, indignados, o Zé

⁸⁸ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 3 set. 1891.

⁸⁹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 1º out. 1891.

⁹⁰ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 23 out. 1891.

⁹¹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 29 out. 1891.

⁹² ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 12 nov. 1891.

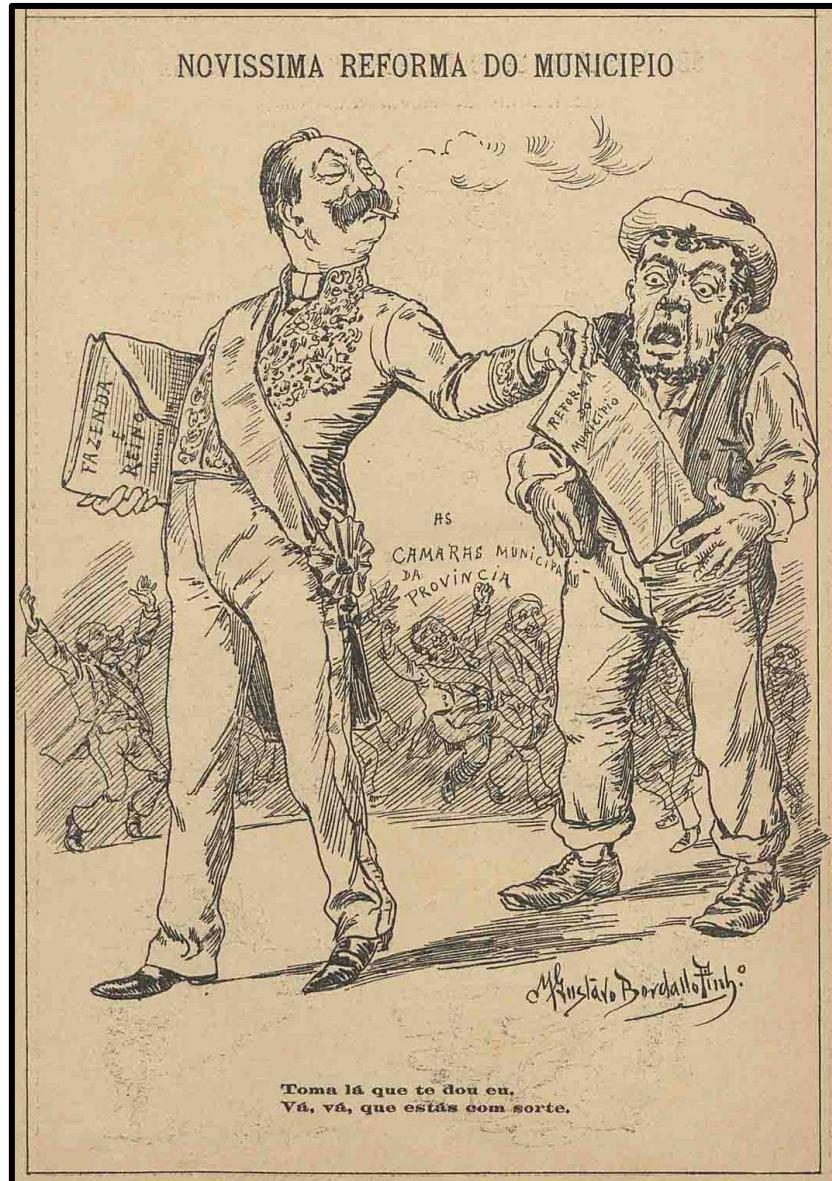
⁹³ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 26 nov. 1891.

Povo mostrava-se assustadiço diante da chegada de um novo ano, imaginando-o tão ruim ou pior do que aquele que se encerrava⁹⁴.

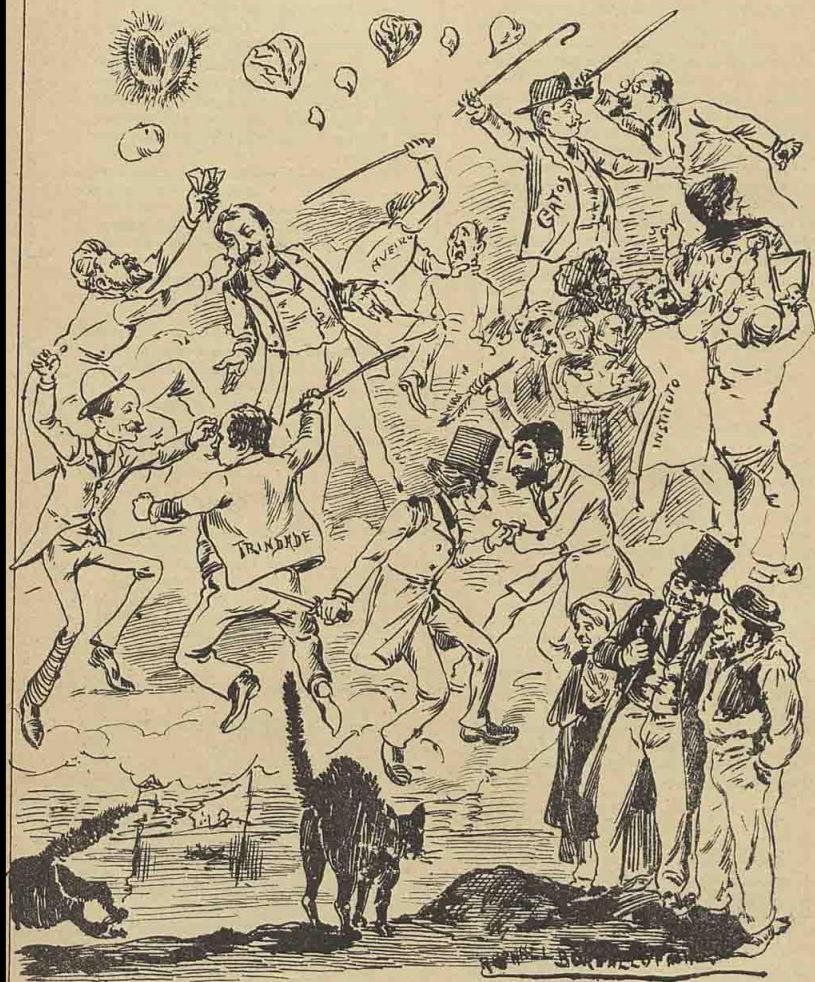


⁹⁴ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 31 dez. 1891.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)

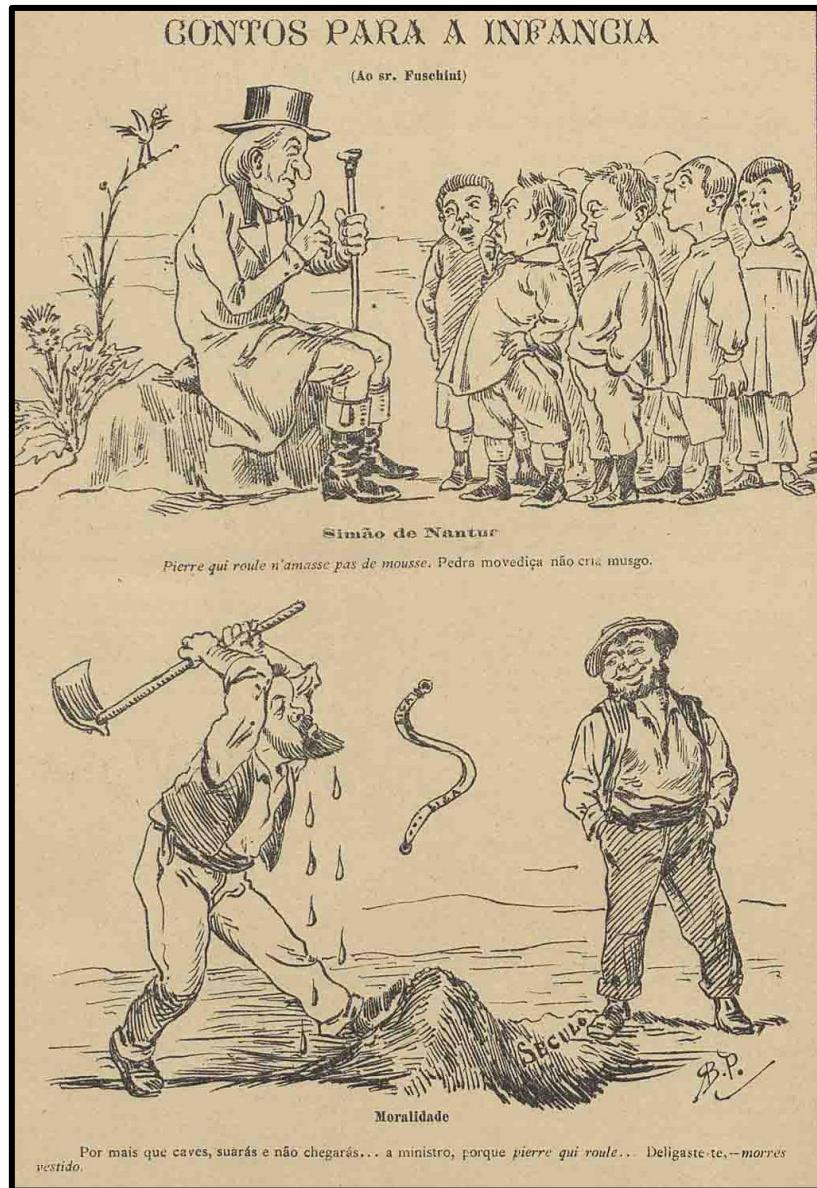


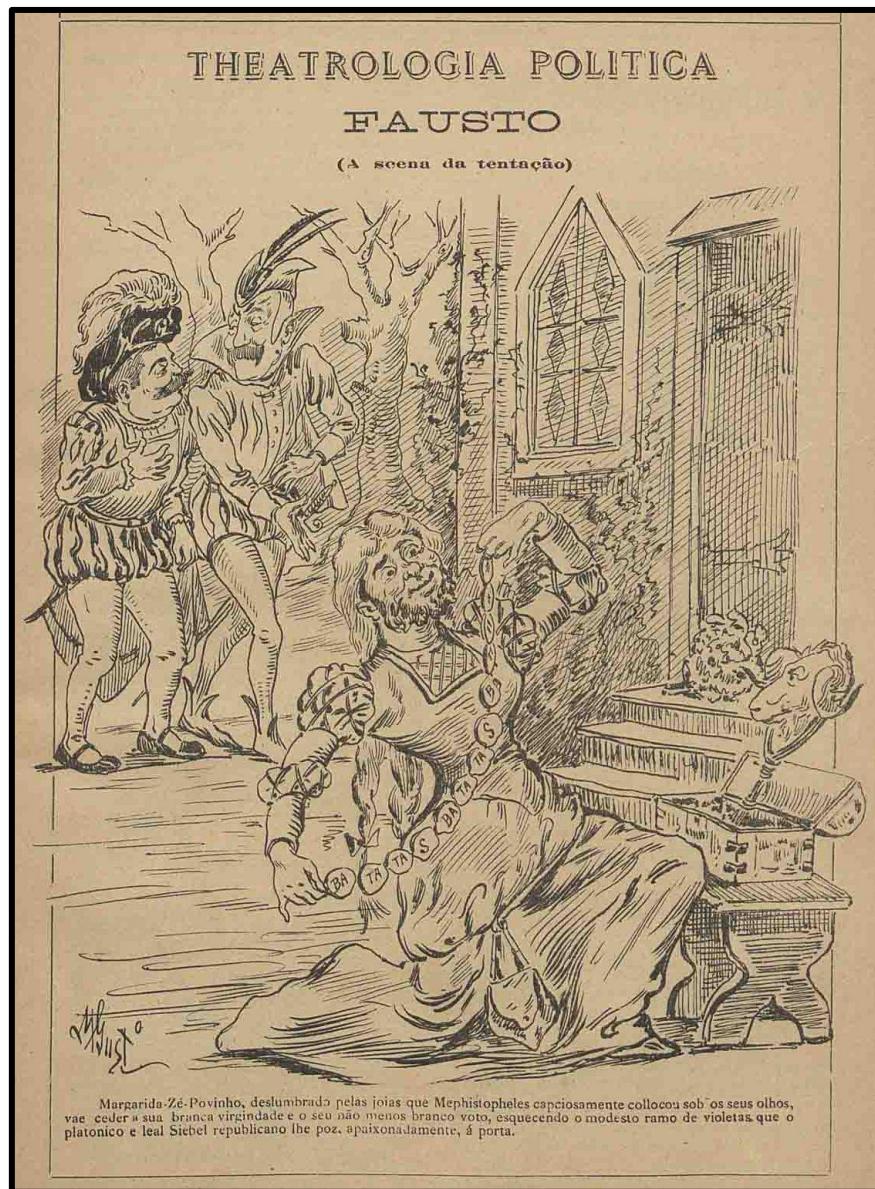
ANDA CASTANHA NO AR



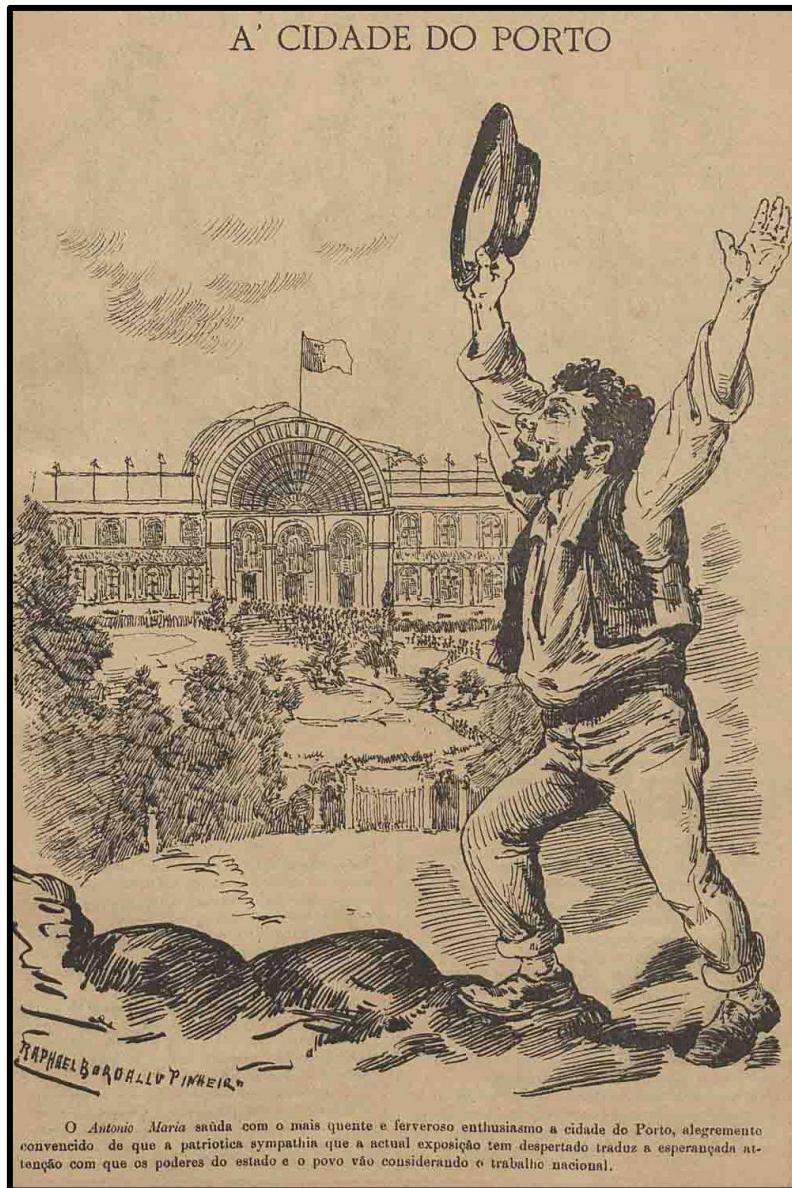
Casa onde não ha pão todos ralham e ninguem tem razão.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



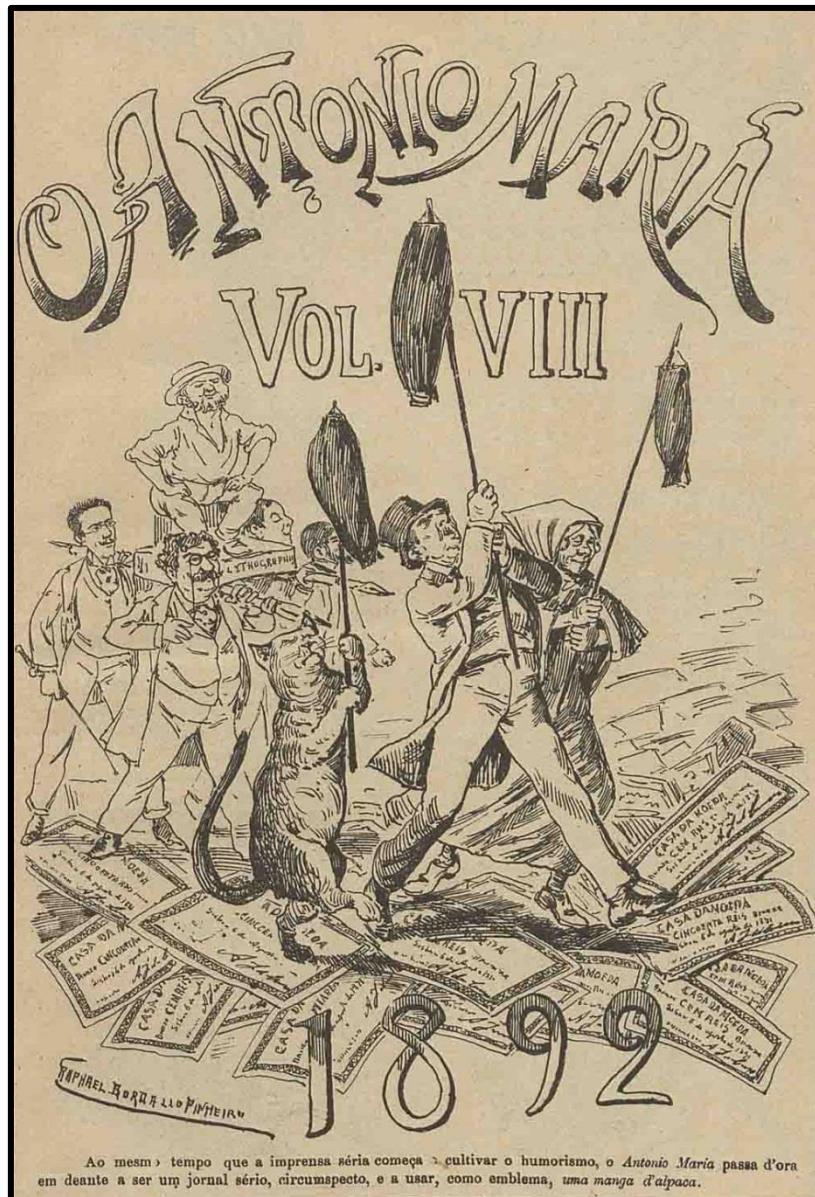


A abertura das edições do *Antônio Maria* referentes ao ano de 1892 trazia gravura que representava uma verdadeira parada, tendo à frente a Maria e o Antônio e contando até com a presença do próprio Bordalo Pinheiro, com o Zé Povinho ocupando uma posição de destaque, sendo carregado aos ombros daqueles que manejavam o crayon – instrumento de uso e verdadeiro símbolo dos caricaturistas – e sentado sobre a pedra na qual eram gravados os originais em se tratando de arte litográfica. Com humor, dizia jocosa e ironicamente que se “imprensa séria” estaria a enveredar pelo humorismo, o periódico ilustrado passaria a ser “sério” e “circunspecto” Referindo-se a um folheto ou desdobrável em três partes, o semanário mostrava as feições do Zé alterarem-se entre o estupefato, o jocoso, o indignado e o desiludido, ao observar a passagem dos últimos anos, com o 1890 marcado pelo ultimato e pelo tratado desfavorável com a Grã-Bretanha e o 1891 agravado pelo acirramento da crise econômico-financeira, restando aquilo como heranças inadministráveis para o ano que se iniciava⁹⁵. Com a presença mais uma vez de Bordalo Pinheiro, junto de vários homens públicos e do próprio Zé Povinho, todos zarolhos, em relação à forma “como todos veem o estado atual do país”, o periódico representava a total falta de horizontes na busca de soluções para os males de Portugal⁹⁶. Ainda quanto às dificuldades administrativas do país, o Zé reconhecia a capacidade intelectual de um político, mas, por outro lado, não tinha o mínimo crédito em sua atuação como ministro de Estado⁹⁷.

⁹⁵ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 8 jan. 1892.

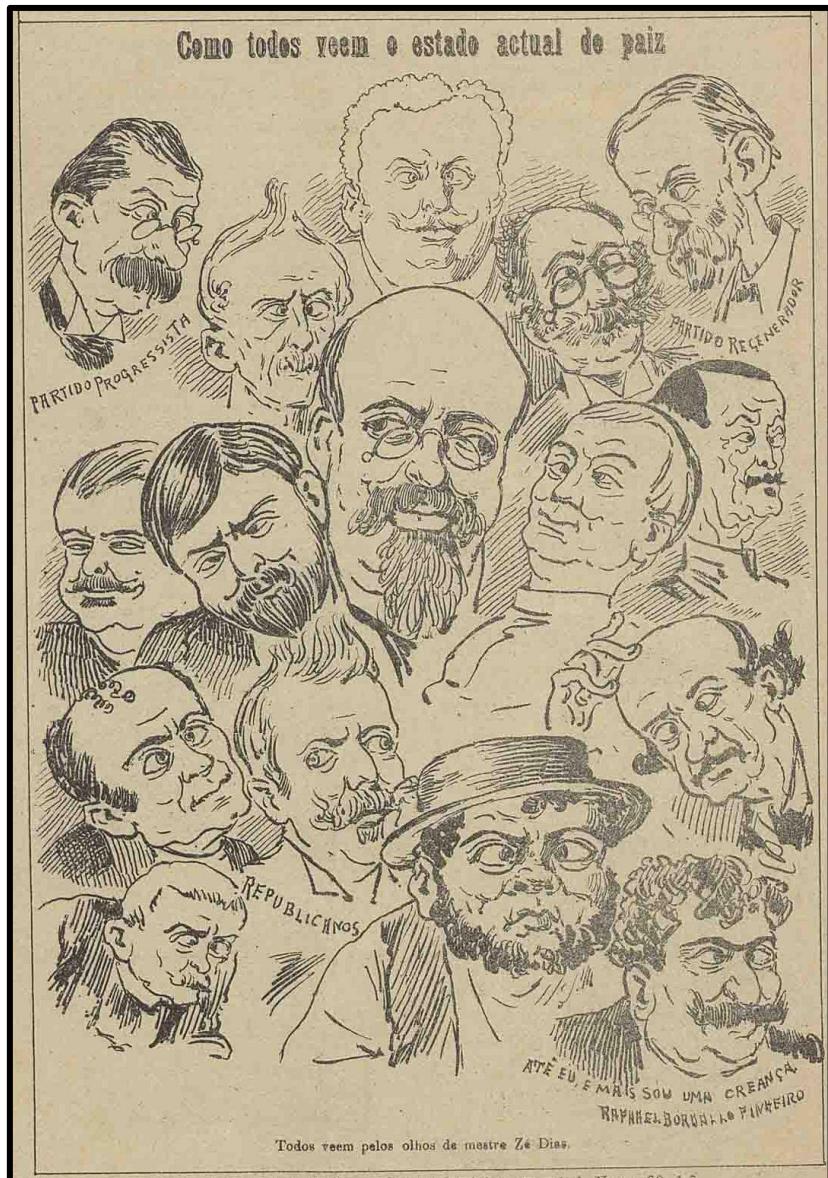
⁹⁶ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 21 jan. 1892.

⁹⁷ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 4 fev. 1892.

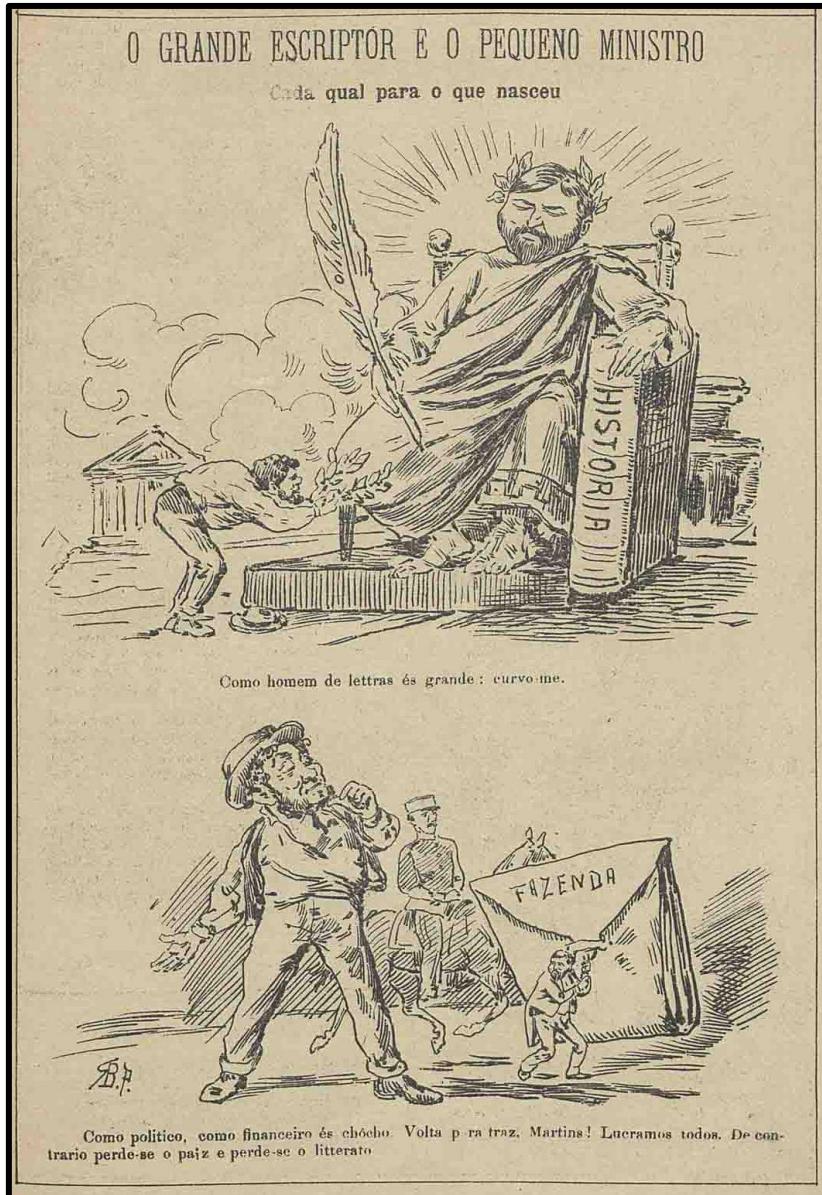


PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E *ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS *PONTOS NOS ii E ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)



A dicotomia entre o discurso e a prática no direcionamento de soluções para a máquina pública nacional era a temática, mostrando o desespero como marca predominante no seio de várias representações de segmentos da sociedade lusa, dentre eles o próprio Zé Povinho, que demonstrava seus sentimentos na postura de joelhos e mãos erguidas para os céus⁹⁸. Ainda meditando sobre a política portuguesa, o semanário se referia aos tão almejados salvadores da pátria, que teriam o remédio para sanear o país, com um deles rodeado por vários representantes da vida pública lusitana, dentre os quais também se fazia presente o próprio Zé⁹⁹. As dificuldades para que fossem obtidos melhores resultados para os destinos do Estado Português chegaram a ser colocadas como se houvesse a necessidade de um intervenção divina, com os políticos lusos travestidos de “beatas” e os entraves ao progresso do país sendo comparados aos sacrifícios do Cristo, enquanto o Zé Povo mostrava-se incrédulo naquele tipo de encaminhamento, olhando para a cena com ar de galhofa¹⁰⁰. Para as festividades carnavalescas, o Zé escolhia a sua fantasia, podendo uma delas ser um vestido formado por cédulas monetárias, as quais, independentemente se verdadeiras ou falsas, eram vistas como sem valor, de modo que o personagem decidia entregar-se às folias de Momo em suas próprias vestes, convencido de que aquele que sempre ficava com o encargo das contas públicas era ele mesmo¹⁰¹.

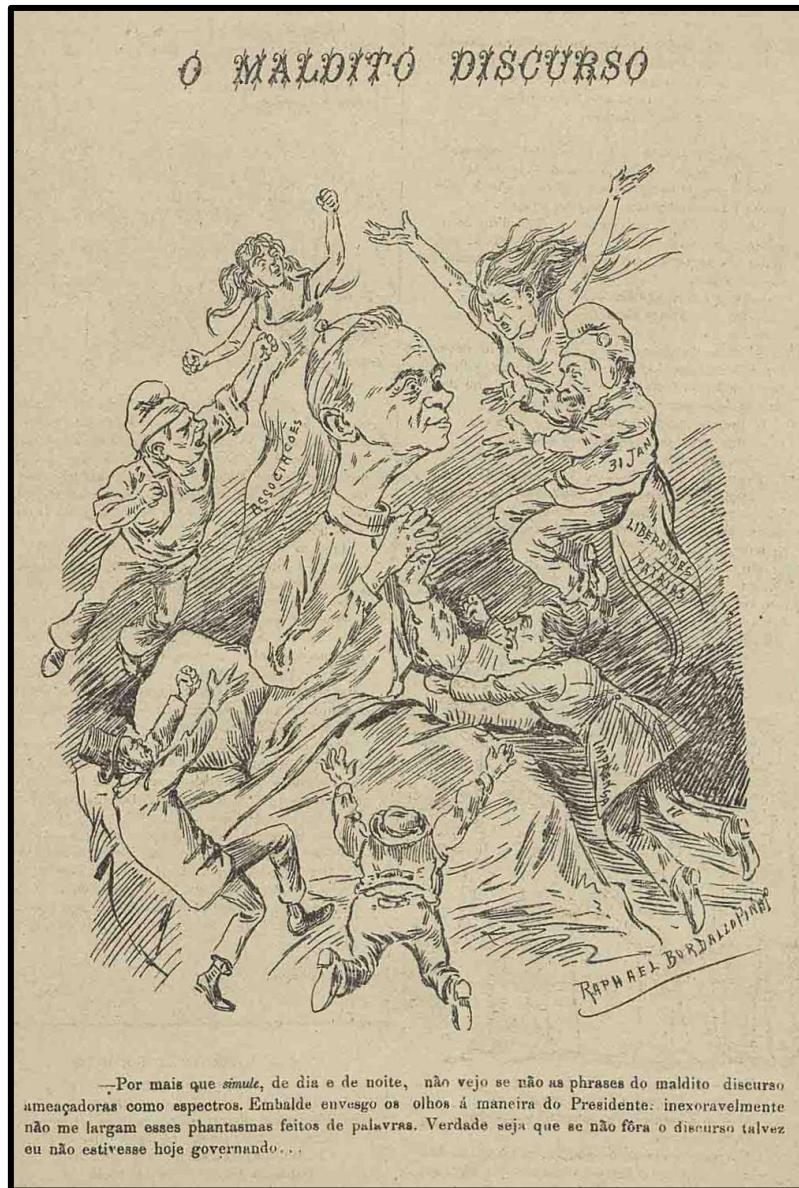
⁹⁸ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 4 fev. 1892.

⁹⁹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 12 fev. 1892.

¹⁰⁰ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 19 fev. 1892.

¹⁰¹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 26 fev. 1892.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



CARNAVAL D'ESTE ANNO
BÁILE NACIONAL



— O' Zé, conheces-me

— Bem sei, és a Cedula. Mas a verdadeira ou a falsa?

— Verdadeira ou falsa, pouco importa. Isso de pende de quem me empresta o domínio.

— Afinal eu pago a ceiata, a rapioca, o patau,

é sou sempre o intrigado. Deixa lá! . . . Divirta-me . . . e cada um governa-se.

O tema do carnaval e das fantasias continuava a ser o mote do *Antônio Maria* que, por meio do Zé Povinho, brincava com a questão da identidade dos homens públicos, a qual já se encontraria perdida entre a realidade e os disfarces, em alusão à verdade e à mentira que tão comumente apareciam de maneira amalgamada nas práticas dos políticos¹⁰². Diante de uma mobilização para arrecadar fundos voltados a apoiar os necessitados, o Zé, junto de vários de seus congêneres, rogava por auxílio para si próprios, ou seja, pediam “esmola para os que deram esmola”¹⁰³. Os custos para manter a máquina pública funcionando eram comparados a uma enorme espiga de milho cujo peso era sustentado a partir dos sacrifícios e dos esforços de vários setores da sociedade lusa, dentre os quais lá estava a representação do povo¹⁰⁴. As disputas no campo político eram comparadas a uma “limpeza de casa”, em cena assistida de soslaio pelo Zé Povo, na qual um dos protagonistas buscava eliminar a vassouradas outro, metamorfoseado em aranha, pronto a comer outros dois, que assumiam o formato de moscas¹⁰⁵. Mantendo a perspectiva antropomórfica e zoomórfica, diante da política nacional, o Zé olhava com ar debochado para os atores daquele cenário, transformados em grilos presos a uma gaiola¹⁰⁶.

¹⁰² ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 26 fev. 1892.

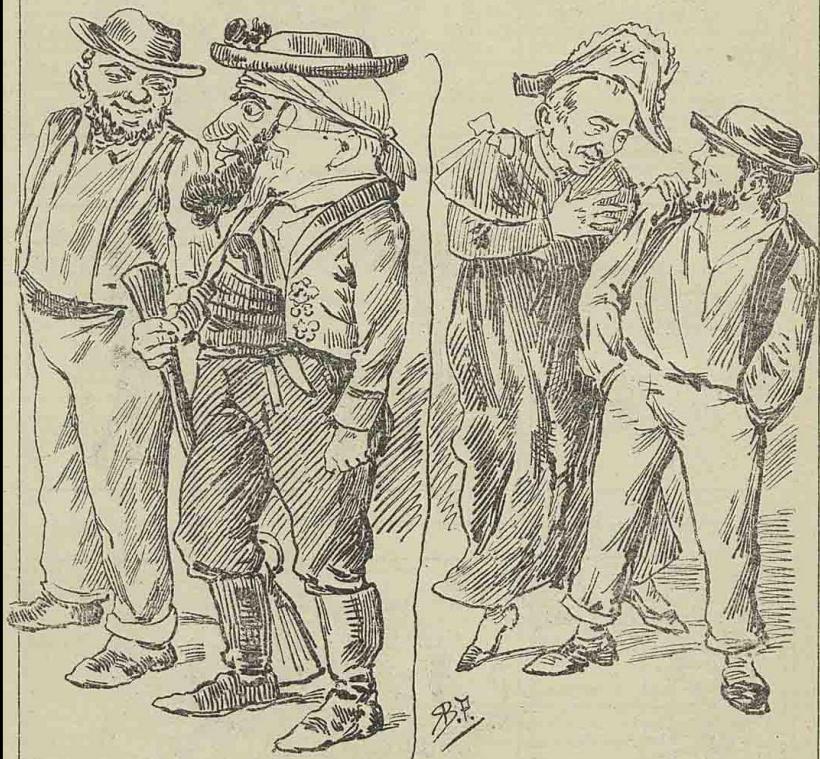
¹⁰³ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 19 mar. 1892.

¹⁰⁴ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 27 maio 1892.

¹⁰⁵ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 4 jun. 1892.

¹⁰⁶ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 10 jun. 1892.

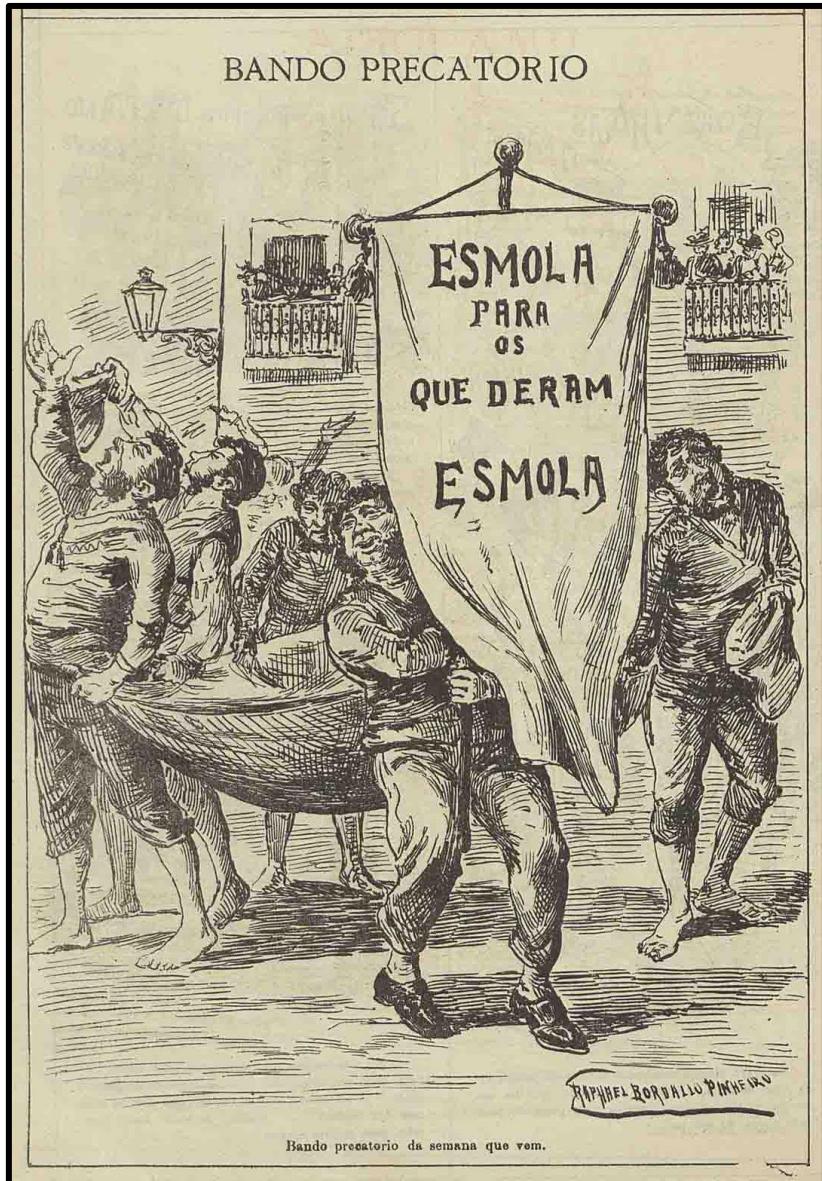
AINDA O CARNAVAL D'ESTE ANNO



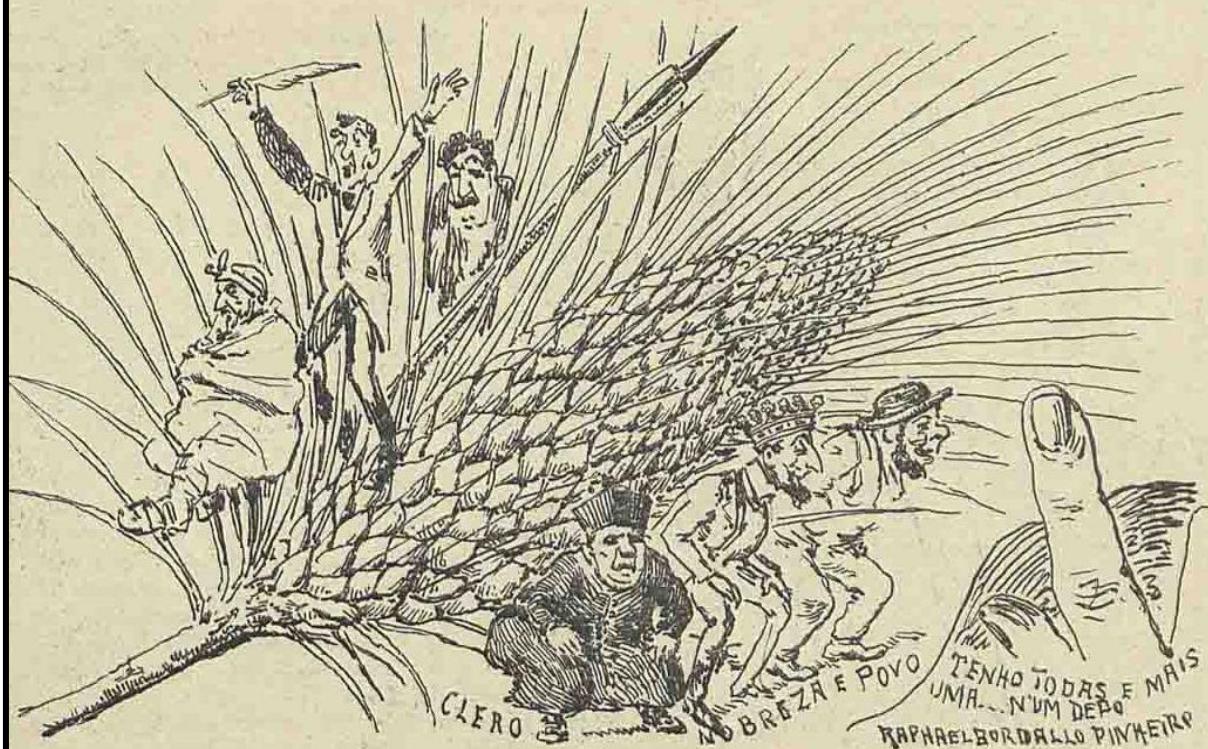
— Conheces-me?
— Conheço, és da Falperra.
— Não, sou do Banco.
— Então tens a máscara ás avessas: está por baixo.

— Conheces-me?
— Conheço, mas não me intrujas. Passaste a vida a *sizudor*, mas agora estás tão bem disfarçado que até eu te conheço.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



A ESPIGA



O culto da espiga, celebrado apenas uma vez em cada anno, deveria pela generalidade da sua influencia, ser celebrado quotidianamente. Todos teem a sua espiga: uns as doenças, outros os empregos, outros os jornaes e todos a falta de dinheiro, a maior de todos as espigas.



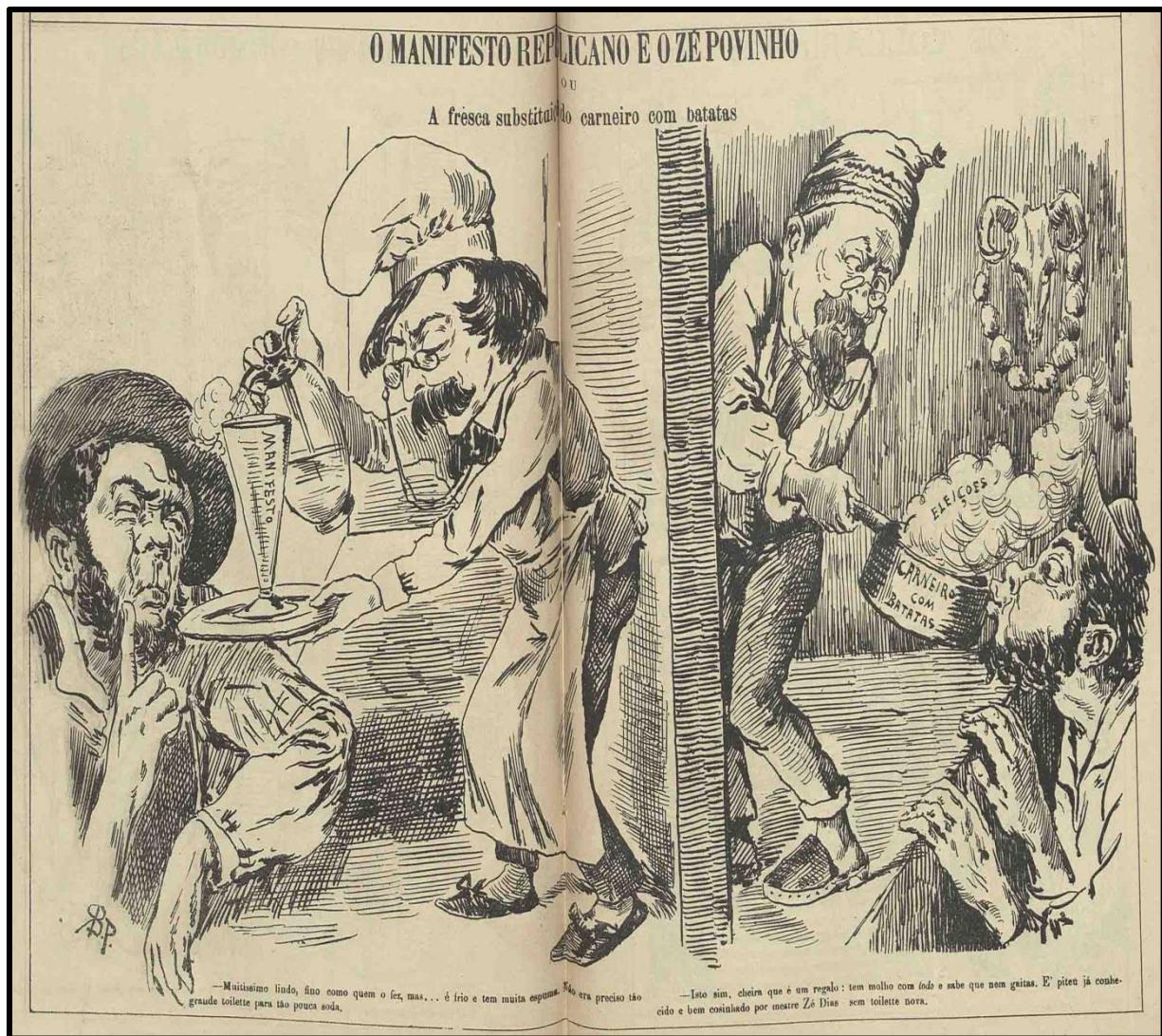


Vencido pelo instinto da primazia de encher a barriga, o Zé Povinho aparecia desconfiando da sobremesa leve que lhe era oferecida, quando a opção era um prato mais substancioso, que lhe deixava vidente por degustá-lo, em sinal do ludibrio ao qual normalmente era submetido em períodos eleitorais¹⁰⁷. Em meio ao luxo e à ostentação que cercavam a nobreza monárquica e o clero, o Zé, admirado, constatava a intensidade de sua miséria. Os riscos da aliança e da submissão para com a Grã-Bretanha voltavam à pauta do periódico, ao mostrar, sob o título irônico “A amabilidade inglesa”, cenas das inter-relações entre os países europeus, ao passo que John Bull, aparentemente cheio de afabilidade, presenteava o Zé Povo com uma gravata, para em seguida mudar de atitude, apertando a tira de tecido visando a estrangular o personagem luso¹⁰⁸. O engodo eleitoral era representado novamente com toques culinários, ao apresentar um político como “o cozinheiro dos cozinheiros”, que preparava um “carneiro com batatas” real, garantindo a qualidade e o sabor da iguaria, quadro diante do qual o Zé Povinho caía mais uma vez no chamariz, aproximando-se esfregando as mãos e esfomeado¹⁰⁹.

¹⁰⁷ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 1º jul. 1892.

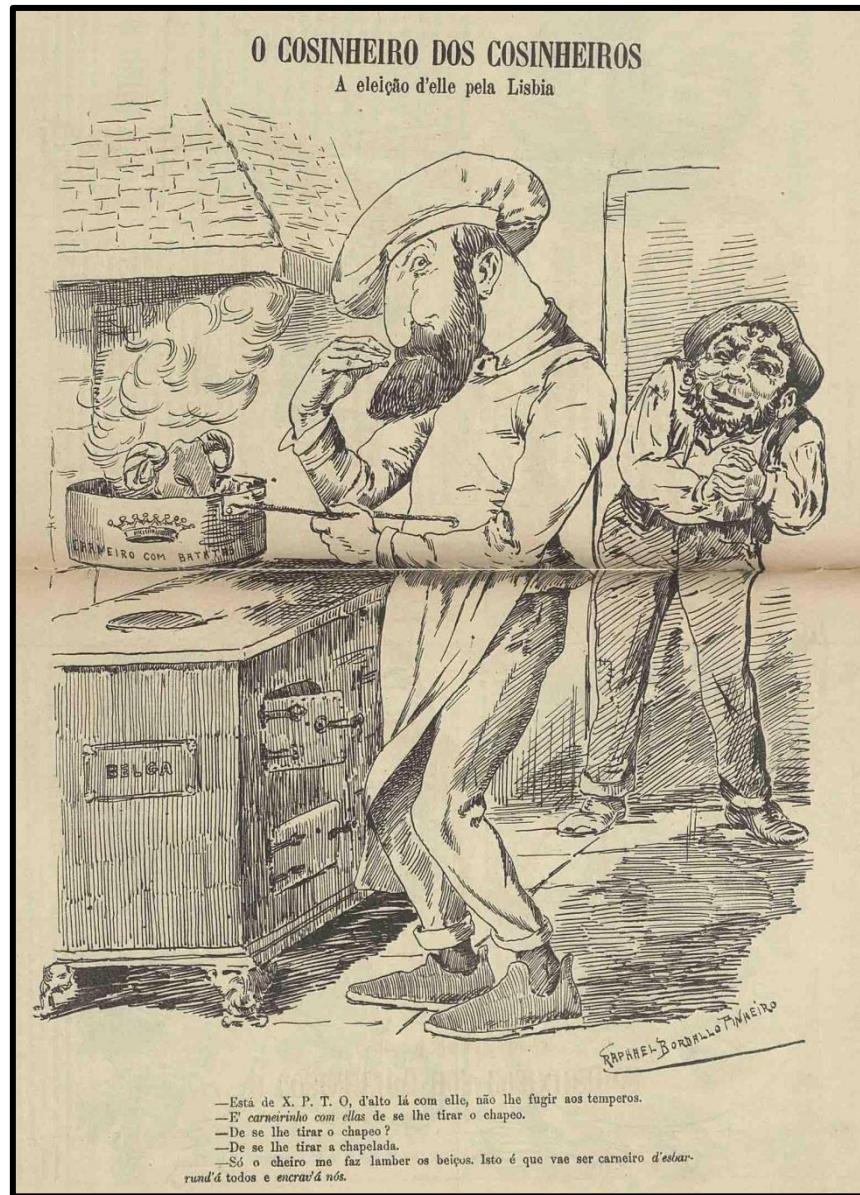
¹⁰⁸ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 9 jul. 1892.

¹⁰⁹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 21 jul. 1892.









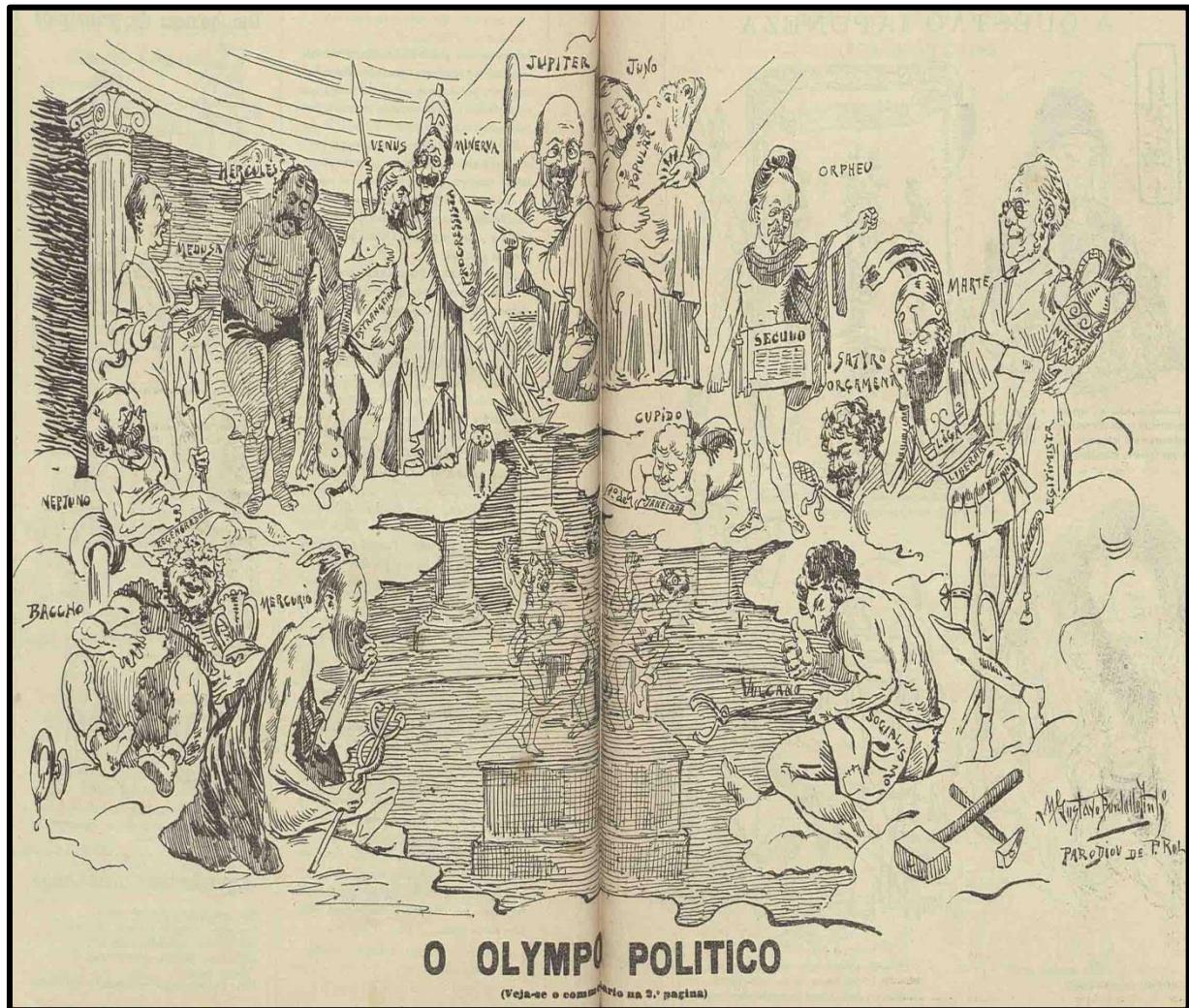
Recordando a mitologia clássica, o semanário desenhava “O Olimpo político” português, no qual os homens públicos assumiam o papel de várias das divindades romanas, restando ao Zé a personificação de um inebriado Baco, com a cena jocosa e ironicamente descrita como de “harmonia, paz, descanso, felicidade, amor e vinho”¹¹⁰. Ao apresentar uma miscelânea sobre os acontecimentos da última quinzena, retratando uma agitada conjuntura no âmbito internacional e nacional, em um quadro meteorológico de altíssimas temperaturas do verão lusitano, o periódico trazia um Zé Povo com um jornal republicano às mãos, mas parecendo pouco se importar com as notícias, permanecendo atirado ao chão e pachorrento em um quadro de “calor, tédio e indiferença”¹¹¹. Após quase três meses de interrupção em sua circulação, o *Antônio Maria* voltava a ser editado no derradeiro mês de 1892, e, no último número, Maria e Antônio pulavam sobre o ancião que representava o ano findo, enquanto um burro disparava representando a “bagagem de 1892”, em alusão ao caráter negativo que tal período trouxera consigo. Na cena, o Zé Povo estendia os braços como que a receber todo o peso da carga acumulada ao longo daquele tempo, além de buscar equilibrar-se com dificuldade sobre blocos de pedra que identificavam o “fim” das edições, mas que também poderia designar a visão negativa em relação aos difíceis tempos vividos pelo país¹¹².

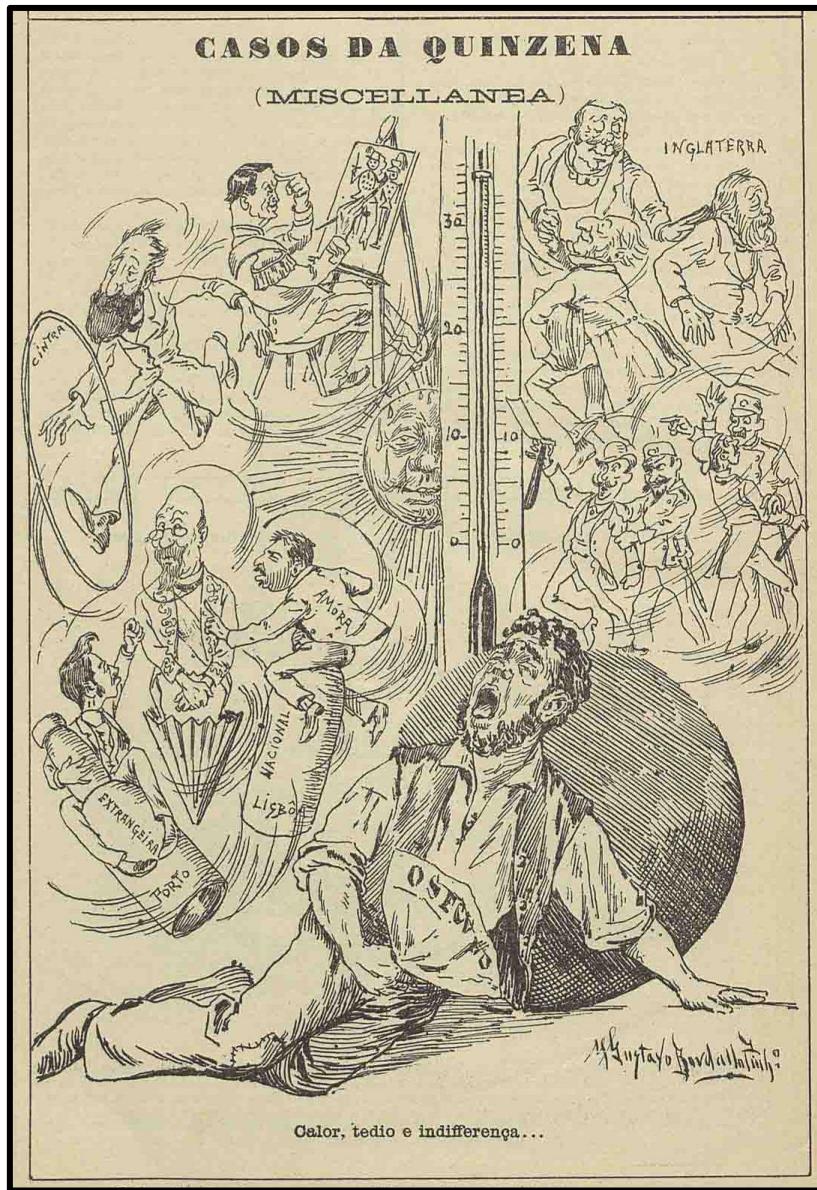
¹¹⁰ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 12 ago. 1892.

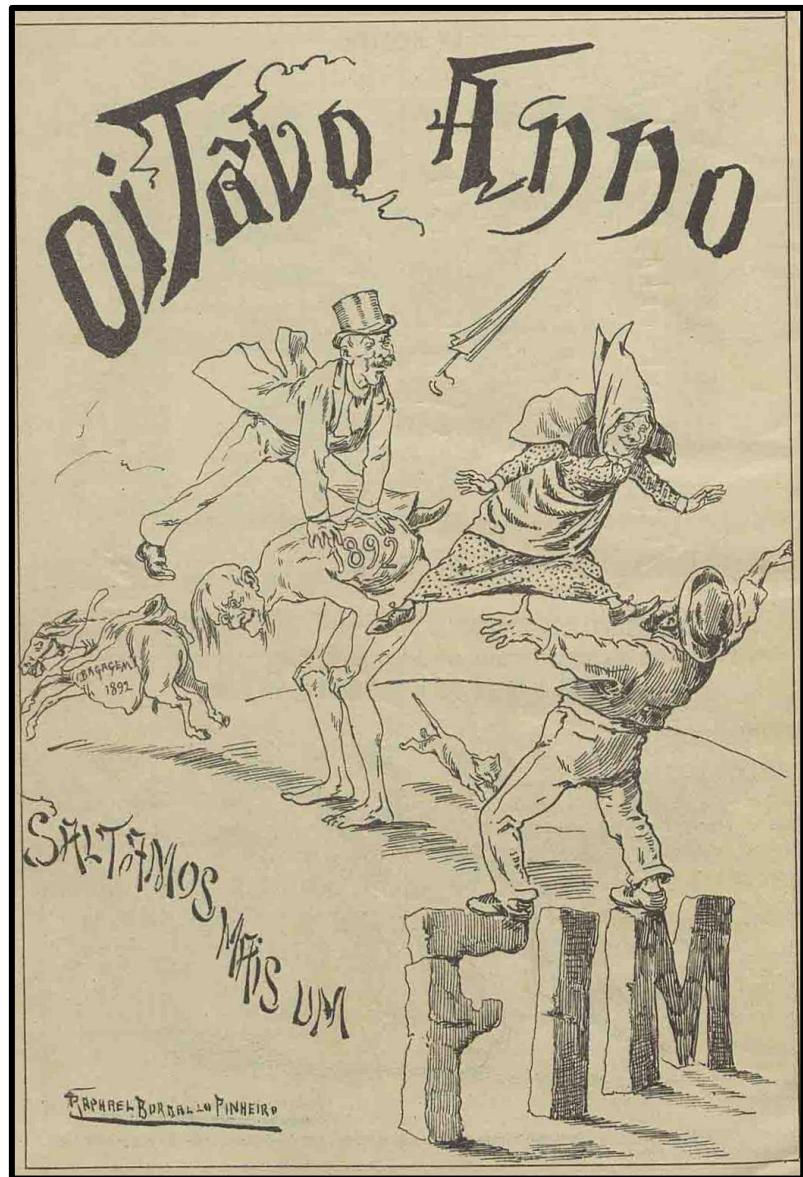
¹¹¹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 25 ago. 1892.

¹¹² ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 30 dez. 1892.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





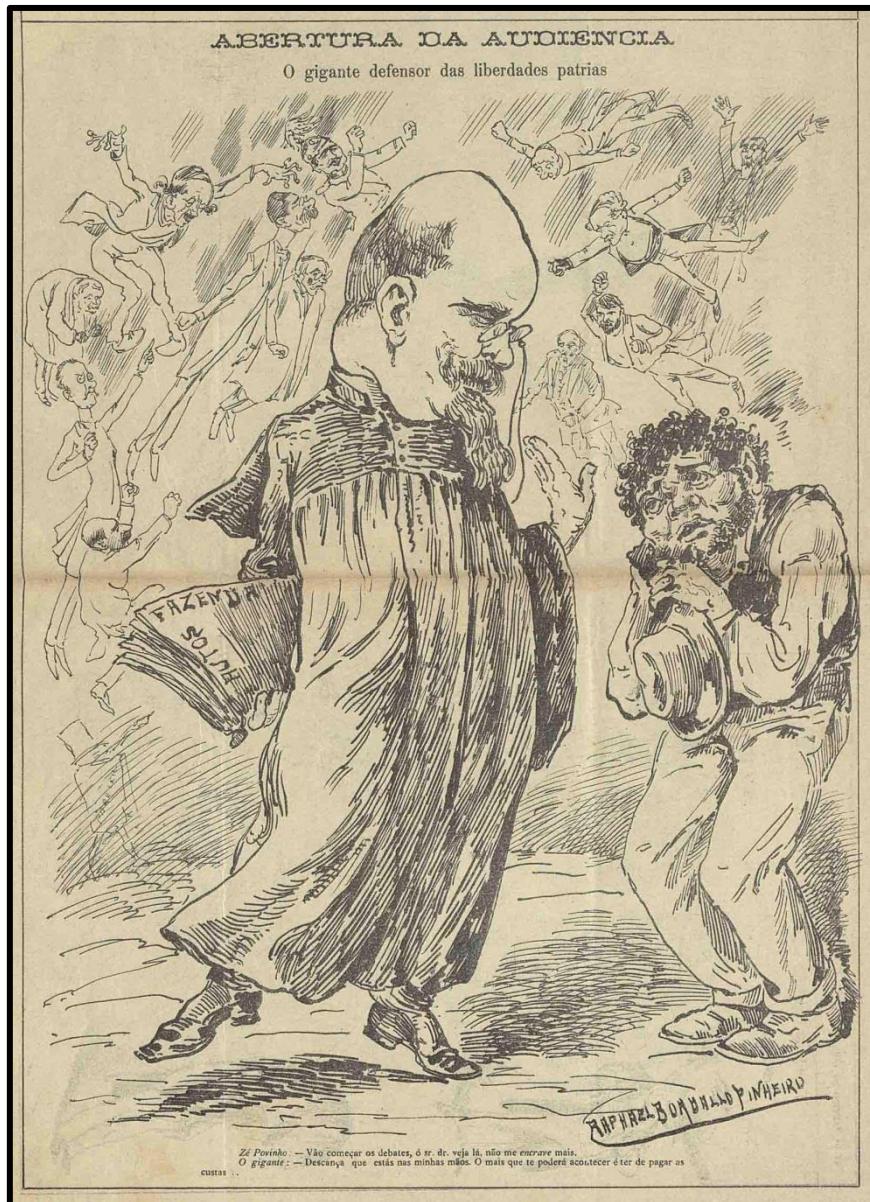


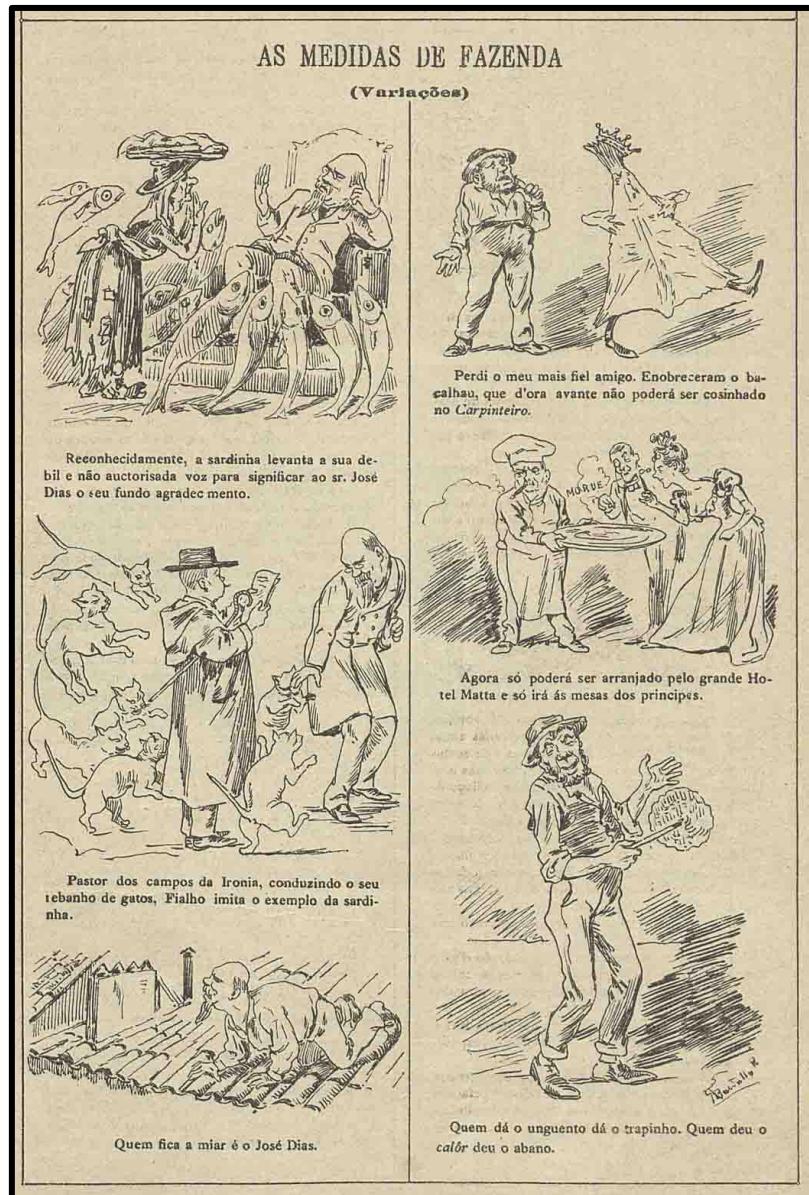
Iniciado o ano de 1893, uma caricatura trazia vários políticos gravitando no ar, ao passo que um deles, com os pés no chão, assumia ironicamente o papel de “gigante defensor das liberdades pátrias”, diante do qual o Zé Povinho suplicava que nos debates parlamentares ele não viesse a ser mais uma vez comprometido em seus interesses, ao que o outro, envolvido com as questões da fazenda pública, buscava tranquilizá-lo, sem deixar de esclarecer que, como sempre, seria o povo o responsável por “pagar as custas”¹¹³. Ainda quanto à temática financeira, o periódico mostrava “as medidas da Fazenda”, referindo-se jocosamente a taxações sobre determinados produtos, em uma situação na qual o Zé Povo estaria a perder até mesmo a capacidade de aquisição de produtos básicos para a sua alimentação, restando-lhe apenas a tradicional postura de conformismo atribuída à população lusa. Já em “A revoada dos impostos”, o tema da cobrança de taxas voltava a ser abordado, com a perspectiva de que as “coroas” dos membros da nobreza estariam a pesar sobre suas cabeças, mas que o sacrifício maior recairia, como era usual, sobre o povo, que tinha de se acostumar com uma “coroa de espinhos”, em clara alusão à imolação cristã. As disputas políticas pelo poder eram comparadas a uma corrida cuja montaria eram burros, de difícil controle por parte dos ginete, servindo o confronto para pelo menos trazer alguma graça à vida do Zé, que assistia à “burricada”, sem a noção de que normalmente quem perdia em tais situações era ele mesmo¹¹⁴.

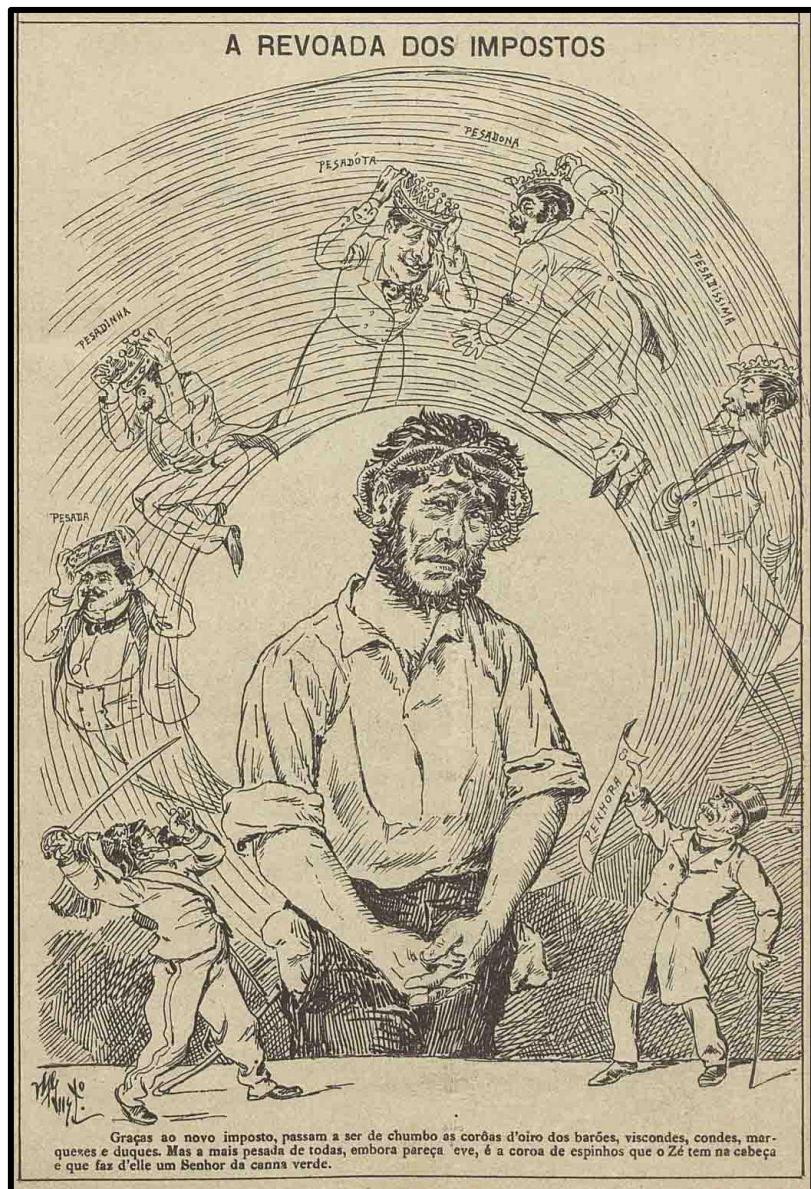
¹¹³ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 14 jan. 1893.

¹¹⁴ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 26 jan. 1893.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)







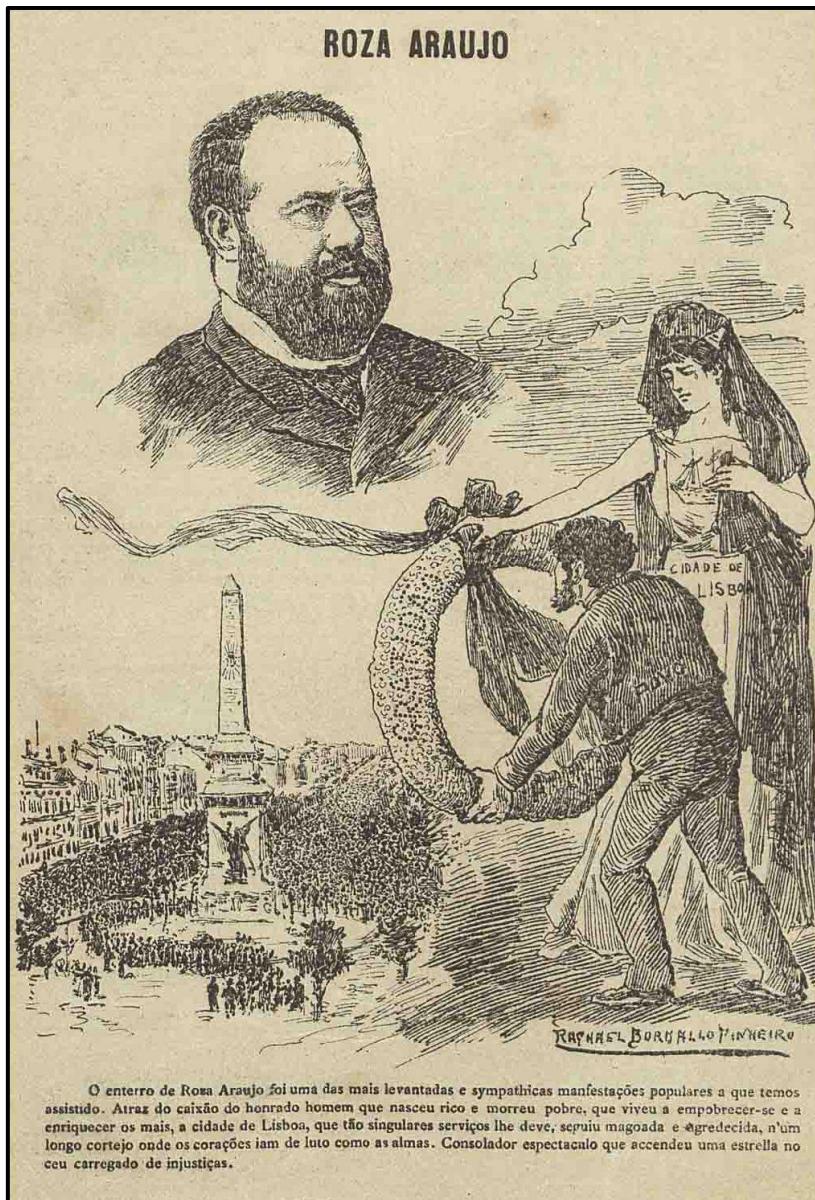


O falecimento do político português José Gregório da Rosa Araújo mereceu destaque e homenagem especial de parte do *Antônio Maria*, enaltecendo os “tão singulares serviços” que o personagem teria prestado à capital lusa. No desenho, além da efígie do morto e da presença da população em uma via pública lisbonense, o semanário trazia uma figura feminina, representando a cidade de Lisboa que, juntamente do Zé Povinho, oferecia uma coroa de flores fúnebre em nome da “gratidão” para com o falecido¹¹⁵. Os indivíduos que ocupavam o ministério português eram representados com vestes femininas, estando a realizar uma “dança serpentina”, uma espécie de bailado burlesco, muito comum à época, ao passo que o Zé Povo, com indumentário típica do Oriente Médio, realizava a “dança do ventre”, com a ênfase de que tal ventre estaria vazio, ou seja, na falta de recursos para a aquisição de alimentos, restava-lhe permanecer com a “barriga leve”¹¹⁶. A ânsia arrecadatória do Estado voltava a ser retratada, com a necessidade de novas iniciativas de amealhar-se verbas públicas para cobrir aquilo que foi denominado de “calote nacional”, diante das quais, as dificuldades do Zé Povinho só viriam a se agravar com a necessidade de que buscasse alternativas para o seu sustento e o da sua família, como foi o caso da sugerida captura de perus¹¹⁷.

¹¹⁵ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 7 fev. 1893.

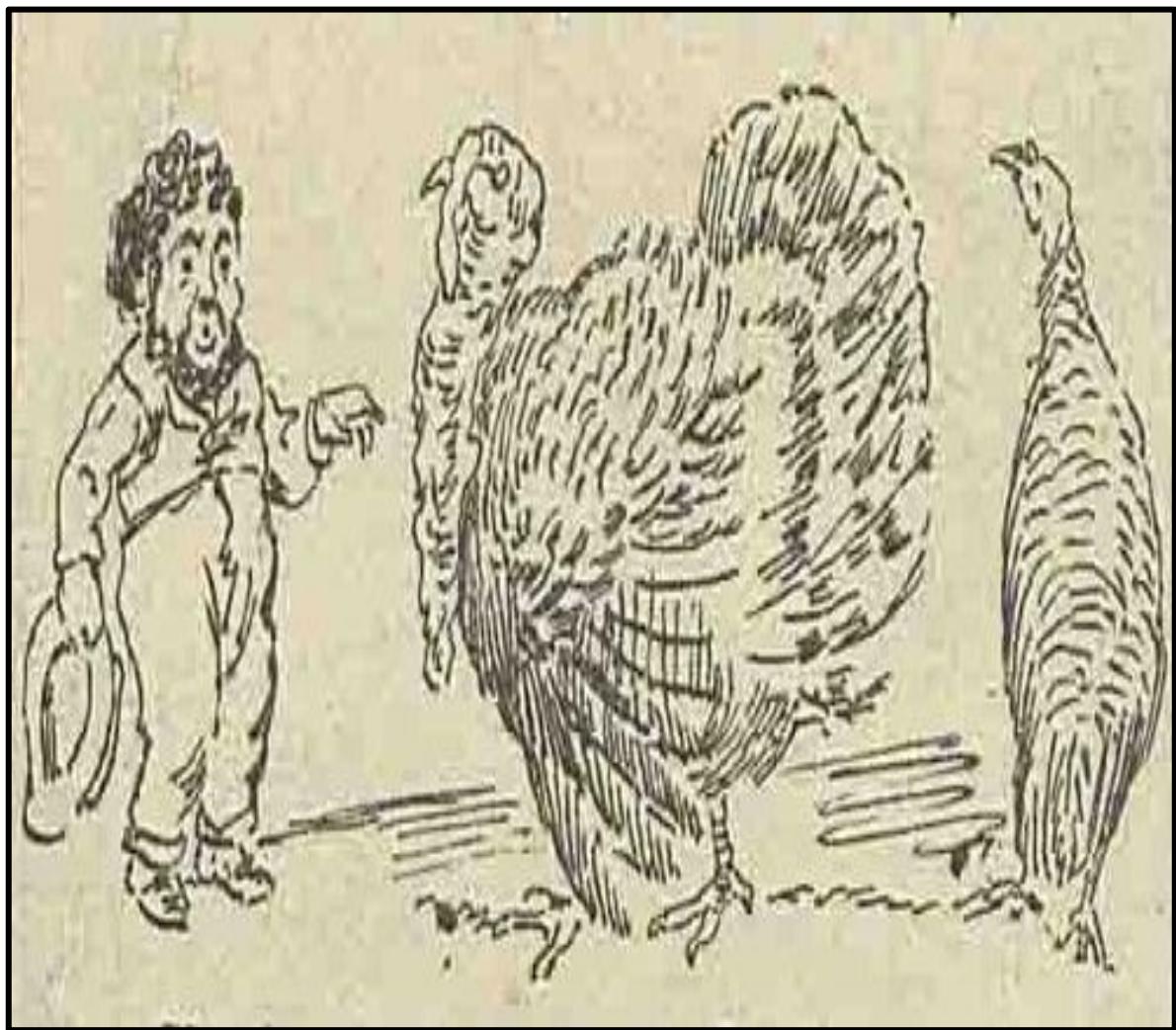
¹¹⁶ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 9 mar. 1893.

¹¹⁷ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 16 ma. 1893.



PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





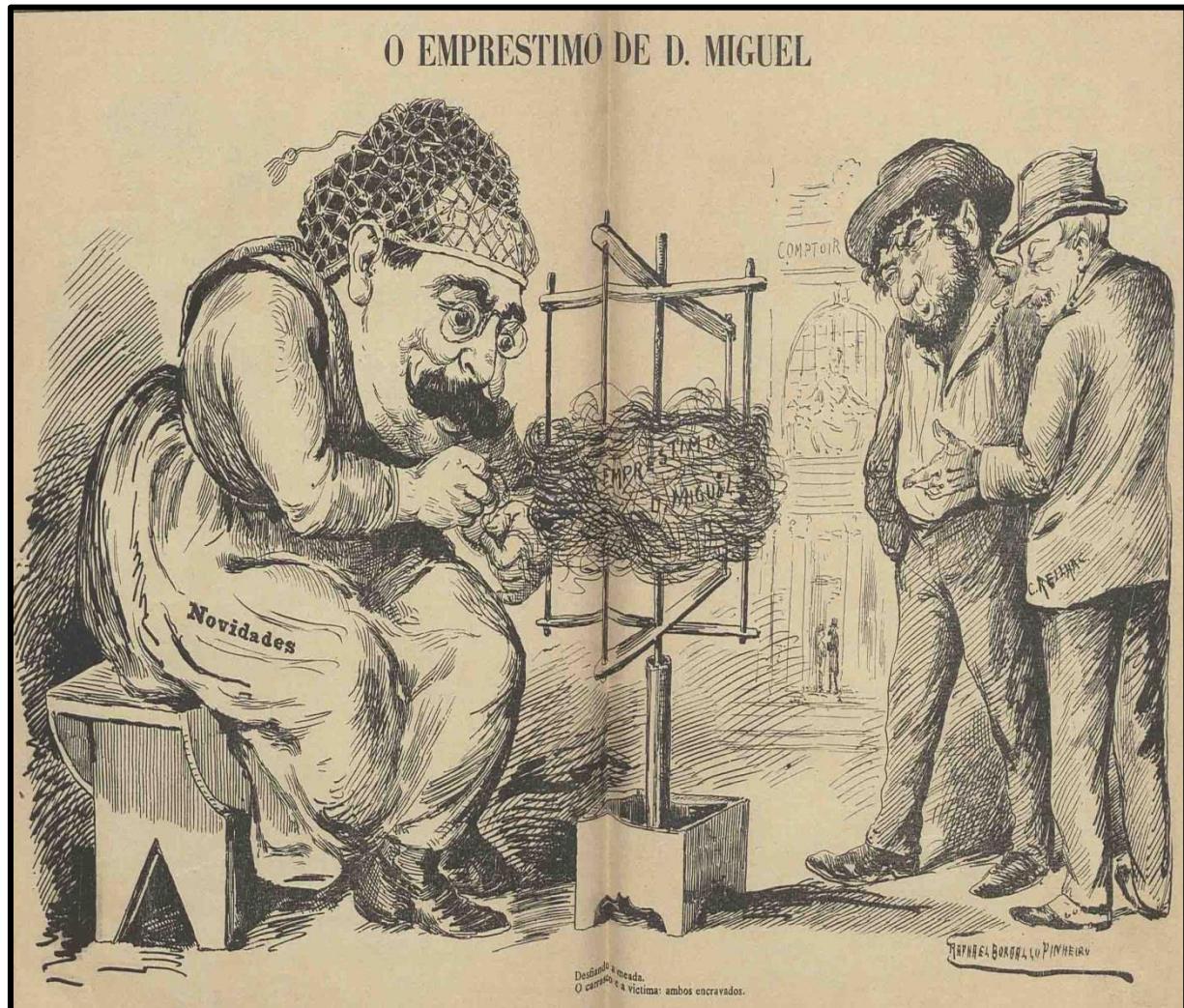
Em meio às negociações das nações europeias, enquanto John Bull congratulava-se com outro representante, restava ao Zé Povinho buscar uma aproximação com figura feminina que representava a vizinha Espanha, beijando-a efusivamente, sem deixar de estranhar a atitude britânica¹¹⁸. O periódico também apresentou o responsável por um dos jornais diários lisboetas, tentando desemaranhar os cordões de um “emprestimo”, ou, em outras palavras, buscava justificar frente à opinião pública aquela prática para a obtenção de fundos, atitude que era observada em um misto de suspeita e receio por parte do Zé¹¹⁹. A imagem de um político associada a de uma aranha, com toda a carga negativa que traz tal comparação, foi novamente utilizada como recurso iconográfico de parte do semanário, em cena na qual dois homens públicos armados com tacapes, identificados como “inquéritos parlamentares”, preparavam-se para atacar o aracnídeo, sob o olhar atento e satisfeito do Zé Povo, que adquirira asas, podendo colocar-se à margem da disputa e livre de emaranhar-se na teia. A dívida externa lusitana foi abordada pela publicação ilustrada e humorística, ao mostrar os representantes de vários países, apresentados como os “credores”, os quais dançavam alegremente, à espera do pagamento por parte de Portugal, ao passo que um magérrimo Zé Povinho tinha clara noção de quem seria realmente o responsável por pagar a conta, acreditando apenas em uma intervenção divina para mitigar os seus sofrimentos¹²⁰.

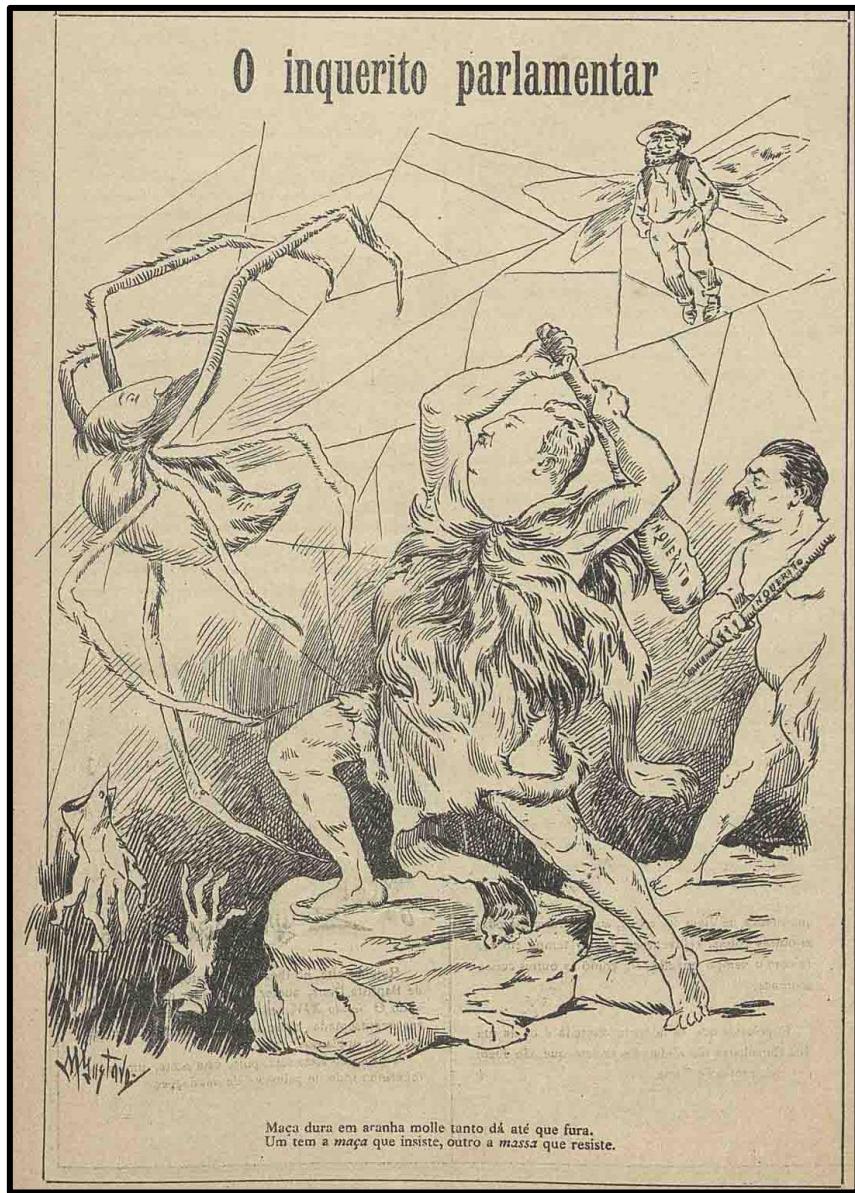
¹¹⁸ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 8 abr. 1893.

¹¹⁹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 10 maio 1893.

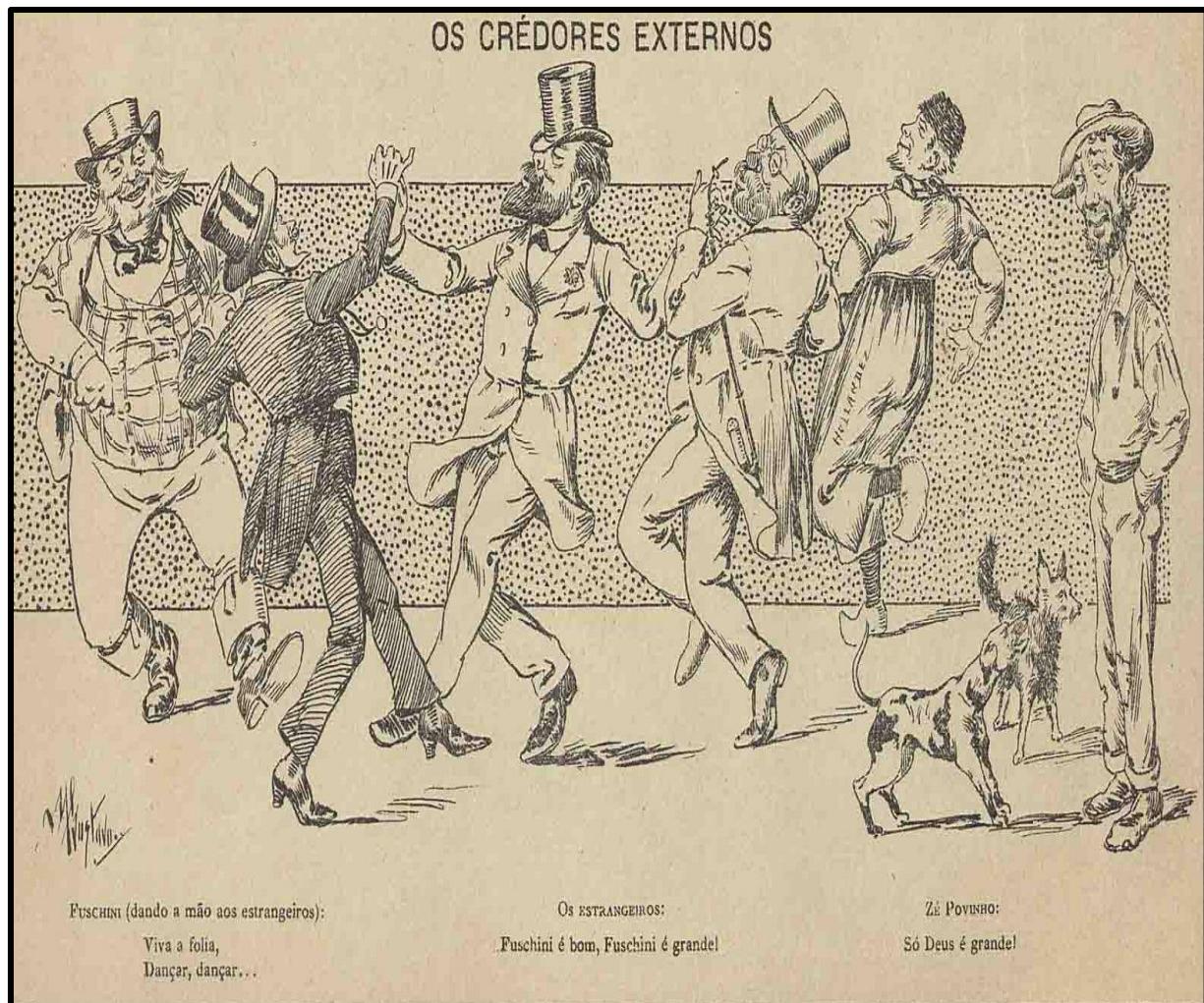
¹²⁰ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 27 maio 1893.







PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



O tratado comercial luso-hispânico foi retratado pelo periódico como uma conversa animada entre representações imagéticas de ambos os países, além do

próprio casamento entre o Zé Povinho e uma dama que simbolizava a Espanha¹²¹. A relatividade dos interesses dos parlamentares portugueses era apresentada com a constatação de que, em uma seção noturna “para a discussão do orçamento”, a presença era mínima, levando inclusive o Zé a espreguiçar-se sonolento, ao passo, que “nas sessões antecipadamente anunciadas como escandalosas”, o comparecimento era massivo. Com ironia e “indignação”, o semanário criticava a ação da força policial na capital lusa, mostrando-se completamente desinteressada em apaziguar uma discussão ocorrida nas ruas e muito voltada a lançar-se em aventuras amorosas com as criadas, ao mesmo tempo que não mediam esforços para reprimir o Zé Povo, que simplesmente passeava com seus trajes domingueiros¹²². As dissensões políticas, geralmente com desvantagens para os republicanos foi representada pela folha, com a presença dos militantes antimonárquicos aprisionados, diante da estupefação e desespero do Zé Povinho¹²³. O símbolo do povo português era alocado também em manifestação de fé patriótica a defender as fronteiras lusas¹²⁴, a homenagear o jornalista republicano Alves Corrêa¹²⁵ e a assumir uma feição quase que sacrossanta, controlado pela repressão policial e política, em nome de uma “próxima futura Lisboa”¹²⁶.

¹²¹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 8 jun. 1893.

¹²² ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 23 jun. 1893.

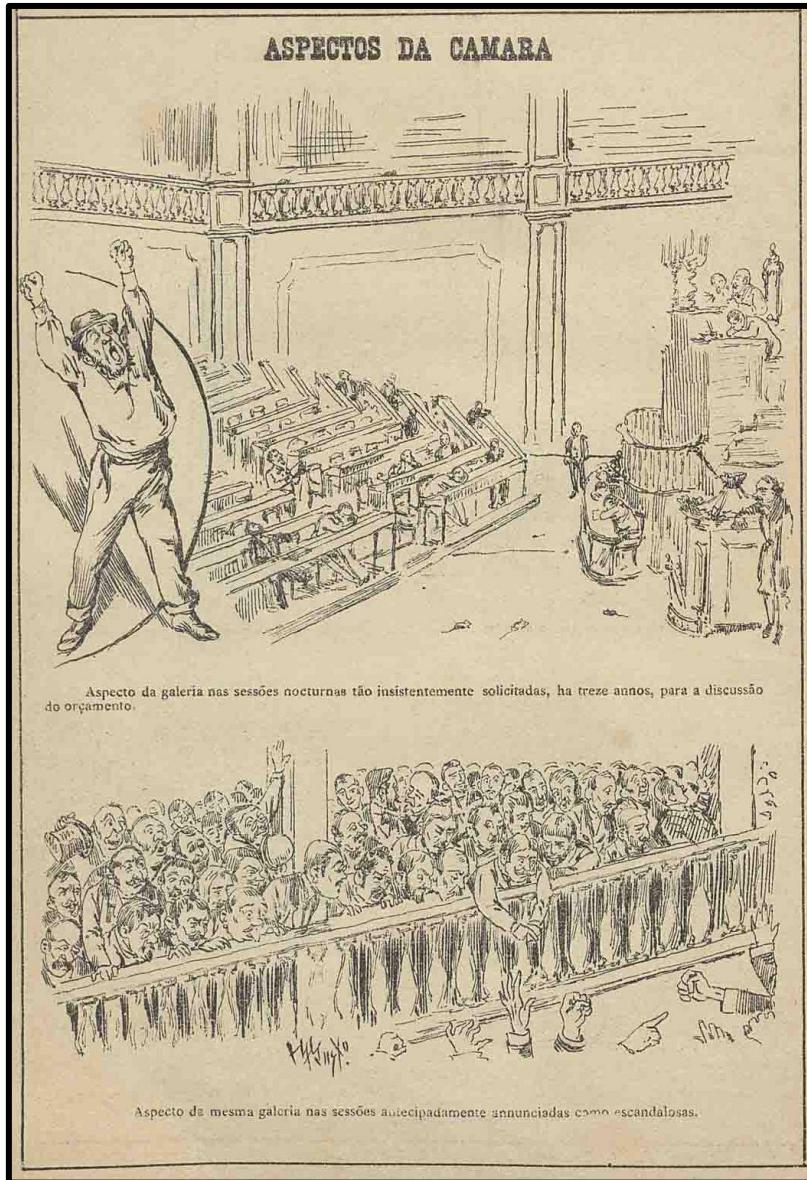
¹²³ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 7 jul. 1893.

¹²⁴ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 20 jul. 1893.

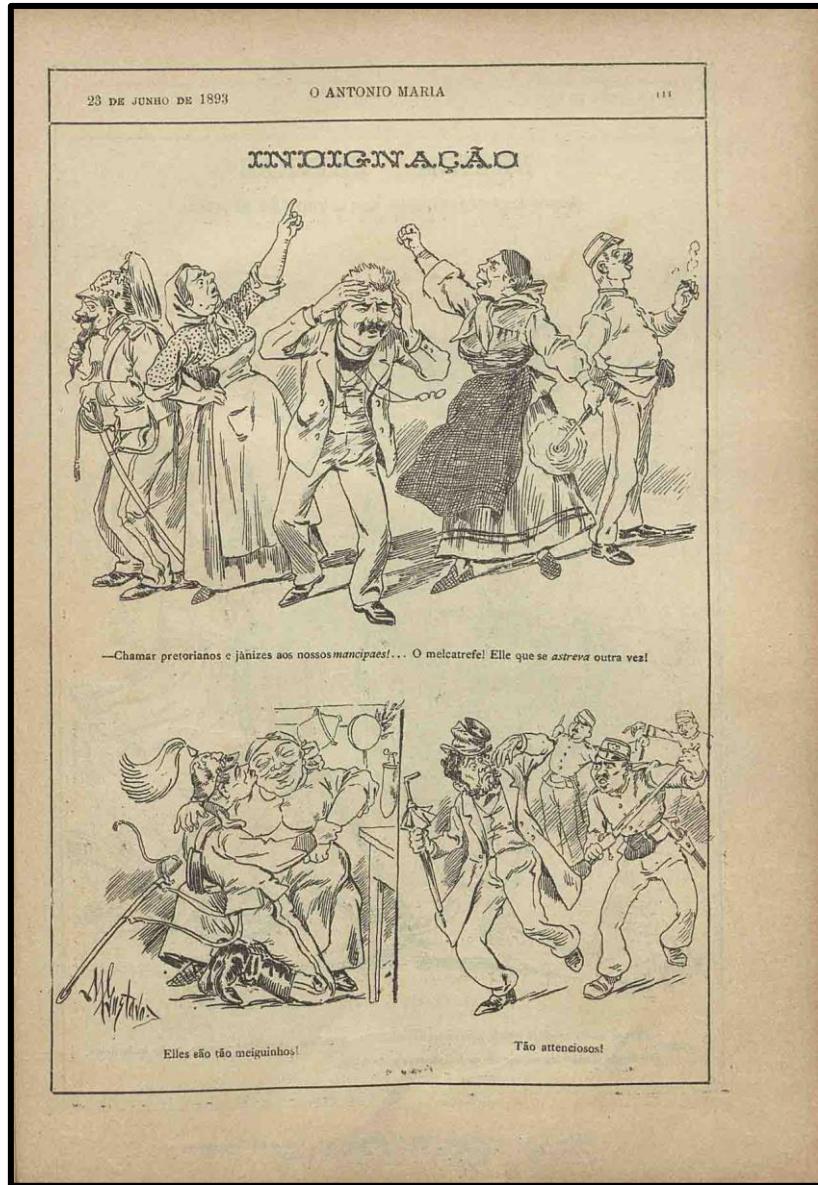
¹²⁵ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 26 ago. 1893.

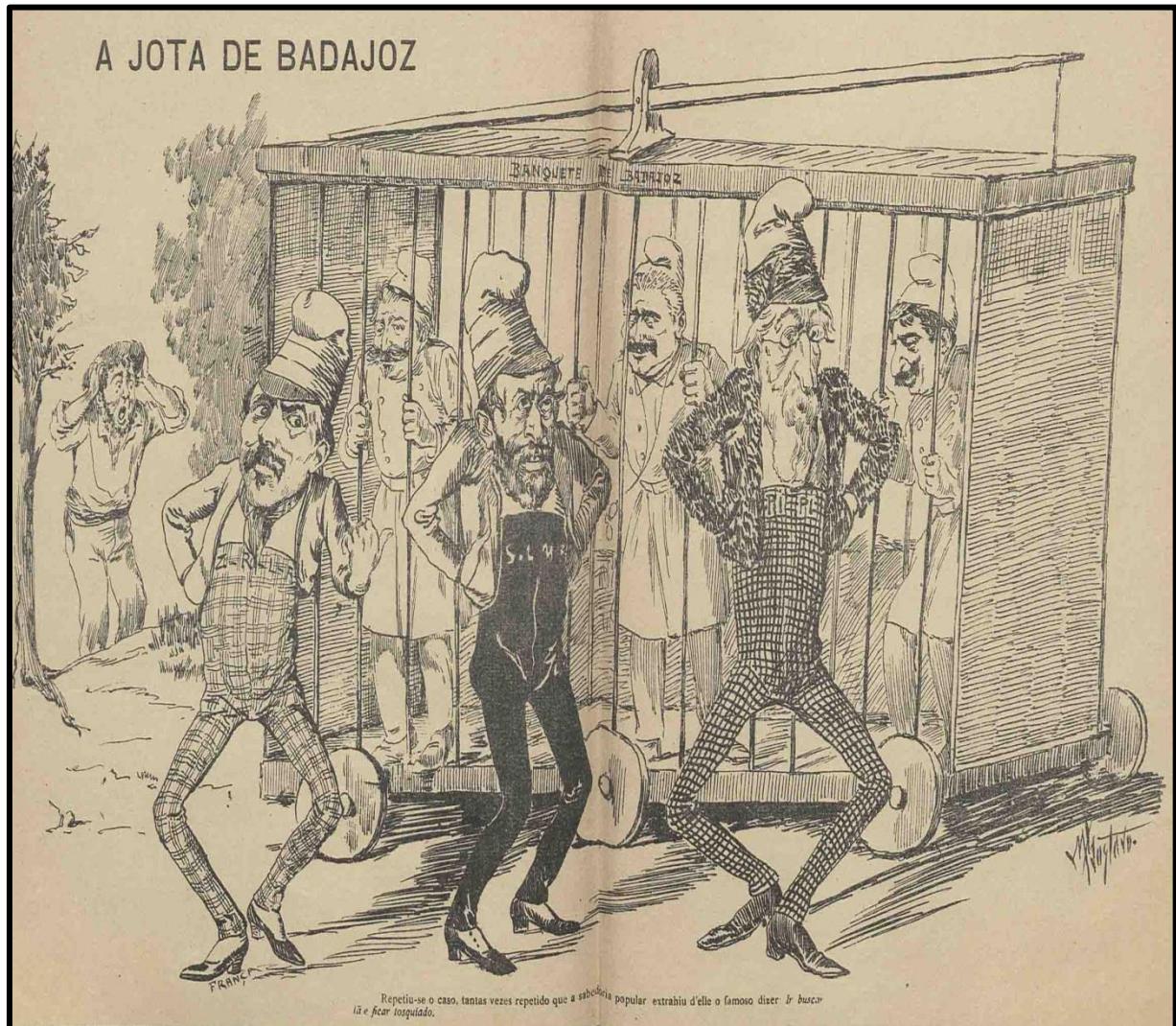
¹²⁶ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 19 out. 1893.



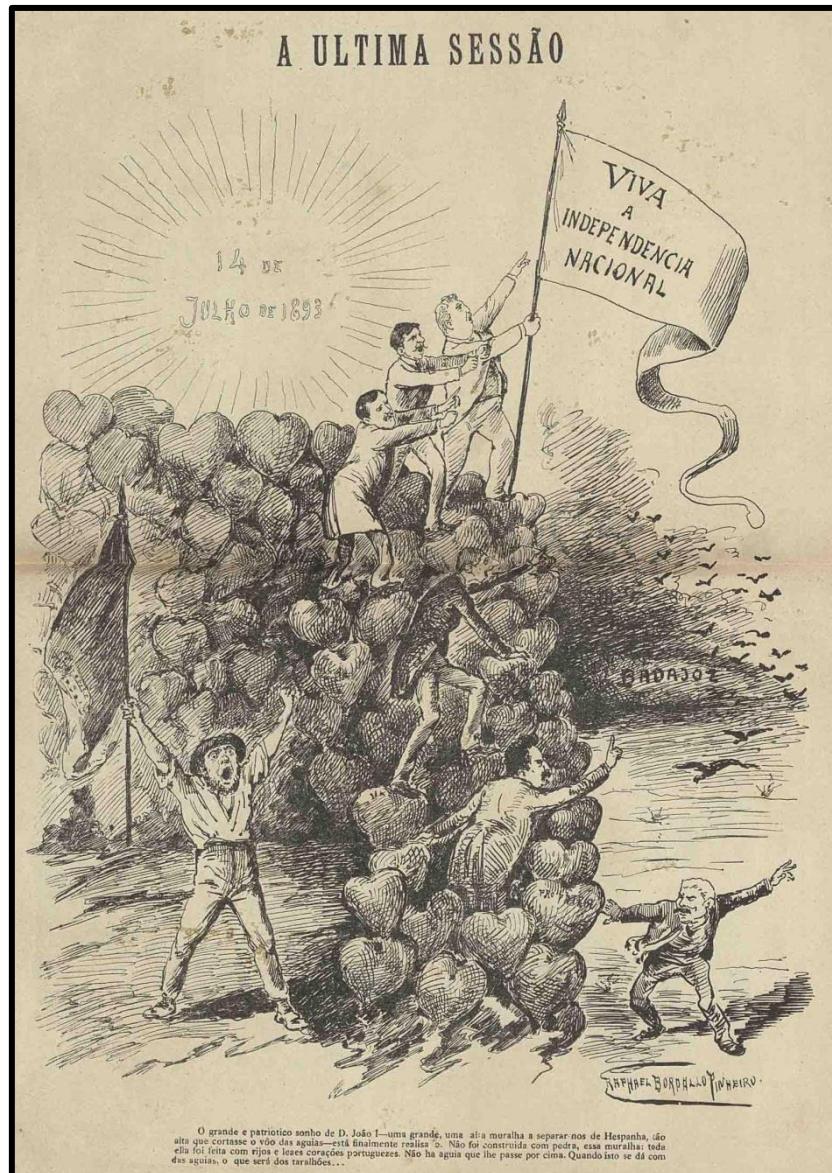


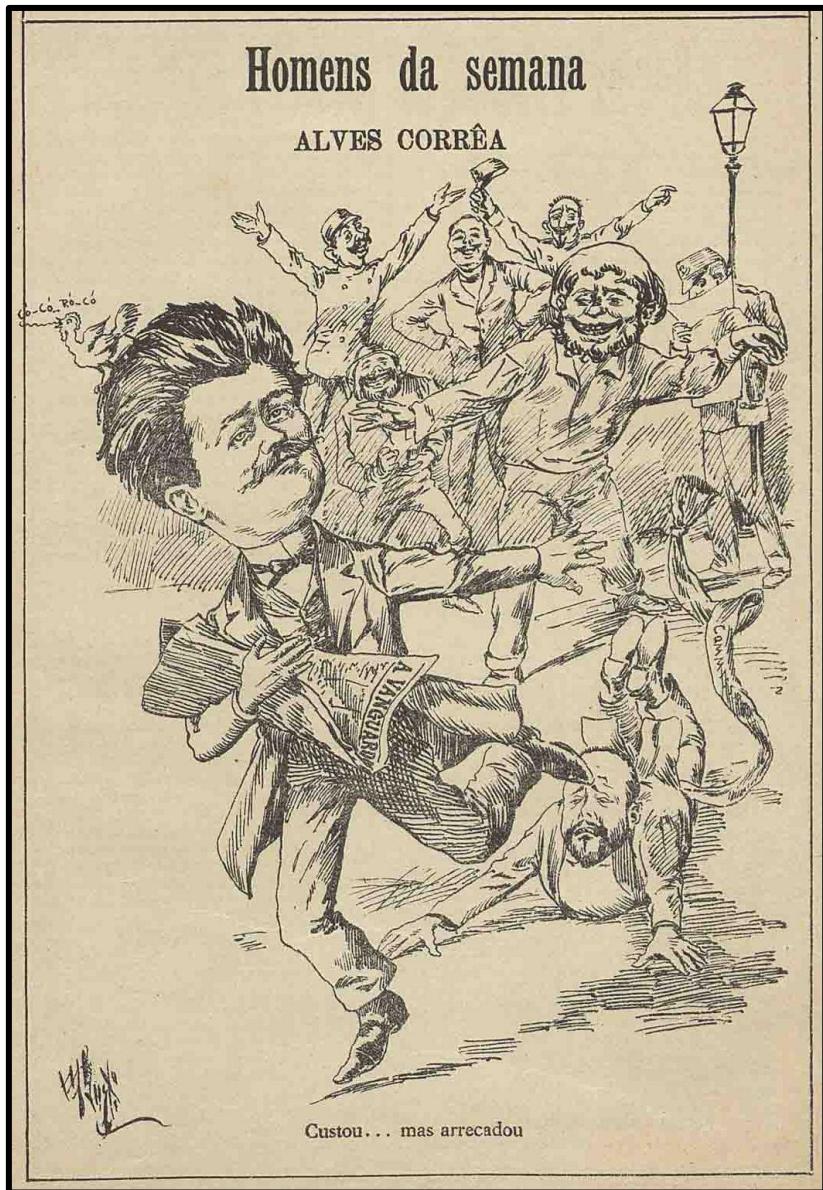
PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E *ANTÔNIO MARIA* (1890-1894)



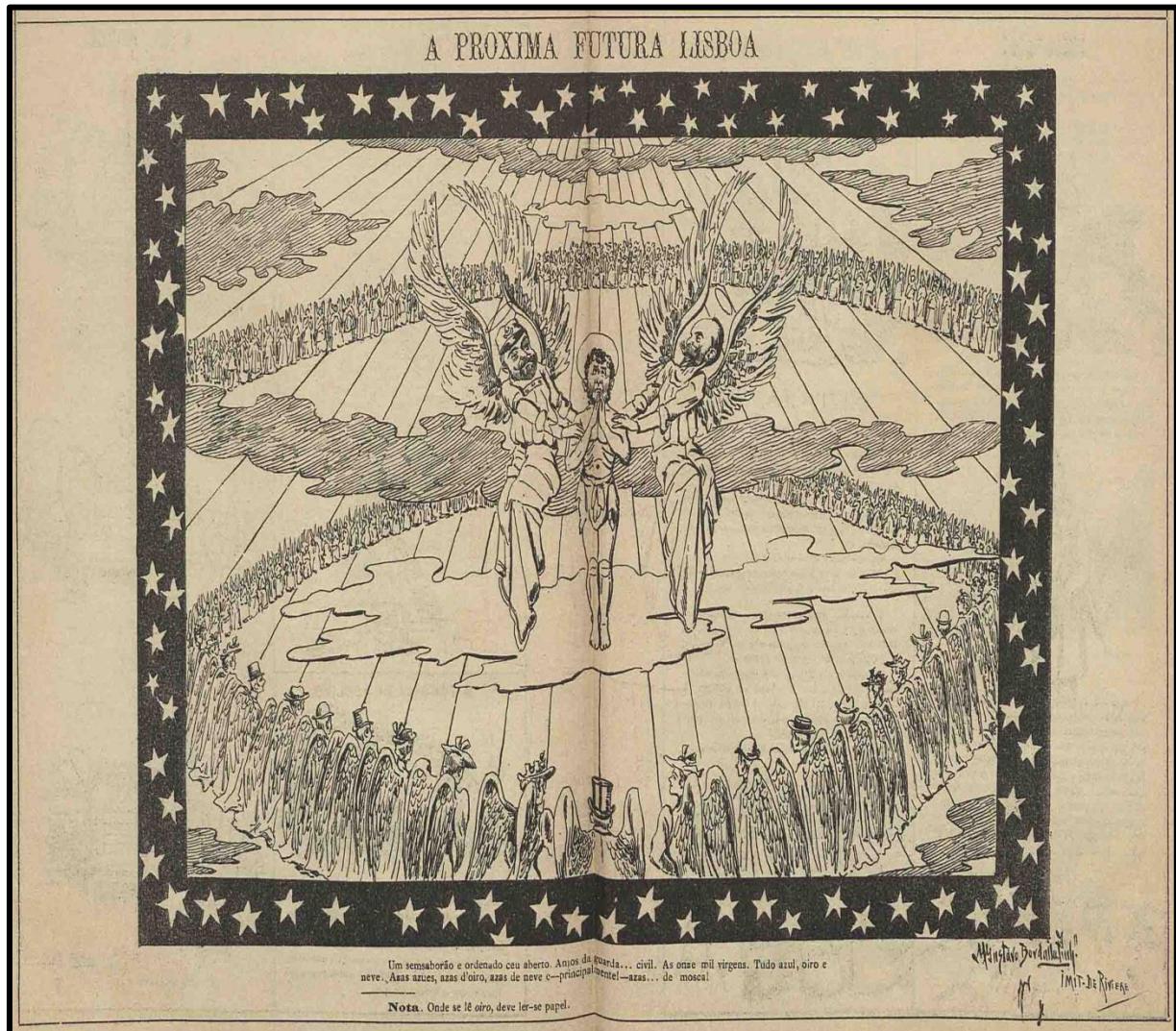


PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)



Enquanto houve algumas falhas nas edições ao longo de 1893, no ano seguinte, o *Antônio Maria* teve ainda mais dificuldades em manter sua circulação regular, havendo entre janeiro e setembro, meses em que só saíram dois números e, em outros, apenas um, chegando o mês de agosto a não apresentar edições, sendo retomada a normalidade de distribuição semanal apenas no último trimestre. Ainda assim, o Zé Povinho não deixou de se fazer presente, como na caricatura “Pela política a fora”, a qual buscava demonstrar os conflitos, as alianças e os conchavos entre os políticos, quadro diante do qual, o Zé virava as costas e preferia divertir-se¹²⁷. Em outra oportunidade o Zé Povo debochava da aparência de um rebento, cujas feições lembravam as de um homem público luso, buscando depreciá-lo¹²⁸. O tradicional hábito português de vender castanhas assadas na rua era apresentado pelo periódico, comparando as diferentes formas de executar tal atividade com as diversas práticas políticas executadas no país e, ao final do conjunto caricatural, um ancião perguntava ao Zé se ele também não degustaria a iguaria, obtendo por resposta que lhe faltava dinheiro para fazê-lo¹²⁹. Mais uma vez carregando nas cores da ironia, a publicação caricata apresentava os políticos como figuras santificadas, pondo-se a discursar, mas contando com a audiência de um “cético” Zé Povinho, declarando abertamente que colocava em dúvida a sinceridade deles¹³⁰.

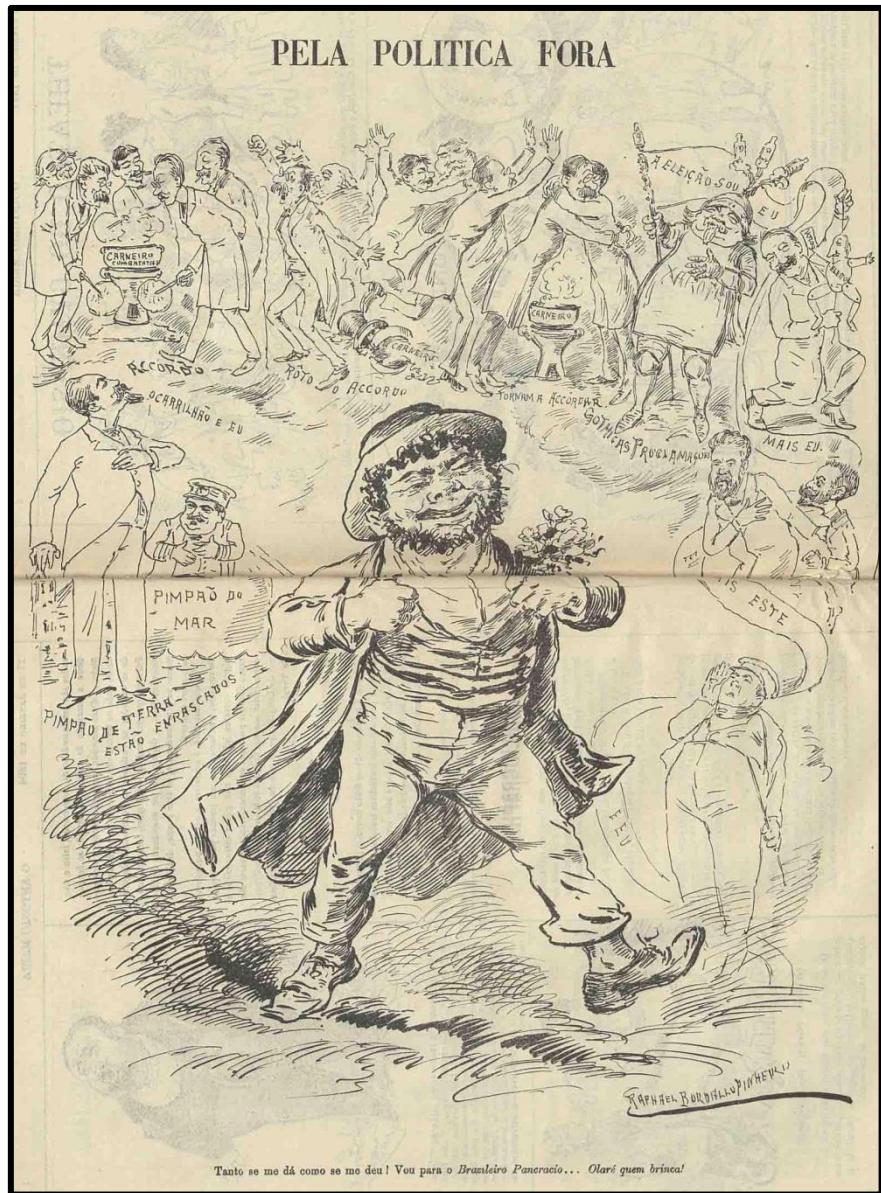
¹²⁷ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 27 jan. 1894.

¹²⁸ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 5 maio 1894.

¹²⁹ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 4 out. 1894.

¹³⁰ ANTÔNIO MARIA. Lisboa, 25 out. 1894.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)

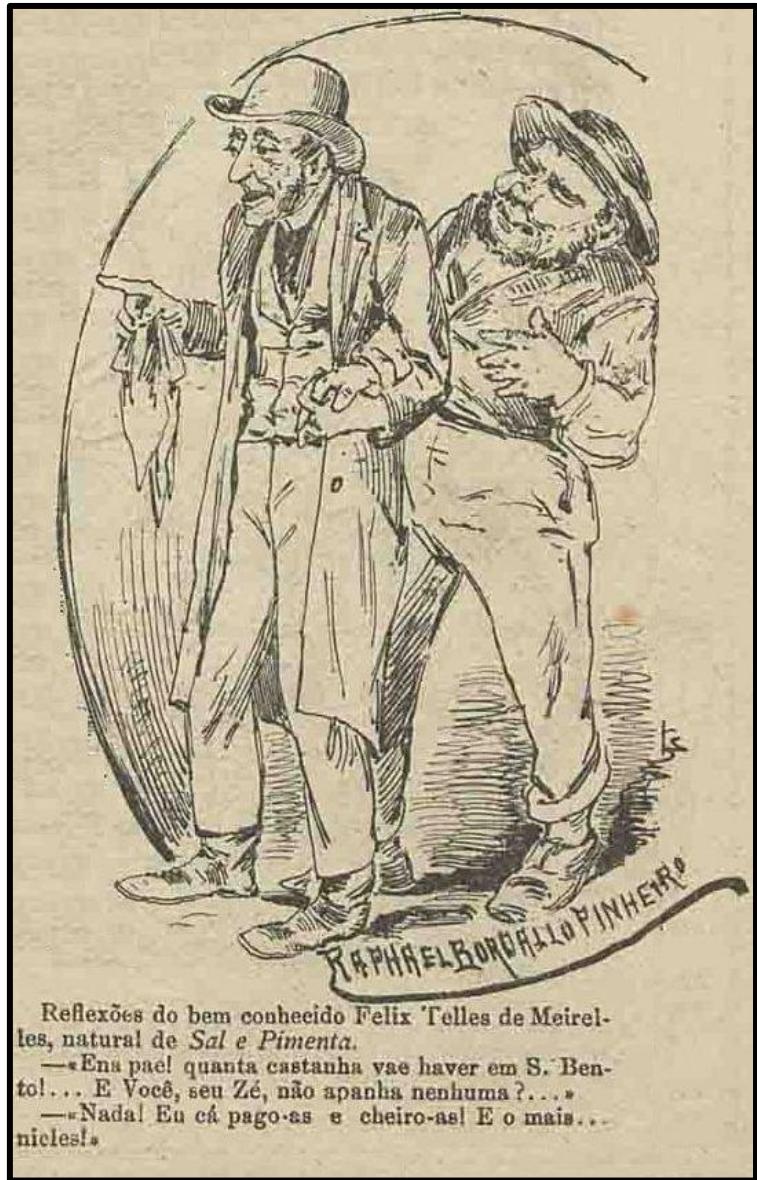


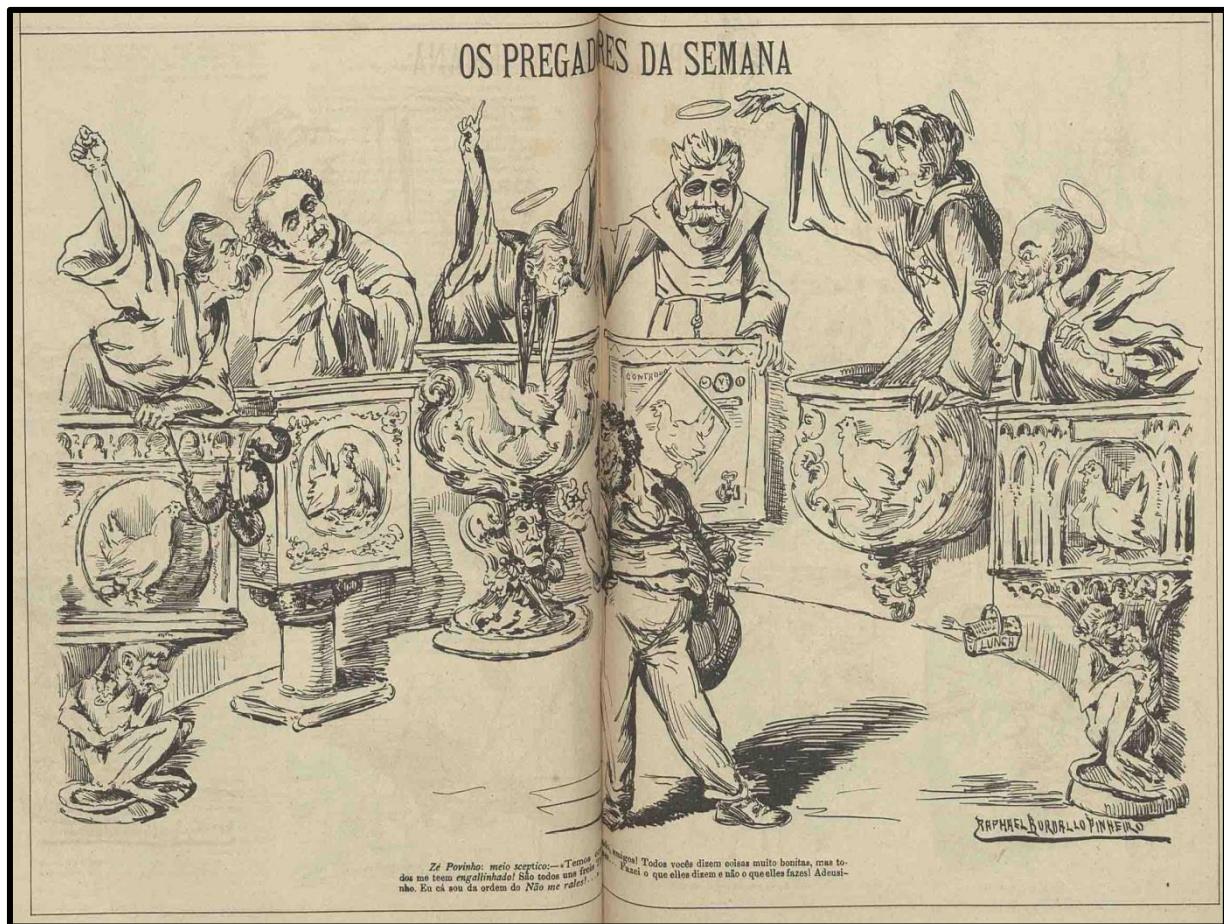
A Carolina apresentando o Bacillus



—Isto não é o bacillus de Kok. E' o bacillus de Kaka.

PRESENÇAS DO ZÉ POVINHO NAS PÁGINAS DOS PERIÓDICOS PONTOS NOS *ii* E ANTÔNIO MARIA (1890-1894)





Com base no pensamento republicano de Rafael Bordalo Pinheiro, o *Pontos nos ii* e o *Antônio Maria*, sustentando o norte editorial satírico-humorístico, opinativo e incisivo, não pouparam oportunidades para expressar profundas críticas à forma de governo que vigorava em Portugal. Para tanto a

criação caricatural de Pinheiro, o Zé Povinho, construído para designar o homem comum luso, constituiu uma estratégia imagética e textual, por meio de suas “falas” e “atitudes”, fundamental para a expressão do ideário antimonárquico. Por ocasião do ultimato britânico de 1890, pelo qual a potência abocanhava parte do território colonial lusitano no continente africano, o olhar crítico sobre a monarquia tornou-se ainda mais acentuado e o semanário lisbonense não só acompanhou como também estimulou a indignação predominante em meio ao reino. Além de buscar uma participação efetiva em verdadeira cruzada anti-britânica, o periódico imputou ao governo monarquista grande parte da culpa pela crise externa e interna vivida por Portugal.

Em meio a essa atitude, o Zé Povinho teve um papel de destaque, por um lado, mobilizando-se para o enfrentamento com os ingleses e demonstrando raiva pelo ato estrangeiro considerado agressivo, mas por outro, revelando certo desinteresse, demarcando a passividade e apatia com que muitas vezes os lusos foram estereotipados. Ao mesmo tempo e muitas vezes em associação ao episódio diplomático com os britânicos, o Zé indignava-se, ironizava ou tratava como pilhérias aquilo que considerava como desmandos governamentais, apontando para falhas políticas e administrativas, práticas corruptas e espoliação dos pobres por meio da tributação. Nessa linha, o ultimato servia como um fator motor a partir do qual houve um recrudescimento do olhar crítico para com os homens públicos, aguçando o espírito de contestação e reivindicação, o qual contrabalançava com a suposta candura atribuída aos lusos. Assim, o Zé Povinho aparecia como um catalisador das ânsias e

angústias dos portugueses, saudosos de um passado considerado como de glórias, daquele país que fora uma potência mundial, a partir do processo de expansão marítimo-comercial e que, cada vez mais se tornara uma nação periférica na Europa. Tal qual Portugal, o Zé, sem poderes e com poucos recursos, inclusive para defender suas posses coloniais na África, teve inclusive de enfrentar o seu “histórico aliado”, mas muitas vezes algoz e traiçoeiro “amigo” John Bull, cujas atitudes, mais do que ajudar, contribuíam para o aprofundamento das dificuldades vividas por aquele pequeno reino, premido entre a Europa e o Atlântico.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

